



Karyn de Paula Mota

**Clarice Lispector na Era Digital: a
apropriação da escritora na Rede**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Comunicação Social do Departamento
de Comunicação da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.^a Tatiana Oliveira Siciliano

Rio de Janeiro
Agosto de 2018



Karyn de Paula Mota

**Clarice Lispector na Era Digital: a
apropriação da escritora na Rede**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social do Departamento de Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof.^a Tatiana Oliveira Siciliano

Orientadora

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – PUC-Rio

Prof. Felipe Gomberg

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – PUC-Rio

Prof. Gabriel Chavarry Neiva

Departamento de Comunicação Social - FACHA

Prof. Augusto Cesar Pinheiro da Silva

Vice-Decano Setorial de Pós-Graduação do
Centro de Ciências Sociais

Rio de Janeiro, 08 de agosto de 2018

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Karyn de Paula Mota

Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, em 2014. Foi *Visiting Scholar Fellow* na Brown University (USA), The Hebrew University of Jerusalem (Israel) e na Université Paris VIII Vincennes Saint-Denis (França), em 2017. Foi convidada para realizar o programa de Ph.D. pela Brown University no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros.

Ficha Catalográfica

Mota, Karyn de Paula

Clarice Lispector na era digital : a apropriação da escritora na rede / Karyn de Paula Mota ; orientadora: Tatiana Oliveira Siciliano. – 2018.

118 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2018.

Inclui bibliografia

1. Comunicação Social – Teses. 2. Clarice Lispector. 3. Redes sociais. 4. Cultura participativa. 5. Campo artístico. 6. Literatura. I. Siciliano, Tatiana Oliveira. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação Social. III. Título.

CDD: 302.23

Para minha mãe, Keila Oliveira de Paula Mota, meu pai, Augusto Mota da Silva Filho e minha irmã, Kizzy de Paula Mota

Agradecimentos

À minha orientadora, Prof. Dra. Tatiana Siciliano, por ter me guiado durante esta pesquisa acadêmica com suas contribuições intelectuais e seu apoio compreensivo.

À Capes, pelo auxílio concedido, essencial para a dedicação exclusiva a este trabalho.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, à Vice-Reitoria de Assuntos Acadêmicos e ao Departamento de Comunicação Social, pelo incentivo a pesquisa avançada, transformadora e inédita.

À Brown University (EUA) por me receber como Visiting Scholar Fellow em um convênio firmado com a PUC-Rio por mais de vinte anos promovendo auxílio para viagem de pesquisa.

Ao Portuguese and Brazilian Studies Department da Brown University pelo apoio e auxílio prestado durante minha estadia nos Estados Unidos.

Ao Prof. Dr. Nelson Vieira, por sua orientação acadêmica durante o período de pesquisa na Brown University promovendo a compreensão do universo de Clarice Lispector.

Ao Prof. Dr. James Green, por fomentar a investigação de assuntos referentes a política, história e cultura brasileira, a partir da oportunidade de participar do projeto Opening the Archives desenvolvendo pesquisa no US National Archives and Records Administration em Washington, DC (EUA).

À The Hebrew University of Jerusalem (Israel) por me receber como Visiting Scholar sob a supervisão da Prof. Dra. Ruth Fine para analisar as impressões étnicas judaicas na literatura de Clarice Lispector.

À Université Paris VIII Vincennes – Saint Denis e ao Laboratoire Étude de Genre et Sexualité – LEGS (França) por me receber como Visiting Scholar com a orientação da Prof. Dra. Nadia Setti para investigar as marcas de gênero nas contribuições literárias de Clarice Lispector.

À minha mãe, Keila Oliveira de Paula Mota, por ser minha maior incentivadora e amuleto que protege e inspira as mais importantes virtudes.

Ao meu pai, Augusto Mota da Silva Filho, por seus ensinamentos e pelo apoio

fundamental para o desenvolvimento de minha carreira acadêmica.

Á minha irmã, Kizzy de Paula Mota, por ser minha grande inspiração de profissional bem-sucedida e por ser minha companheira em todos os tempos e circunstâncias.

Ao meu Timothy Jergesen, for teaching me what affection means.

Resumo

Mota, Karyn de Paula; Siciliano, Tatiana Oliveira. **Clarice Lispector na Era Digital: a apropriação da escritora na Rede.** Rio de Janeiro, 2018. 118p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A dissertação investiga a apropriação da imagem da escritora Clarice Lispector na internet. Clarice Lispector é consagrada pelo universo acadêmico e pela crítica literária – isto é, dos agentes que constroem as regras da arte - como um dos cânones do “campo artístico” brasileiro (BOURDIEU, 1986). Atualmente as representações sobre a escritora – fragmentos de seus textos e sua imagem - são amplamente disseminadas pelas redes sociais na internet, tornando-se objetos de desejo de um público maior e mais heterogêneo. A proposta deste trabalho é refletir sobre algumas das instâncias de legitimação de Clarice Lispector na internet: a) o site do Instituto Moreira Salles, que conta com documentos raros, biografia e mapeamento de textos da e sobre a escritora, a partir da pesquisa de acadêmicos de prestígio na área da literatura. O site, que se constrói como um dos principais repositórios sobre Clarice Lispector, acaba sendo menos visitado, por ser orientado para uma pesquisa mais acadêmica. b) páginas no *Facebook* sobre Clarice elaboradas por seus fãs. Serão analisadas as páginas com maior número de visualizações. Tendo como *corpus* da investigação o espaço das tecnologias descentralizadas e personalizadas, leva-se em consideração a inexistência de códigos de ética formais. O estudo procura compreender a dinâmica dos leitores-consumidores que fazem parte de um público, anteriormente à margem do processo de criação, que atuavam apenas espectadores, e que contemporaneamente tornaram-se participantes fundamentais na produção de conteúdo, ao recriarem e resignificarem conteúdos retirados das obras claricenas. Para tanto, a pesquisa empreendeu a coleta de postagens em páginas com mais de 50 mil seguidores dedicadas a Clarice Lispector na rede social *Facebook*, buscando uma análise comparativa com o material empiricamente observado no website institucional sobre a escritora brasileira desenvolvido pelo Instituto Moreira Salles (IMS). Entrevistas também foram realizadas para obtenção de informações precisas sobre o fluxo, na produção de micronarrativas claricenas, movimentado pelos fãs amadores e pelos profissionais literários. De uma forma geral, buscou-se compreender o papel dessas duas forças respectivamente ativas e que integram a composição heterogênea do fenômeno Clarice Lispector nas redes sociais.

Palavras-chave

Clarice Lispector; Redes Sociais; Cultura participativa; Campo artístico; Literatura.

Abstract

Mota, Karyn de Paula; Siciliano, Tatiana Oliveira. (Advisor) **Clarice Lispector in the Digital Era: the appropriation of the writer in social networks.** Rio de Janeiro, 2018. 118p. MSc. Dissertation de Mestrado - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The dissertation investigates the appropriation of the image of the writer Clarice Lispector on the internet. Clarice Lispector has been consecrated by the academic universe and literary review - namely, agents who construct the rules of art - as a canonical member of the Brazilian "artistic field" (BOURDIEU, 1986). Currently, the representation of the writer - fragments of her novels and her image - are widely disseminated throughout the social networks on the Internet, becoming objects of desire of a larger and more heterogeneous public. The purpose of this academic work is to reflect on some instances of legitimation of Clarice Lispector on the Internet: a) The website of Instituto Moreira Salles which has rare documents, biographical materials and mapping of texts from and about the writer, based on academic research of prestigious scholars of the literary field. The website, which is being built as one of the main repositories on Clarice Lispector's literary production, which is less visited because it is oriented towards more academic research. b) Facebook pages about Clarice made by her fans. Pages with the highest number of views will be analyzed. Taking as *corpus* of research the sphere of decentralized and personalized technologies, the investigation takes into consideration the inexistence of formal codes of conduct. The study seeks to understand the dynamics of consumer-readers who are part of an audience, previously at the margins of the creative process, who were only spectators, and who at the same time became key participants in the production of content by re-creating and reframing content taken from Clarice Lispector's novels. Therefore, the research collected posts dedicated to Clarice Lispector in pages with more than 50.000 followers in the social network *Facebook*, seeking a comparative analysis with the material empirically observed in the institutional website about the Brazilian writer developed by Instituto Moreira Salles (IMS). A series of interviews were held to obtain accurate information about the workflows in the production of Clarice Lispector micronarratives, driven by amateur fans and literary scholars. In General, the research sought to understand the role of these two active forces, which integrate the heterogeneous composition of the phenomenon of Clarice Lispector in social networks.

Keywords

Clarice Lispector; Social Networks; Participatory Culture; Artistic Field; Literature.

Sumário

1. Introdução	12
2. Contribuições Claricianas para a Imprensa Nacional	24
2.1. Jornais e Revistas	31
2.2. Colunas Femininas: Tereza Quadros	33
2.3 Colunas Femininas: Helen Palmer	36
2.4 A escrita de Clarice Lispector e sua popularidade através da Imprensa Nacional	39
2.5. Investigação, Clarice Lispector e a Internet	42
3. Clarice na Internet	49
3.1. Clarice Lispector: Instituto Moreira Salles (IMS)	49
3.2. Arquitetura do Website	49
3.3. Disposições temáticas do Website	53
3.4. Cronologia de Clarice Lispector	53
3.5. Obras Completas de Clarice Lispector	55
3.6. Produções Acadêmicas sobre Clarice Lispector	59
3.7. Evento Hora de Clarice	72
3.8. Clarice Lispector e o Rio de Janeiro	73
3.9. Entrevista com especialistas	78
4. Clarice nas Redes Sociais	83
4.1. Clarice Lispector: Páginas no Facebook	83
4.1.2. Seleção do Conteúdo	83
4.2. Descrição do Conteúdo	89
5. Considerações Finais	111
6. Referências Bibliográficas	116

Lista de figuras

Figura 1: Capa de apresentação do site sobre Clarice Lispector desenvolvido pelo Instituto Moreira Salles (IMS).....	51
Figura 2: Cronologia da vida de Clarice Lispector desenvolvida pela professora Nádia Batella Gotlib	54
Figura 3: Capa de apresentação do tópico Livro a Livro do site de Clarice Lispector do IMS	55
Figura 4: Capa de apresentação do subtópico Teses e Dissertações do site sobre Clarice Lispector do Instituto Moreira Salles (IMS).....	60
Figura 5: Trecho manuscrito das notas feitas por Clarice sobre sua obra <i>A Hora da Estrela</i>	64
Figura 6: Trecho manuscrito das notas feitas por Clarice Lispector para sua obra <i>A Hora da Estrela</i> com explicação provida pelo Departamento de Literatura do Instituto Moreira Salles (IMS).....	65
Figura 7: Conteúdo de carta redigida por Clarice Lispector ao Presidente da República, Sr. Getúlio Vargas	68
Figura 8: Mapa da cidade do Rio de Janeiro com referências as obras de Clarice Lispector.....	74
Figura 9: Mapa da cidade do Rio de Janeiro com evidenciação do trecho que remete a obra de Clarice Lispector.....	74
Figura 10: Dados sobre a visitação do site exclusivo de Clarice Lispector desenvolvido pelo IMS referentes ao mês de fevereiro de 2018....	81
Figura 11: Gráfico que evidencia as visualizações do site exclusivo de Clarice Lispector desenvolvido pelo IMS durante os anos de 2016, 2017 e 2018.....	82
Figura 12: Capa da Página do Facebook Clarice Lispector @aguavivaclaricelispector	89
Figura 13: Capa da Página do <i>Facebook</i> ClariceLispector	92
Figura 14: Figura 14: Imagem ilustrativa utilizada no post da Página do <i>Facebook</i> ClariceLispector publicado no dia 08/06/2018	95
Figura 15: Postagem da Página do Facebook ClariceLispector publicada no dia 10/06/2018.....	96

Figura 16: Postagens da Página do <i>Facebook</i> ClariceLispector publicadas, respectivamente, nos dias 11/06/2018 e 14/06/2018	97
Figura 17: Postagens da Página do Facebook ClariceLispector publicadas, respectivamente, nos dias 14/06/2018; 28/06/2018; e 29/06/2018	98
Figura 18: Fluxograma por mim desenvolvido a partir de dados cedidos por Carlos Nascimento, gerenciador da página do Facebook ClariceLispector.....	99
Figura 19: Tabela por mim desenvolvida a partir de dados cedidos por Carlos Nascimento, gerenciador da página do Facebook ClariceLispector.....	100
Figura 20: Capa da Página do Facebook Clarice Lispector Frases	101
Figura 21: Dados sobre o alcance retirados da Página ClariceLispector gerenciada por Carlos Nascimento	102
Figura 22: Dados sobre a visualização da página ClariceLispector gerenciada por Carlos Nascimento	103
Figura 23: Dados sobre o comportamento dos seguidores da página ClariceLispector gerenciada por Carlos Nascimento.....	104
Figura 24: Postagens da Página do Facebook Clarice Lispector Frases publicadas no dia 24/06/2018.....	107
Figura 25: Dados sobre o alcance da página Clarice Lispector Frases gerenciada por Juliana Vasconcelos	108
Figura 26: Dados sobre a visualização da página Clarice Lispector Frases gerenciada por Juliana Vasconcelos	109
Figura 27: Dados sobre o comportamento dos seguidores da página Clarice Lispector Frases gerenciada por Juliana Vasconcelos	110

1. Introdução

“Mas alguma coisa falhara. Quando o ser se via no retrato que os outros haviam tirado, espantava-se humilde diante do que os outros haviam feito dele. Havia feito dele, nada mais, nada menos, que um ser eleito; isto é, haviam-no sitiado. Como desfazer o equívoco? Por simplificação e economia de tempo, haviam fotografado o ser. E agora não se referiam ao ser, referiam-se à fotografia. Bastava aliás abrir a gaveta para tirar de dentro o retrato. Qualquer um, aliás, conseguia uma cópia. Custava barato, aliás.

Quando diziam para o ser: eu te amo (mas e eu? e eu? por que não a mim também? por que só o meu retrato?), o ser se perturbava porque nem ao menos podia agradecer: não tinha o que agradecer. E não reclamava, pois sabia que os outros não erravam por maldade, os outros tinham se dado a uma fotografia, e as pessoas não brincam: têm muito a perder. E não podia arriscar: seria a fotografia ou nada. O ser, por uma questão de bondade, tentava às vezes imitar a fotografia a fim de valorizar o que os outros tinham, isto é, a fotografia. Mas não conseguiu manter-se à altura simplificada do retrato. E às vezes se confundia todo: não aprendia a copiar o retrato, e esquecer-se de como era sem o retrato. De modo que, como se diz do palhaço que ri, o ser às vezes chorava sob a sua caiada pintura de bobo da corte.” (LISPECTOR, 1984, p. 416)

A epígrafe retirada de um texto melancólico de Clarice Lispector intitulado “Perfil de seres eleitos” pode ser interpretada como uma rebelião da escritora contra a reprodutibilidade de sua imagem e, ainda mais, contra a mitificação de sua persona. Clarice afirmaria que “a posição de um mito não é muito confortável.” (HOHLFELDT, 1971, p.02). Tratando-se de um perfil que ilustra a formação de uma lenda que se encontra em total oposição ao que a escritora realmente era, o que fica evidente após a recusa da autora a qualquer entrevista já que “eles não iam entender uma Clarice Lispector que pinta as unhas dos pés de vermelho” (CAMBARÁ, 1975, p. 12), o mistério dessa simples dona de casa, uma mãe judia que oferecia ao seus convidados bolinhos e Coca-Cola perpetua ao longo dos anos¹.

O crítico cultural, filósofo e sociólogo Walter Benjamin em seu ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* atesta a emancipação da técnica e afirma o valor preciso e imperioso da fotografia que confronta a estética tradicional. O retrato colocado em evidência pela a epígrafe supracitada observa a tendência estéril de copiar o mundo exterior, o que fica evidenciado pelas palavras

¹Referência indicada na obra “Clarice, uma biografia” do escritor americano Benjamin Moser no capítulo de abertura *A Esfinge*.

de Benjamin acerca do universo da exposição que encontra seu destaque através de retratos e fotografias.

“Com a fotografia, o valor de culto começa a recuar, em todas as frentes, diante do valor de exposição. Mas o valor de culto não se entrega sem oferecer resistência. Sua última trincheira é o rosto humano. Não é por acaso que o retrato era o principal tema das primeiras fotografias. O refúgio derradeiro do valor de culto foi o culto da saudade, consagrada aos amores ausentes ou defuntos. A aura acena pela última vez na expressão fugaz de um rosto, nas antigas fotos. É o que lhes dá sua beleza melancólica e incomparável. Porém, quando o homem se retira da fotografia, o valor de exposição supera pela primeira vez o valor de culto.” (BENJAMIN, 1969, p. 174)

A questão da reprodutibilidade diz respeito diretamente ao esvaziamento de significado que acompanha a exibição ausente de um sentido transformado que se espera de uma obra de arte. No contexto contemporâneo mudam-se os meios através dos quais se possibilita a reprodução, mas mantêm-se o “objetivo que é tornar ‘mostráveis’, sob certas condições sociais, determinadas ações de modo que todos possam controlá-las e compreendê-las, da mesma forma como o esporte fizera antes, sob certas condições naturais. Esse fenômeno determina um novo processo de seleção, uma seleção diante do aparelho, do qual emergem como vencedores, o campeão, o astro e o ditador.” (BENJAMIN, 1969, p. 183).;

No impulso da era digital, a presença de um internauta no mundo cibernético, conectado e interativo também se dá através de perfis criados nas redes sociais. A sua presença no lugar de maior significação no mundo contemporâneo é determinada a partir de uma complexa estrutura que evidencia uma apresentação pública que revela data de nascimento, local de nascimento e de atual residência, sexo, status de relacionamento, membros da família, escolaridade, instituições de ensino, e sem contar as preferências sociais, culturais, literárias, musicais, esportivas, e assim por diante com uma infinidade de opções para todos os gostos e qualidades.

Os perfis nas redes sociais não apenas fornecem informações. A partir deles, um indivíduo devidamente ornado por suas principais, e, inclusive, mais detalhadas características, possui a prerrogativa de diversas ações que só podem ocorrer no plano virtual e que já se encontram completamente assimiladas por toda sociedade

contemporânea. No imperativo essas ações se dão: curtir, seguir, compartilhar, marcar, atualizar, postar, publicar.

Tudo isso com direito a ilustração de fotos e vídeos, com a possibilidade de transmissão ao vivo do que se deseja, indicando sua exata localização por intermédio de GPS. Enaltecendo seus sentimentos com cento e dezenove opções de palavras e suas devidas expressões correspondentes, e selecionando uma entre as quinze atividades disponíveis para serem realizadas, contando com a chance de evidenciar os amigos virtuais que se deseja.

Expondo uma entre sete opções de eventos que dizem respeito a sua vida com pelo menos dez categorias específicas para traduzir em detalhes do que se trata. Angariando potenciais compradores para algo que se pretende vender, pesquisando entre seus amigos virtuais que possuem uma localização próxima recomendações sobre qualquer tópico, elegendo fotos e vídeos para montagem automática de animações divertidas, e até realizar doações financeiras para causas sociais que se apoia.

Todas as ações ficam registradas e alimentam a sua página de notícias, isto é, seu perfil mantém-se atualizado com todas as novidades que são consequências das interações realizadas nas redes sociais. Uma versão inédita é associada ao seu perfil com as devidas alterações, acréscimos, correções, e recentes progressos. O deleite acumulado pela oportunidade de interagir gera um movimento social sem precedentes que é marcado por extensas listas de amigos virtuais que são o público-alvo dessa indescritível produção de conteúdo que pretender informar, envolver, influenciar, expressar, polemizar, concordar, contrariar, unir, apartar, mas, sobretudo, comunicar.

Sendo uma plataforma livre e gratuita, goza-se de seu arsenal de ferramentas – para muitos ainda não exploradas em sua completude devido a imensidão que corresponde as suas funcionalidades – mas que cumprem facilmente a missão de dar voz de maneira ilimitada a todos os internautas.

O poder participativo inerente as redes sociais retiraram os indivíduos do anonimato, e sob as luzes dos holofotes a busca pelo protagonismo tornou-se rizoma

das presenças perfiladas minuto a minuto no mundo digital e virtual. Como representação da cultura e da sociedade que se dá exclusivamente em potência, contando com a capacidade imanente de um efeito real no âmbito de uma experiência possível, os internautas tomaram em suas mãos o comando narrativo na esfera comunicacional.

Com a liberdade e o privilégio da produção de relatos, depoimentos, observações, e críticas, como peças principais de um mosaico heterogêneo de criações multimídias nas redes sociais, observa-se um fenômeno literário centrado na escritora brasileira de ascendência judaica Clarice Lispector, que no universo acadêmico e nos círculos intelectuais é consagrada como um cânone nacional. Sua relevância no campo das Letras apresenta-se nos mais diversos formatos.

Seja na imprensa com textos factuais, entrevistas, crônicas literárias, colunas femininas; ou em seus contos e romances, Clarice Lispector é considerada mundialmente um pilar no que diz respeito aos aspectos culturais mais autênticos do Brasil. Clarice Lispector, escreveram os críticos, era “a mais rara personalidade literária no nosso mundo das letras”; “algo de excepcional”; dotada de uma “estonteante riqueza verbal” (FINAMOUR, 1960, p. 06). O lançamento de seu primeiro romance *Perto do Coração Selvagem* quando tinha apenas 23 anos deu início ao chamado “furacão Clarice”, o que foi atestado por diversos especialistas nos principais meios de comunicação em massa do país, como aconteceu no jornal *A Manhã* que declarou ser a “maior estreia feminina de todos os tempos na literatura brasileira.” E outro crítico ainda foi mais longe: “*Perto do Coração Selvagem* é o maior romance que uma mulher jamais escreveu em língua portuguesa.”²

A identificação do público leitor com os escritos da autora se dá, principalmente, pelas vertentes dos símbolos sociais, das influências étnicas, das reafirmações de gênero, e da internacionalização contemporânea. Na mediação

²Essas citações foram tiradas do levantamento mais abrangente das primeiras críticas da obra de Clarice Lispector presente na biografia “Clarice,” desenvolvida pelo escritor americano Benjamin Moser em que ele indica em sua pesquisa particularmente Dinah Silveira de Queiroz, *O Jornal*, jan. 1944. *Perto do Coração Selvagem*: “Ovação”, in Carlos Mendes Sousa, *Clarice Lispector figuras da escrita*, op. cit, pp. 59-71; Oscar Mendes, “Um romance diferente”, *O Diário* (Belo Horizonte), 6 ago. 1944; Guilherme Figueiredo, “O sentimento das palavras”, *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 jan. 1944; Lêdo Ivo, *Jornal de Alagoas*, 25 fev. 1944; Otávio de Freitas Júnior, *A Manhã*. Rio de Janeiro, 13 maio 1944.

entre o conteúdo originário e a prática de apropriação que rege a sociedade globalizada em seus respectivos aspectos políticos, econômicos, sociais, e culturais, Clarice Lispector, com suas palavras e sua imagem, tornou-se objeto de desejo nacional. Sua página no *Facebook* conta com mais de um milhão e meio de seguidores.

Vislumbrar o perfil de Clarice Lispector como um ser eleito pelos internautas nas redes sociais, assim como foi descrito em seu conto intitulado “Perfil dos seres eleitos”, é motivo de esmiuçada análise comportamental e literária das personagens principais desse enredo marcadamente contemporâneo que tem a indústria cultural e midiática como principal balizador para o que deverá ultrapassar os predicados da subjetivação intelectual para se tornar um bem de consumo reiterado pela personificação do alcance virtual através de seus leitores-consumidores.

Consumidores estes que sempre estiveram nas margens da indústria cultural midiática e que foram trazidos para o centro das atenções do debate público. A inexistência de códigos de ética e contratos sociais que determinam as condutas que devem ser adotadas dentro desse espaço, e em relação aos demais indivíduos, coloca os que antes eram simples espectadores como participantes fundamentais na produção, seleção e distribuição do conteúdo retirado das obras de Clarice Lispector e recriado pelos internautas. Trata-se da predominância de um material customizado e interativo que é a ressonância de tecnologias descentralizadoras e personalizadas.

Na região fronteira cultural, a criação de valor e sentido dentro da cultura popular midiática representada pelos internautas que interagem através de seus perfis nas redes sociais e que possuem o desejo de reescrever histórias essenciais, como as encontradas nas produções literárias contidas no universo lispectoriano, representam uma miscelânea de diferentes oportunidades para a participação que se dá de maneira individual ou coletiva a partir da reformulação e recontextualização de conteúdos disponíveis pelas mesmas.

Sendo a mídia parte essencial na vida das pessoas enquanto membros de uma comunidade, institui-se uma complexa relação do público midiático com a cultura, afinal, a demanda dos consumidores se dá a partir da apropriação e

transformação do conteúdo advindo da cultura tradicional, que carregaria em si uma pureza ideológica e estética, como acontece com Clarice Lispector, que foi colocada por suas marcas literárias existencialistas e introspectivas em um pedestal, a princípio, inalcançável em razão de seu brilhantismo singular.

“[...] o mundo nos aparece como uma infinita e desestruturada coleção de imagens, textos e outros arquivos de dados, é apropriado que sejamos movidos a modelá-lo como um banco de dados. Mas também é apropriado que queiramos desenvolver uma poética, uma estética e uma ética do banco de dados.” (MANOVICH, 2015, p. 08)

O teórico da cultura digital, Lev Manovich, em seu artigo acadêmico intitulado “O Banco de Dados”, desenvolve um argumento sobre a lógica antinarrativa da web e sobre o processo criativo na era do computador. Seus apontamentos acerca da matéria midiática no interior do universo digital são norteados pela centralidade das listas de conteúdo informacional, isto é, o banco de dados. A manifestação do princípio de variabilidade das novas mídias legitima a existência de uma forma cultural própria, e, também, de um novo valor simbólico fundamentado na consciência do processo global.

Manovich procura desembaraçar os vestígios que irão irradiar a percepção atomista e regressiva do que pode ser classificado como as micronarrativas produzidas na era digital. O autor define esse produto de devir dizendo:

Muitos novos objetos midiáticos não contam histórias; eles não têm início ou fim; de fato, não tem qualquer desenvolvimento temático ou formal, ou outra coisa que possa organizar seus elementos em uma seqüência. Em vez disso, eles são coleções de itens individuais, em que cada item possui a mesma importância que qualquer outro. (MANOVICH, 2015, p. 08)

É tematizado na imagem estética dessas micronarrativas o seu elemento artificial que remete a uma obra fantasmagórica que imprime em seus múltiplos códigos o valor de uma presa do relativismo vulgar, e assume a posição determinística como algo de indiferente. As diversas contradições no horizonte do universo cibernético - que representam a nova forma do homem estruturar suas experiências - são a ignomínia da grande narrativa, e sedimentam o desgosto perante o insípido.

O rigor monodológico da crítica imanente irá concernir com o *gestus* do homem contemporâneo que possui um banco de dados marcado pela irreconciliabilidade constitutiva devido ao caráter vago ser-no-tempo que sintetiza a antítese da articulação - que seria a necessária ressonância das produções artísticas. Monovich evoca nas micronarrativas tipificadas a partir da reflexão anátoma do conservadorismo cultural, a inimizade abstrata contra à unidade que se exprime nas artes enquanto processos que cristalizam a transcendência humana.

Nesse mesmo diapasão o autor afirma:

“Mais precisamente, um banco de dados pode sustentar a narrativa, mas não há nada, na lógica do meio em si, que promova essa criação. Não é surpreendente, então, que os bancos de dados ocupem um território significativo, se não o maior, na paisagem das novas mídias. O que é mais surpreendente é que a outra ponta do espectro – narrativas – ainda exista nas novas mídias. “. (MANOVICH, 2015, p. 15)

O impasse da narrativa exposto por Manovich perpassa também pela apropriação dessas micronarrativas em favor da multiplicidade de dados disponíveis, o que distancia as pessoas da produção genuína, e também da transcendência de caráter vital para as criações artísticas. Essa avaliação, sem a utopia transformadora das vanguardas, e a partir da disponibilidade tecnológica, evidencia a arlequinada cultura do banco de dados.

A logicidade da antinarrativa contemporânea instaurou uma nova maneira de se relacionar com o passado, com o tempo presente, e o com o processo criativo. No que diz respeito as incorporações dos fragmentos das obras de Clarice Lispector nas redes sociais, têm-se um exemplo claro dessa nova função autoral que culmina com a seleção, recriação e recombinação do que existe no banco de dados.

Além de quebrar a barreira da aperceptibilidade, o aspecto interativo das novas mídias traça o processo psicológico que erige da comunicação cultural, e empalidece a autenticidade empírica da narrativa e o poder do sublime artístico que tem aversão contra o provincialismo que percorre a produção das micronarrativas descentralizadas.

Além da influência modificadora no *status quo* da produção simbólica contemporânea a partir do cerco tecnológico vigente, o caminho obsessivo de produção das micronarrativas encontra anuência com a vastidão de informações e dados à apenas um clique de distância. O êxito dessa pulverização encontra um ambiente propício para se multiplicar de forma virulenta principalmente nas redes sociais.

A leitura mediatizada da produção narrativa prescinde a ligação do disjunto articulador da arte, e a substancialidade das micronarrativas que não deixam lastro sobressaem de um modo mais plástico por conta de seus meios não apropriados. Outro fator inquietante dessa impertinência das incorporações realizadas a partir das novas mídias e estimuladas pela indústria cultural trata-se do próprio elemento narrativo. Sobre essa questão, Manovich conceitua:

“Para qualificar-se como uma narrativa, um objeto cultural tem de satisfazer alguns critérios, que o teórico literário MiekeBal (1985, p. 8) define a seguir: deve conter tanto um ator quanto um narrador; deve conter também três níveis distintos que consistem no texto, na estória e na fábula; e seus ‘conteúdos’ devem ser ‘uma série de eventos conectados causados ou experimentados por atores’. Obviamente, nem todos os objetos culturais são narrativas. Contudo, no mundo das novas mídias, a palavra narrativa é frequentemente usada como um termo que inclui tudo, para encobrir o fato de que ainda não desenvolvemos uma linguagem que descreva esses estranhos novos objetos.” (MANOVICH, 2015, p. 14)

A vertiginosa inespecificidade dos objetos apontados pelo autor que estão distantes de qualquer tipo de particularização ou especificação, criando sempre pontes e laços de conexão inesperados entre personagens e comunidades separados, heterogêneos e muito diferentes entre si, acessados pela zona de pseudo-elocubrações que dizem respeito a questões existenciais e conflitos de classe que encontram toda a sua excitabilidade nas redes sociais.

Sem proselitismo, o vetor fundamental da autonomia artística está contido no potencial crítico da arte que acredita no cenário de igualdade do entrecruzamento de mundos alternativos que é o sinal mais evidente de um campo expansivo e das funções extrínsecas da convivência com a experiência contemporânea e da dualidade temática da sua estética.

Mesmo na urgência de transitar sem fluxo, o escamoteamento de significado e a luta simbólica impulsionada e pulverizada pelo sistema capitalista, pela mercadorização dos processos cognitivos, pela fetichização da arte, pela indubitável facilidade comunicacional a partir da convergência de mídias, e pela supremacia do lugar-comum, não se alcançou a libertação dos *grounds for comparison* promovida pela comunidade virtual. Assim, restando a inevitável e enérgica crítica à toda trajetória sócio histórica que pede renovo, e que encontra na força disciplinar o único remédio para o resultado sofrível da tão esperada transgressão dos limites do lírico que acaba por se resumir com frases cristalizadas em prosaísmo da voz cotidiana sem sintaxe no *feed* de notícias das identidades turbadas do mundo contemporâneo. Mas a mesma encontra-se confrontada por mudanças drásticas em favor do potencial democrático da indústria midiática.

No enquadramento focado sob a ressonância cultural, o professor norte-americano Henry Jenkins, especialista em meios de comunicação, dedicou grande parte de suas obras ao estudo da era de convergência de mídias e as peculiaridades dos produtos midiáticos. Em seu livro “Convergence Cultural” ele irá tratar de um novo paradigma comunicacional, típico do mundo contemporâneo, à luz das transformações da mídia. Jenkins resgata o potencial da cultura popular midiática como um catalizador para a revitalização das relações sociais.

“(…) a convergência representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, e em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos de mídia e em direção a relações cada vez mais complexas entre a mídia corporativa, de baixo para cima” (JENKINS, 2009, p.235)

Na presença de consumidores ativos que podem arquivar e comentar conteúdos, apropriar-se deles e colocá-los de volta em circulação de novas formas, constata-se que a convergência acontece quando as pessoas assumem o controle das mídias. O ambiente tecnológico pós-moderno lança luz sob as personagens que eram invisíveis, mas que hoje são responsáveis por remodelar a cultura popular, e que se encontram no centro das reflexões atuais sobre produção e consumo de mídia.

No intuito de satisfazer uma demanda humana essencial, Henry Jenkins explica que “(...) cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana” (JENKINS, 2009, p.30). Essa constatação é a essência da popularidade das redes sociais em que as pessoas reúnem percepções e informações, instigadas por seus interesses comuns, movimentando o fluxo de mensagens que flui por diversos canais, e que determinam os múltiplos modos de acessibilidade e participação nessa rede comunitária.

Existe a disseminação de um entendimento em que a propriedade intelectual é vista como um “shareware”, e isto significa que o conteúdo que circula por diferentes contextos está atraindo diferentes audiências e desenvolvendo mais valor, o que contribuiria para a proliferação de significados alternativos. A compreensão de que a propriedade intelectual pode ter seu valor diluído pelas correntes inesperadas, confusas, conflitantes, imprecisas, e imprevisíveis do universo midiático, contribuem para a promoção de potenciais irrealizados pelas transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais, e sociais da realidade contemporânea.

A visão do consumo como um processo coletivo é o cerne do poder midiático. Jenkins afirma que “(...) a produção coletiva de significados, na cultura popular, está começando a mudar o funcionamento das religiões, da educação, do direito, da política, da publicidade e mesmo do setor militar” (JENKINS, 2009, p. 31). Os protocolos do mundo pós-moderno que caminham para uma direção mais participativa não deixam de representar, também, as contradições dos novos modelos de produção cultural que mesmo estando alicerçados em uma plataforma aberta, não garantem um produto diversificado, igualitário e que não seja orientado por interesses paralelos mesmo sendo resultado de uma atividade autônoma.

Nesse diapasão, a mitificação da imagem e dos escritos de Clarice Lispector tem sido percebida como um fenômeno literário e um paradigma comunicacional na esfera mitológica do desenvolvimento de narrativas do universo contemporâneo impulsionado pelas redes sociais no Brasil, e que adquiriu uma curiosa força midiática principalmente no que diz respeito ao estilo da escritora.

É importante ressaltar que a cristalizadora intocabilidade presente nas obras de Clarice Lispector foi recebida com excitação pela *intelligentsia* brasileira, e para os críticos literários foi difícil fugir dos superlativos para avaliar a estreia da escritora. Ela foi estimada como “a maior estreia feminina de todos os tempos na literatura brasileira” e sendo considerada uma autora à frente de seu tempo, a manifestação e o efeito do poder desconcertante e vertiginoso de Clarice Lispector que revelou práticas de não pertencimento contidas na linguagem estética de suas obras, foi evidenciado na exegese esmiuçada do jornalista e romancista Lêdo Ivo sobre o universo Lispectoriano.

“Não haverá, decerto, uma explicação tangível e aceitável para o mistério da linguagem e do estilo de Clarice Lispector. A estranheiridade de sua prosa é uma das evidências mais contundentes de nossa história literária, e ainda, da história de nossa língua. Essa prosa fronteira, emigratória e imigratória, não nos remete a nenhum dos nossos antecessores preclaros. Não é de José de Alencar, ou de Machado de Assis. Não é de Euclides da Cunha ou José Lins do Rego. Não está nos que vieram antes, embora fervilhe, como um gracioso contágio epidêmico, nos numerosos epígonos que, alcançados pela sua enfeitante lição magistral, tanto se afervoraram em imitar o inimitável, e diluir o indiluível.” (IVO, 2004 p. 18)

Os escritos de Clarice Lispector causaram estranhamento, e até uma incompreensão por parte do público leitor que chegou a considerá-la hermética em suas produções. As típicas marcas existencialistas e introspectivas da autora, e a metáfora de mundo que orientava a sua narrativa, não faziam parte do tipo de escrita difundida nos anos 40, 50 e 60 no Brasil.

O caráter singular e revolucionário dos seus textos não era apenas referente a *escrita de si*, mas a linguagem e o avultamento da sintaxe empregada em seu sistema linguístico. E sobre isso afirmou o filólogo brasileiro Leodegário de Azevedo Filho: “[...] sua linguagem, ao contrário do instrumentalismo de Guimarães Rosa, apresenta uma superfície plana e quase coloquial. Dela se poderia dizer que é uma escritora que não sabe escrever, e por isso mesmo escreve tão bem” (AZEVEDO FILHO, 1996, p. 56).

Clarice Lispector utilizava a sua realidade cotidiana como fundamento da força criadora do *eu* que era o sujeito da narrativa que perpassava pelo solo de mitologia das significações urbanas. Assim, a existência e insistência do autor “real” como *corpus* que cintila o traço na escrita que proliferava enredos vivenciais,

e, acuados na transfigurada consciência estética, encontra-se a questão da memória e da verdade poética que evoca o discurso confessional com seu poder transformador do indivíduo, e da consubstanciação do público leitor com o “verdadeiro ocorrido” no efeito de “vida real”.

Superando escritores brasileiros renomados como Machado de Assis, Rachel de Queiroz, ou Caio Fernando de Abreu, Clarice Lispector pertencendo a um público encastelado e restrito, ostenta, na atualidade, o título de musa popular brasileira. O mosaico heterogêneo dos recortes feitos na obra da escritora pelas mãos dos internautas nas redes sociais denota uma urgência em investigar algumas lacunas interpretativas que contribuem para a compreensão do inteiro teor das deixas simbólicas e do status cultural que esse fenômeno compreende.

“Autora de pequeno público, de textos – romances, contos, crônicas, que se distinguiam pelo seu ar requintado, e às vezes por uma sublimidade que só podia ser vencida ou atravessada pelo caminho da atenção desdobrada, Clarice Lispector enfrentou, a vida inteira, o desafio das emigrações editoriais, percorrendo desde as pequenas editoras às mais prestigiadas e aparelhadas para ampliar a sua presença no mercado. No seu caso específico de escritora *to the happy few*, a morte foi seu grande e definitivo editor. Desaparecida, ela foi, finalmente, descoberta e redescoberta, numa iluminação que transpôs as fronteiras aborígenes. Em Paris ou Nova York, costume encontrar traduções de Clarice Lispector, e me sobem à lembrança aqueles tempos em que ninguém queria publicá-la ou o fazia num gesto de largada generosidade.”³

³ Parte da entrevista do amigo e editor do Jornal do Brasil, o jornalista Alberto Dines, que foi realizada para os Cadernos de Literatura Brasileira: Clarice Lispector organizado pelo Instituto Moreira Salles

2. Contribuições Claricianas para a Imprensa Nacional

“Eu sou tímida e ousada ao mesmo tempo. Chegava lá nas revistas e dizia: "Eu tenho um conto, você não quer publicar?". Aí me lembro que uma vez foi o Raymundo Magalhães Jr. que olhou, leu um pedaço, olhou para mim e disse: "Você copiou isso de quem?". Eu disse: "De ninguém, é meu. Ele disse: "Então, vou publicar". (LERNER, 1992, p. 62)

Clarice Lispector sempre foi uma aluna exemplar com um histórico escolar notável, e aos 19 anos já tomava decisões peculiares, afirmando o que sua história iria confirmar: Clarice nunca era óbvia. Mesmo gostando de escrever e desejando ser escritora, ela fez vestibular em fevereiro de 1939 alcançando o primeiro lugar no curso preparatório e o quarto entre os trezentos candidatos de todo o país, começando a se preparar para ingressar na Universidade do Brasil para cursar Direito. (FERREIRA, 1999, p. 19)

A Faculdade Nacional de Direito se localizava no antigo Senado Imperial, junto ao Campo de Santana, que na época possuía cotias passeando pelos seus jardins. Além de ser a primeira universidade do Brasil, era também a instituição de ensino superior de maior destaque no país, mas naqueles tempos nem todos os estudantes de direito desejavam ser advogados, na verdade, aquele curso representava um campo de treinamento para qualquer pessoa que buscava uma profissão em uma área não científica.

No caso de Clarice, mesmo antes de entrar para a faculdade ela já sabia que ser advogada não era sua vocação, e um breve estágio em um escritório pôde confirmar que seu interesse não era pela papelada. As constantes perguntas que não saiam de sua cabeça adolescente: "Como é o mundo? E porque esse mundo?"(LISPECTOR, 1967, p. 120), não seriam respondidas em aulas de Direito Civil, ou de Direito Constitucional, mas após a leitura do livro *O lobo da estepe*⁴ela teve certeza que escrever era seu destino.

O desapego com o curso se deu do começo das aulas até o dia de sua formatura, já que de notas excelentes na escola ela passou para uma pontuação não

⁴ O livro *O Lobo da Estepe* foi escrito por Hermann Hesse e publicado em 1927. Foi considerado pelos críticos literários da época como um dos mais brilhantes livros do autor e uma das obras mais representativas da cultura alemã.

mais que respeitável, e no dia 17 de dezembro de 1943 nem buscar o diploma ela foi.

Ao mesmo tempo, com toda a certeza sobre sua vontade de escrever, Clarice não mediu esforços para dar início a sua verdadeira vocação, e concomitante ao curso de direito ela escrevia contos para serem publicados na imprensa. O primeiro deles, *Triunfo*, apareceu em 25 de maio de 1940 na revista *Pan*, e nele já se podia perceber alguns recursos literários que seriam marca registrada de Clarice Lispector, como era o caso de seus famosos floreios verbais ("os largos ombros amados estremecendo num riso")⁵.

Essa publicação foi o primeiro passo dado por Clarice em uma longa e surpreendente trajetória repleta de matérias, artigos, crônicas, entrevistas e romances. Aqueles que tiveram oportunidade de acompanhar esse primeiro passo, mais tarde viriam a saber que estavam testemunhando o início de uma das mais extraordinárias carreiras da literatura do século vinte⁶.

Mas, por enquanto, ela era apenas a menina Clarice, com seus vinte e dois anos, "sotaque estrangeirado", com blusas e saias sempre brancas, marcadas por um cinto de couro e um ar de estar sempre de bem com a vida. Era essa a descrição de Clarice Lispector feita por seus colegas de redação do primeiro veículo que ela trabalhou como repórter, o prestigioso jornal *A Noite*, posição na qual ela, em março de 1942, adquire seu primeiro registro em carteira de trabalho, ganhando por mês 600 mil réis.

A redação do jornal *A Noite* ficava localizada no Largo da Carioca, Centro do Rio de Janeiro, e o sobrado de N° 14 foi o local escolhido como sua sede. *A Noite* começou seu funcionamento no dia 18 de julho de 1911. O seu fundador, Irineu Marinho, acabara de sair do seu cargo de secretário-geral da *Gazeta de Notícias*, e levou consigo treze antigos funcionários de confiança para dar início ao seu próprio jornal.

⁵LISPECTOR, Clarice. *Triunfo*. *Pan*, Rio de Janeiro, 25 mai. 1940.

O vespertino apresentava um caráter popular, possuía grandes tiragens, era vendido por um preço baixo e tinha uma circulação diária. Sendo identificado como um dos primeiros jornais populares do Rio de Janeiro, sua história foi marcada por diversos altos e baixos, apoios políticos, defesa de ideologias, mudança de donos, até o dia de seu fechamento que aconteceu em 31 de agosto de 1964.

O auge do jornal se deu na época de formação da chamada “massa urbana”. Sendo um dos únicos jornais que tinham um enfoque para os acontecimentos cotidianos da sociedade, sua abordagem caiu no gosto do grande público. Os temas principais eram: política nacional, noticiário policial e questões da cidade do Rio.

O jornal, com Irineu Marinho à frente, utilizou suas páginas para denúncias e campanhas de oposição aquilo que ia contra a ideologia do veículo. Foram feitas denúncias do jogo do bicho, campanha contra o Charlatanismo, irregularidades nos cartórios do Rio. Em 1910, o jornal adquiriu um posicionamento de oposição ao governo do presidente Hermes da Fonseca, fazendo críticas principalmente ao autoritarismo do governante e a sua política das salvaçãoes, o que rendeu a suspensão do jornal e a prisão de seus diretores.

Após voltar a circulação normal, *A Noite* se colocou em oposição ao governo de Epitácio Pessoa e Artur Bernardes, e dessa vez o presidente Irineu Marinho foi preso durante quatro meses por seus posicionamentos. Decorrente a esse fato, entra para a presidência e vice-presidência do jornal respectivamente Antônio Leal Costa e Herbet Moses. Logo Costa também é preso, e em seu lugar entra Vasco Lima, antigo sócio de Irineu Marinho.

Depois de ter sido solto, Marinho por problemas de saúde resolve ir para a Europa, e assim ele cauciona suas ações do jornal em favor de Geraldo Rocha que estabelece uma nova equipe para ficar a frente do jornal. Mas no mesmo ano, o jornal *O Globo* é lançado por Irineu, e ele mais tarde vai ser conhecido como embrião do jornal *A Noite*.

Marcando uma nova fase na história do vespertino, em 1929 a sede do jornal é modificada para um prédio novo e moderno situado na Praça Mauá, com seus vinte e três andares. São compradas diversas impressoras (linotipos) para haver a

modernização no aspecto gráfico do jornal, e que também possibilita o lançamento da revista semanal *Noite Ilustrada* impressa em rotogravura.

Em 1930 o periódico viveu tempos de imparcialidade política, até que surge o apoio a eleição de Júlio Prestes para a presidência, e mesmo com as acusações de fraude em sua vitória o jornal não tinha sido prejudicado. Mas com a Revolução de 30 houve a retirada do atual presidente da época, Washington Luís, do poder. E assim, fez instalar-se no poder uma junta militar que entregou o poder não ao “eleito” Júlio Prestes, mas sim a Getúlio Vargas, líder das forças revolucionárias.

Nesse momento de confusão no cenário político o jornal *A Noite* viveu as consequências de seu apoio a Prestes. A sede do jornal foi empastelada e seu presidente, Geraldo Rocha foi preso. Após desgaste político devido ao apoio a oligarquias derrotadas, e mais as dívidas adquiridas devido à construção do prédio sede e do novo maquinário, o presidente do jornal teve que assinar uma confissão de dívida que o levou a perder todos os seus bens e todas as suas ações do jornal.

A partir daí o grupo do empresário norte-americano Percival Farquhar permaneceu à frente do periódico, e uma nova postura foi tomada: *A Noite* se transformou em um jornal com linha política amena, com uma disposição gráfica mais arrojada dando destaque a fotos e manchetes. Além de se manter a revista *Noite Ilustrada*, duas novas revistas foram criadas: *Carioca* e *Vamos Ler!*. As revistas abordavam temas sobre cinema, teatro, rádio, e contavam com muitas ilustrações. Elas tiveram sucesso absoluto.

O ano de 1936 foi marcado pela inauguração da reconhecida Rádio Nacional que também fazia parte do grupo *A Noite*. Mas foi em 1940 que a grande mudança dentro do veículo aconteceu. Os novos donos do jornal eram também proprietários da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande e passaram o controle da estrada e todas as demais empresas afiliadas para o governo, e tanto o vespertino quanto a rádio passaram a fazer parte do Patrimônio Nacional.

O controle oficial foi responsável por levar o jornal a um momento de crise por conta de problemas administrativos, baixa receita, empreguismo e perda de leitores. Sem conseguir se reerguer após ter passado por algumas outras

administrações, seu último presidente foi Eurico de Oliveira que motivou o fechamento do jornal com a tentativa de implementar uma investigação de acordo ilícitos entre a TV Globo e o grupo americano Time-Life. A circulação do jornal se deu até o dia 31 de agosto de 1964.

A retrospectiva histórica do jornal *A Noite* é necessária afim de contextualizar e evidenciar que nos anos 40 eram poucas as mulheres que trabalhavam, ainda mais em redações de jornal, conhecidas por serem compostas majoritariamente de homens. Mas a presença de Clarice no vespertino transformava-a em parte integrante de um grupo seletivo de mulheres de alto calibre, como era o caso da poeta Cecília Meireles e da romancista Rachel de Queiroz.

E mesmo com as necessárias adaptações no local de trabalho, os homens da redação eram os que mais se incomodavam com a "entranha no ninho", enquanto Clarice ria dos cuidados que eles tinham que ter devido a sua presença. "Seus colegas, constrangidos de falar palavrões na frente de uma mulher, tinham que tamborilar na mesa como alternativa" (LISPECTOR, 1940)

A redação de *A Noite* dividia um andar com *Vamos Ler!*, que era uma revista literária popular que pertencia ao mesmo grupo, e foi lá que Clarice publicou seus primeiros contos, a começar por "Eu e Jimmy" que saiu na revista no dia 10 de outubro de 1940.

Esse conto tratava de questões fundamentais para Clarice, e elas foram recorrentes em seus demais trabalhos como, por exemplo, o papel da mulher e a sua imagem perante a sociedade, visto expressamente no seguinte trecho:

Que podia eu fazer, afinal? Desde pequena tinha visto e sentido a predominância das ideias dos homens sobre as mulheres. Mamãe antes de casar, segundo Tia Emília, era um foguete, uma ruiva tempestuosa, com pensamentos próprios sobre liberdade e igualdade das mulheres. Mas veio papai, muito sério e alto, com pensamento próprios também, sobre... liberdade e igualdade das mulheres. O mal foi a coincidência da matéria. Houve um choque. E hoje mamãe cose e borda e canta ao piano e faz bolinhos aos sábados, tudo pontualmente e com alegria. Tem ideias próprias, ainda, mas se resumem numa: a mulher deve sempre seguir ao marido, como uma parte acessória que segue a essencial." (LISPECTOR, *Vamos Ler*, 1940)

Aspectos referentes a moral e civilidade eram de grande importância para a construção narrativa da escritora e estavam presentes em seu primeiro conto.

"Em vão tentei explicar-me com as suas teorias: eu gostava de alguém e era natural, apenas; que se eu fosse "evoluída" e "pensante" começaria por tornar tudo complicado, aparecendo com conflitos morais, com bobagens da civilização, coisas que os animais desconhecem de absoluto." (LISPECTOR, *Vamos Ler*, 1940)

E não ficavam de fora as suas marcantes indagações empíricas sobre a vida, o amor, e a felicidade que tornaram-se marcas literárias claricianas.

"Minha avó (...) explicou-me que os homens costumam construir teorias para si e outras para as mulheres. Mas (...) esquecem-nas exatamente no momento de agir. Ela (...) explicou-me bem humorada: - Minha querida, os homens são uns animais. (...) Tive a certeza de que não há mesmo nada a fazer se não viver. (...) A teoria é tão boa!". (LISPECTOR, *Vamos Ler*, 1940)

Dois meses após a publicação de seu conto, uma entrevista com o famoso jornalista e escritor Tasso da Silveira foi divulgada na revista *Vamos Ler!* com o título "Uma hora com Tasso da Silveira" sendo considerada notável e exemplar segundo a opinião pública. Mesmo com pouca experiência, Clarice Lispector já se coloca como uma jornalista diferente, deixando para trás as teorias e rigores jornalísticos, e seguindo um jeito próprio que levou-a a destacar-se e consagrar-se em um gênero único, singular: o gênero "clariceano".

Clarice não mantém distância em relação ao entrevistado, se coloca no texto, divide suas impressões com o leitor, abordando seus interesses mais pessoais. Ela questiona a concepção de Deus para o entrevistado, como se dá sua religiosidade, onde ele procura sua inspiração, e como começou a escrever. Clarice não se preocupa com a linha editorial, e nem se neutraliza diante do entrevistado. Ela está sempre pesquisando, sondando, impondo um tom perscrutador. (NUNES, 2012, p. 37)

Em 1941, ano seguinte a sua grande estreia, Clarice Lispector ainda em sua função de repórter publica uma matéria de grande importância intitulada "Uma visita à casa dos expostos". Ela conta a história da Fundação Romão de Matos Duarte que existia na época há mais de duzentos anos, e servia de abrigo e lar para enjeitados.

Essa matéria evidencia que mesmo escrevendo a partir de fatos reais, isto é, com um enredo voltado para o factual, o seu olhar e sua abordagem direcionam para a ficção, transpondo o cenário ao qual ela se depara, alcançando tudo que há de subjetivo. E para isso, Clarice usa de metáforas.

"Às vezes o exposto se enxerta de tal modo à nova árvore, que dela só se desprende quando murcho. Assim, ainda mora na Casa dos Expostos uma turma de velhinhos que nunca se lembrou de fugir." (LISPECTOR, 1941, p.13)

Ela também inclui em seu texto jornalístico suas opiniões e deixa claro seu posicionamento político que suporta a causa dos que vivem marginalizados no Brasil.

"E assim, sob o olhar doce e firme das Filhas da Caridade, vão aos poucos entrando na estrada larga os que iniciaram o caminho por atalhos estranhos e difíceis. E assim é que a tragédia não é o "pão nosso de cada dia" dos expostos. Entre todos eles há, certamente, os que esperam pela luz fechada, para as lágrimas. Os que talvez odeiem os companheiros por sofrerem da mesma falta de mãe e da mesma presença do uniforme. Mas esses saberão um dia libertar-se. Os outros, como Norman, são distraídos. E, apesar de todas as Ave-Marias e de todos os santos, arranjarão sempre um "Suplemento Juvenil". (...) Não é proibindo a aceitação de crianças não identificadas que se acabará com o nascimento delas. E enquanto não se pode terminar com essa situação, e provavelmente nem tão cedo se poderá, o melhor é encará-la de frente e aceitá-la. Mesmo porque é preciso não esquecer: além do infrator ao dispositivo penal, há Bonifácio e Regina Aparecida que não têm a menor culpa." (LISPECTOR, 1941, p. 79)

A grande estreia de Clarice Lispector com jornalista do grupo *A Noite* acabou logo. Em 1944 ela deu início a uma viagem para o exterior acompanhando seu marido Maury Gurgel Valente que atuou como diplomata brasileiro em Nápoles, na Itália. Sua última grande contribuição ao jornal *A Noite* foi uma entrevista com Eleanor Roosevelt, a primeira-dama americana que estava de passagem na cidade de Natal, região importante para a época, conhecida como "trampolim da vitória".

"Ela é simpaticíssima, muito simples, vestida com bastante modéstia, bem mais bonita pessoalmente do que nas fotografias e no cinema. No dia seguinte ela deu entrevista coletiva à imprensa, eu fui, mandei noticiário telefônico para *A Noite*, mesmo estando de licença, porque não queria perder a chance."⁷

⁷Carta a Tânia Lispector Kaufmann e Elisa Lispector, 18 mar. 1944, In Olga Borelli, *Clarice Lispector, esboço para um possível retrato*, P. 106

2.1. Jornais e Revistas

"E, além de neófito no assunto, também o sou em matéria de escrever para ganhar dinheiro. Já trabalhei na imprensa como profissional, sem assinar. Assinando, porém, fico automaticamente mas pessoal. E sinto-me um pouco como se estivesse vendendo minha alma. Falei nisso com um amigo que me respondeu: mas escrever é um pouco vender a alma. É verdade. Mesmo quando não é por dinheiro, a gente se expõe muito. Embora uma amiga médica tenha discordado: argumentou que na sua profissão dá sua alma toda, e no entanto cobra dinheiro porque também precisa viver. Vendo, pois, para vocês com o maior prazer uma certa parte da minha alma - a parte da conversa de sábado."

Nos anos 60, João Cabral de Melo Neto escreveu: "no Brasil, só entendem o que se escreve para os jornais". Essa afirmação deixava claro que aquele era o principal meio de comunicação da época e que muitos que se dedicavam a escrita, mas que desejavam ter um reconhecimento do público, a possibilidade de divulgação de seus trabalhos, e, principalmente, um salário certo, tinham que estar trabalhando para jornais e revistas.

Não foi diferente com Clarice Lispector que sempre mencionava em entrevistas e até em crônicas que seus trabalhos em veículos impressos tinham como principal motivação o recebimento de um valor mensal para tal serviço. Essa declaração não era de todo negativa, somente mostrava que a jornalista em todos os seus textos se revelava demais, o que tornava esse compromisso com os jornais e com o público um tanto quanto pessoal.

Mesmo assim, diante da necessidade de ter um emprego e uma renda, o velho amigo e colega de profissão Alberto Dines - na época editor-chefe do prestigioso *Jornal do Brasil* - ofereceu para Clarice uma coluna aos sábados no recém-lançado *Caderno B*⁸, voltado para assuntos culturais, e que contava com uma turma de colaboradores de ilustres nomes, como: Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino.

⁸Alberto Dines, editor-chefe do *Jornal do Brasil*, o jornal mais prestigioso do país, estava em condições de ajudar. Dines estava criando um suplemento cultural semanal e estava ansioso por atrair um público mais culto para a seção. Em 19 de agosto de 1967 ela estreou como cronista. A crônica vivia seu apogeu: os cronistas eram figuras populares e até mesmo reverenciadas. Talvez porque os jornais ainda fossem o principal meio de comunicação no país, o gênero era genuinamente popular. Seus praticantes incluíam muitos amigos de Clarice, entre eles Paulo Mendes Campos, Rubem Braga e Fernando Sabino.

Em 19 de agosto de 1967 Clarice Lispector estreia como cronista do jornal mais influente do país, e foi nesse veículo que ela permanece por mais tempo em toda a sua caminhada como jornalista. Foram seis anos contribuindo com um total de trezentas crônicas sobre os mais diversos assuntos. Ela falava sobre sua infância:

"Foi no primeiro dia de aula no Jardim de Infância do Grupo Escolar João Barbalho, na Rua Formosa em Recife, que encontrei Leopoldo. E no dia seguinte já éramos os dois impossíveis da turma. Passamos o ano ouvindo nossos dois nomes gritados pela professora - mas, não sei porquê, ela gostava de nós, apesar do trabalho que lhe dávamos. Separou nosso bancos inutilmente, pois Leopoldo e eu falávamos lá o que falávamos em voz alta, o que piorava a disciplina da classe. Depois passamos para o primeiro ano primário. E para a nova professora também éramos os dois alunos impossíveis. Tirávamos boas notas, menos em comportamento." (LISPECTOR, 1984, p. 26)

Compartilhava com seus leitores semanais temas que surgiam no interior de sua rotina com sua família e empregadas dentro de sua casa. E utilizava o espaço de sua coluna semanal para reafirmar seus ideais políticos e projeções para o futuro do país.

"Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos. Nem daqui a vinte e cinco minutos, quanto mais daqui a vinte cinco anos. Mas a impressão-desejo é a de que num futuro não muito remoto talvez compreendamos que os movimentos caóticos atuais já eram os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna de um homem, de uma mulher e de uma criança."(LISPECTOR, 1984, p.104)

Os questionamentos sobre a presença e influência divina em sua vida, e seus pensamentos ligados as suas convicções religiosas apareciam constantemente em suas crônicas semanais no Caderno B do *Jornal do Brasil*.

"Mesmo para os descrentes há a pergunta duvidosa: e depois da morte? Mesmo para os descrentes há o instante de desespero: que Deus me ajude. Neste mesmo instante estou pedindo que Deus me ajude. Estou precisando. Precisando mais do que a força humana. E estou precisando da minha própria força. Sou forte mas também sou destrutiva. Autodestrutiva. E quem é autodestrutivo também destrói os outros. Estou ferindo muita gente. E Deus tem que vir a mim, já que eu não tenho ido a Ele. Venha, Deus, venha." (LISPECTOR, 1984, p. 189)

Escrever para o *JB* trouxe para Clarice diversos aspectos positivos em sua carreira, tanto de jornalista, como de escritora. Escrever a coluna de sábado fez ela se aproximar da classe média, atingindo um público popular, transpondo os intelectuais e literatos que já a conheciam. A fama que ela foi adquirindo com o passar dos anos era surpreendente, e surpreendia a própria Clarice.

"Escrevi nove livros que fizeram muitas pessoas me amar de longe. Mas ser cronista tem um mistério que não entendo: é que os cronistas, pelo menos os do Rio, são muito amados. E escrever a espécie de crônica aos sábados tem me trazido mas amor ainda. Sinto-me tão perto de quem me lê." (LISPECTOR, 1984, p. 136)

Clarice Lispector teve grande projeção com seu trabalho no *Jornal do Brasil*, e ainda foi responsabilizada por seu grande admirador Alberto Dines como a jornalista que alavancou o Caderno B, levando para o jornal um público mais exigente e interessado, alcançando o objetivo principal que impulsionou a sua ida ao *JB*, que era exatamente viabilizar a reestruturação do veículo.

É importante ressaltar que nesses seis anos com jornalista do *Jornal do Brasil*, Clarice desvelou sua alma perante um público que a adorava, revelando tudo que ela não revelava em entrevistas. O livro póstumo *A Descoberta do Mundo* que foi elaborado a partir de uma seleção dos textos que a jornalista escreveu para o jornal, poderia ser dito como autobiográfico. Os textos com suas típicas marcas de personalidade e subjetividade são uma tentativa de Clarice Lispector se entender a partir do compartilhamento de experiências com seus leitores.

2.2. Colunas Femininas: Tereza Quadros

"Ela é disposta, feminina, ativa, não tem pressão baixa, até mesmo às vezes feminista, uma boa jornalista enfim."⁹

Em 1952 o semanário *Comício* é lançado pelos amigos Rubem Braga, Joel Silveira e Rafael Corrêa de Oliveira. O nome do tablóide já enunciava o caráter oposicionista do jornal mesmo ele não sendo veiculado a nenhum partido. Para amenizar o debate político, Rubem Braga cria uma página feminina e convida Clarice Lispector para assiná-la.

⁹ Carta de Clarice Lispector para Fernando Sabino – 30 de agosto de 1953

E é assim que se inicia a carreira da escritora como colunista que escrevia para o público feminino. Ela utilizava temáticas aparentemente leves para se comunicar com mulheres sobre questões profundas e complexas no que diz respeito a aspectos da existência, do indivíduo, do autoconhecimento, do desejo de ser e, principalmente, do amor. E o momento para revolucionar as famosas páginas femininas é bem propício. A década de 50 foi marcada por uma sociedade dividida entre uma crescente urbanização e uma derradeira crise econômica, resultado dos últimos momentos da Segunda Guerra Mundial.

O papel da mulher está sofrendo mudanças, já que as mesmas passaram de esposas do lar para assalariadas. Além de trabalhar, elas precisam cuidar da família e da casa, mas os novos eletrodomésticos e os alimentos industrializados vem ajudar essas mulheres multifuncionais.

E ainda nesse cenário o jornalismo também apresenta algumas mudanças. As influências européias - especificamente francesas - são substituídas pelo modelo mais factual tipicamente norte-americano. As transformações também se deram em relação as técnicas, as partes gráficas e aos editoriais. Na era ouro da globalização tudo acontece muito rápido, e até as máquinas linotipos acostumadas a velocidade de três linhas por minuto passam para 700 linhas por minuto.

Nesse contexto, Clarice Lispector era uma das poucas mulheres que atuava como jornalista naquele período, e a ela foi dado o poder de mudar os preceitos da imprensa feminina da época. A liberdade tinha nome: Tereza Quadros. Pseudônimo escolhido por Clarice Lispector para assinar sua coluna no jornal *Comício*, Tereza era uma especialista que apresentava toda a competência para ensinar e aconselhar o público alvo - leitoras inexperientes que se colocavam como aprendizes.

A mídia conferia essa autoridade a todas as colunistas da imprensa feminina que tinham como herança o formato dos antigos almanaques de farmácia, e Tereza Quadros manteve esses paradigmas como forma de persuadir a leitura.

As soluções para os conflitos do público feminino que lia a coluna "Entre Mulheres" eram pautados em princípios como conformismo e convencionalismo. O repertório a ser oferecido ao público leitor feminino seguia a tendência dos

estereótipos e da publicidade. A linguagem era "de uma mãe que preserva a filha do ridículo, de sofrimentos, enfim, de todo o contato com o mal" (LISPECTOR, 2006, p. 17).

Tereza Quadros utilizava muitas estratégias para persuadir e chamar a atenção das leitoras, assim como se fazia em todas as colunas femininas, mas quando o público alvo já estava envolvido em toda a conversa mansa lançada, Tereza ultrapassava o convencional. Isso, é claro, não dispensava temáticas que falavam diretamente com as mulheres, como feminilidade, elegância e beleza.

Os textos de Tereza Quadros eram sobre decoração, moda, comportamento, e com uma linguagem simples, descomplicada e fácil, o resultado eram idéias rapidamente aceitas, já que as mesmas eram validadas pelo bom senso das mulheres da década de 50. Mas por trás de tudo que era dito, Tereza Quadros investia em uma apologia, um estímulo, para que as leitoras tivessem força e coragem de emergir dos clichês femininos, buscando suas próprias imagens e estabelecendo seus preceitos. Essa iniciativa de Tereza era bastante sutil. Tudo começava com um discurso didático, onde a especialista "direciona o olhar da sua leitora, indicando onde os olhos devem se deter para observar aquilo que de fato deve ser aprendido" (LISPECTOR, 2006, p. 278)

O entendimento dos aspectos que compõem o cenário que se encontra a interlocutora de Tereza Quadros é fundamental para a comunicação utilizada ser adequada e realmente dizer o que aquela mulher precisa ouvir. "O mundo em que vive essa leitora exige que ela assimile o culto à beleza corporal, a técnica da conquista, os caminhos para encontrar o verdadeiro amor realizável somente através do casamento, e a felicidade que a espera no lar" (LISPECTOR, 2006, p. 278)

O texto de Tereza Quadros é informativo e possui um grande alcance ao mesmo tempo em que ele incita no público feminino a procura de uma imagem própria de mulher, subvertendo as regras que a sociedade sempre impôs. A coluna do dia 27 de junho de 1952 publicada no jornal *Comício* evidencia com propriedade o intuito de Tereza Quadros em adicionar em seus conselhos, receitas e segredos, profundos questionamentos para as mulheres da década de 50.

"Da primeira vez em que fui à casa de Rodin, compreendi que sua casa não era nada para ele, senão uma pobre necessidade: um abrigo contra o frio, um teto sob o qual dormir. Ela o deixava indiferente e não pesava nem um pouco sobre sua solidão ou seu recolhimento. Era em si mesmo que ele encontrava o seu lar: sombra, refúgio e paz. Ele se tornara seu próprio céu, sua floresta e seu largo rio que nada mais podia interromper.

Isso é Rilke falando de Rodin.

Talvez o escultor renove para você o pensamento já meio gasto, mas pouco usado, de que a possível felicidade está mesmo dentro das pessoas. (Pedir ajuda a Rodin para confirmar uma verdade quase óbvia é como quem só quisesse confessar os pecados ao Papa.) Talvez, pensando no grande homem que foi o escultor, você diga que não se pode esperar que pardal aprenda a voar com águia. Mas o fato é que outro pardal tem pouco a ensinar. (O exemplo de "pardal" e "águia" está péssimo porque a simpatia vai logo para o pardalzinho, destruindo um pouco a eficácia da lição. Que não teve longe a simbologia, restringindo-a, se possível, puramente a questão do voo). (LISPECTOR, 1956, p. 03)

2.3.

Colunas Femininas: Helen Palmer

Os trajes femininos são apenas um meio-termo entre o confessado desejo das mulheres de vestir-se e o inconfessado desejo de despir-se. (LISPECTOR, 1959, p. 12)

Em agosto de 1959 depois do fechamento do jornal *Comício* e o retorno de Clarice Lispector ao Brasil após uma temporada no exterior, a coluna feminina "Feira de Utilidades" no jornal *Correio da Manhã* é lançada com a assinatura de Helen Palmer, pseudônimo criado por Clarice.

Diferente de Tereza Quadros, Helen Palmer fala com uma leitora que busca entender as novas exigências da década de 60. A feminilidade continua em alta, mas o público alvo está mais moderno e independente. As mulheres se interessam por informações sobre comportamento e postura, buscando a compreensão das novas funções e atribuições que o sexo feminino adquire nessa virada de década.

A evolução das indústrias de consumo e beleza acabam por criar uma mulher que se preocupa com emprego, trabalho e salário, que tem uma personalidade forte, independente e decidida, mas que não deseja recriar comportamentos e gestos masculinizados.

A mulher dos anos 60 exala feminilidade. E Helen Palmer sabe de tudo isso. Ela sabe que mesmo com o novo perfil do público feminino a tônica "homens" é

constante e universal. O sexo masculino continua sendo referência única na existência da mulher.

Por conta disso, Helen Palmer indica a receita: "Um pouco de vaidade, um pouco de coqueteria, um pouco de malícia risonha, um pouco de ternura, um pouco de abnegação. E muito, muito de feminilidade" (LISPECTOR, 1959, p.07). A sedução e a conquista são temas frequentes nos textos da colunista.

Mesmo com sua "conversa mole" - como a própria Clarice define - Helen Palmer traz, durante todo o período em que esteve a frente da coluna feminina no jornal *Correio da Manhã* uma forte crítica as cópias dos modelos de beleza instituídos pela sociedade da época.

Segundo Edgar Morin a globalização e a cultura de massa introduziram costumes pautados em um erotismo cotidiano que dissemina uma beleza perfeita com aparência de boneca. Os considerados belos, bem-sucedidos, felizes e cheios de glamour eram as estrelas do cinema, principalmente do mercado americano e europeu. Esses eram os modelos de beleza e sedução que todos - principalmente o público feminino - tinham, e que ambicionavam ser e reproduzir.

Na era do *sex-appeal* os princípios pregados na sociedade judaico-cristã começavam a ser corrompidos pela ofertas da libido. Helen Palmer combate com veemência essa realidade, e mesmo tendo como assunto os valores fundamentais da época – individualidade privada, o bem-estar, o amor e a felicidade – ela se coloca em oposição as investidas da cultura de massa que incita a cópia, a imitação de modelos, e ao consumo. (MORIN, 1999)

Helen Palmer deixa claro seu posicionamento sobre o assunto em seu texto “Beleza em série”:

Existe uma triste tendência, agravada nos últimos anos, para estandarizar a beleza e os tipos femininos. Influenciada pelo cinema, a mocinha escolhe uma artista de bastante renome e passa a ser o seu carbono. Imita-lhe o penteado, o “maquillage”, o riso, os gestos, as modas, às vezes até o tom de voz. Houve a face das Marilyn Moroe, das Lollobrigidas, das Sofia Loren. A febre agora ainda é das BB, interceladas aqui e ali por pequenos estágios em Debra Paget, Marisa Allasio e Pier Angeli. Garotas bonitas, que poderiam ser lindas no seu tipo próprio, mascaram-se de caricaturas de francesas, italianas e até suecas famosas. Belezas em série, belezas de catálogo, numeradas, como se adquiridas por encomenda postal.

Despersonalizadas, essas pobres imitações jamais conseguem sucesso, pois o que fez a fama daquelas esrelas não foi o cabelo penteado dessa maneira nem foi o sorriso dengoso de dedinho na boca, nem foi aquele olhar cheio de convites. Foi a personalidade, o talento, a graça, e estas nenhum cabelereiro, nenhum maquiador, nenhum trejeito, estudado diante do espelho, lhe darão.

Sejam vocês mesmas! Estudem cuidadosamente o que há de positivo e negativo na sua pessoa e tirem partido disso. A mulher inteligente tira partido até dos pontos negativos. Uma boca demasiadamente rasgada, uns olhos pequenos, um nariz não muito correto podem servir para marcar o seu tipo e torna-lo mais atraente. Desde que seja seu mesmo.

Os homens não gostam de mulheres em série. Se gostam daquelas estrelas é porque as acharam diferentes. Vocês imitando-as, apenas serão consideradas ridículas.

Por favor, meninas, sejam vocês mesmas!¹⁰

Helen Palmer enuncia quem é seu público alvo: as mulheres inteligentes.

“Na vida de hoje adquirimos certos hábitos, impostos pelo ritmo moderno, hábitos esses que acabam se transformando em vícios. Como recorrer ao telefone para qualquer comunicação, por mais importante; o atraso, sempre explicado e desculpado com a condução difícil, e muitos outros. Entre eles, um vício nocivo é o de nos interessarmos pelas gravuras das revistas, lendo os títulos das histórias, as legendas e pronto. Alegamos falta de tempo, o que não é desculpa pois o tempo que usamos gastar lendo um artigo interessante não é muito e nem desperdiçado. Pelo contrário, é tempo ganho. Tomamos conhecimento de coisas novas, de fatos notáveis, de assuntos instrutivos. As fotos somente não nos fornecem assunto, não nos enriquecem a cultura, quando muito nos recreiam a vista.

Nós, mulheres, devemos arranjar uns minutos diários para a leitura. Não é necessária a leitura prolongada, nem são precisos os livros complicados. Coisa leve, variada, que nos dê uma visão rápida do mundo em que estamos e do que acontece nele, no campo das ciências, das artes, da política e...dos “disse-me-disse”. Revistas, por exemplo, contendo mais matéria redacional que ilustrações, que apresentem essa matéria de forma inteligente, atraente, divertida. Esse é um tipo de revista que desejaremos ler e que podemos ler. Leitura assim não cansa, não toma tempo, e nos liberta desse prejudicial vício moderno.¹¹”

Em 21 de abril de 1960 Clarice Lispector publica seu primeiro texto no tablóide *Diário da Noite* na coluna feminina chamada “Só para mulheres” por indicação de seu amigo, Otto Lara Rezende¹² ao jornalista Alberto Dines que está a frente do jornal.

A linha editorial do jornal implica na utilização de uma linguagem específica que se comunique bem com a camada popular. Para muitos, essa

¹⁰LISPECTOR, Clarice. Beleza em Série. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1º de abril de 1960.

¹¹ LISPECTOR, Clarice. Vícios Modernos. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1959.

¹² Otto Lara Resende pertencia ao grupo dos quatro mineiros, ao lado de Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e o psicanalista Hélio Pellegrino. Assim como eles, conhecia Clarice desde 1944, quando Lúcio Cardoso apresentara Perto do Coração Selvagem a seus amigos literatos de Minas.

imposição seria um obstáculo para Clarice – já que ela sempre foi uma mulher intelectualizada, sofisticada e muito culta – mas para surpresa de todos, a jornalista se aproximou com facilidade da leitora do *Diário da Noite*.

Dessa vez, Clarice não criou um pseudônimo, e sim, encarnou a conhecida artista Ilka Soares¹³. Atuando pela primeira vez como *ghost writer*, a jornalista escreveria para as leitoras do jornal como se fosse um dos grandes símbolos de feminilidade, fama e beleza. Sem contar que agora ela conversaria com o público feminino como se de fato conhecesse o glamour do mundo das passarelas.

Seu momento de criação envolvia redigir os texto para a coluna e também sugerir a diagramação das páginas, com fotos e imagens recortadas de revistas estrangeiras. Clarice Lispector já sabia o que deveria estar em destaque para chamar atenção do público, e depois de anos de experiência, também já conhecia o conteúdo pelo qual as mulheres mais se interesavam. “Ilka Soares” sabia como resolver os problemas e questionamentos da mulher moderna:

“Para começo de conversa, você ficará realmente desnorteada se pensar que uma mulher atraente atrai todos os homens. Não creia que seu enquanto possa sensibilizar indistintamente morenos e louros, esportivos e boêmios.

E, estabelecido que não adianta copiar o “*sex-appeal*” de outras mulheres – e, sim, criar o próprio – o que você pode começar por fazer é examinar-se metodicamente. E descobrir as características que você deve e pode acentuar.

Faça a descoberta de si mesma – e aos poucos você descobrirá que é mais seguro e compensador valoriar-se, do que ser hoje um carbono manchado de Sophia Lore, e amanhã outro carbono manchado de Lollobrigida. Livre-se da “obsessão-vedete”, e você encontrará o seu próprio caminho.(LISPECTOR, 1960, p. 13)

2.4.

A escrita de Clarice e sua popularidade através da Imprensa Nacional

“Acho que se escrever sobre o problema da superprodução de café no Brasil terminarei sendo pessoal.” (FERREIRA, 1972, p. 223)

Clarice Lispector, além de ter fama e ser consagrada como escritora, foi durante toda vida jornalista. Podendo atuar como repórter, cronista, colunista de página feminina e entrevistadora, Clarice mantinha em todos seus trabalhos, seja

¹³Ilka Hack Soares é uma atriz e modelo brasileira. Uma das mulheres mais belas do Brasil dos anos 50 e 60, fez sua estreia no cinema em 1949 no filme *Iracema* (adaptação do romance de José de Alencar).

factual ou ficcional, os mesmos propósitos e circunstâncias que a motivaram desde o início a escrever.

Sua irreverência aparece em todos os textos, e também em seu modo de lidar com a própria vida. Não é à toa que sua primeira publicação foi feita a partir de uma iniciativa da jornalista, que superando sua “timidez ousada” foi na redação, e simplesmente pediu ao diretor do jornal que publicasse o seu texto.

Para muitos a jornalista Clarice é uma novidade. Mas para mensurar seu ofício, ela “escreveu cerca de 450 colunas na imprensa feminina, o que equivale a aproximadamente 5 mil textos distribuídos em fragmentos de ficção, crônicas, noticiário de moda, conselhos de beleza, receitas de feminilidade, dicas de culinária, educação de filhos e comportamento. Como entrevistadora, foram cerca de 100 textos. E, somente para o *Jornal do Brasil*, publicou mais de 300 crônicas.” (NUNES, 2012, p. 18)

Seus escritos jornalísticos eram marcados por temas metafísicos, mas também havia nas páginas dos jornais o compartilhamento de suas experiências como mãe, dona de casa, evidenciando seu relacionamento com os amigos, com grandes personalidades, e até com Deus. A personalidade típica de Clarice tornava seu jornalismo um tanto quanto próprio, singular e exótico.

Mas muitos criticaram seu estilo de “conversa íntima de sábado”, colocando sua produção como uma arte menor, com pouca sofisticação, e que atendia somente a questões que se davam em um contexto superficial. A maioria das colunas de Clarice eram invariavelmente femininas e demasiadamente pessoais.

Se comparada ao também jornalista e escritor Rubem Braga é possível ver algumas brutais diferenças. Ele possuía uma “grandiloquência, um refinamento de tom autoconsciente” (MOSER, 2011, p. 487) enquanto Clarice permanecia em textos sobre suas empregadas, sua infância e suas viagens. Mesmo sendo amigo próximo, Rubem Braga parece que foi um dos que criticou o estilo das crônicas de Clarice, e publicamente ela respondeu:

“É verdade Rubem. Rubem, eu faço o que posso. Você pode mais, mas não deve exigir que os outros possam. Faço crônicas, humildemente Rubem. Não tenho

pretensões. Mas recebo carta de leitores e eles gostam. E eu gosto de recebe-las.” (LISPECTOR, 1994, p. 406).

A carreira de Clarice Lispector como colunista do *Jornal do Brasil* trouxe a ela um contato direto com o grande público, com a massa, ultrapassando o seu pequeno – e cativo – grupo de intelectuais que a mavam sua literatura. A jornalista estava junto à classe média, e sua fama cresceu de forma exponencial.

A popularidade é um aspecto demasiadamente importante para aqueles que desejam vender livros, afinal, todos sabem que a leitura no Brasil sempre foi algo destinado a um grupo seletivo, daqueles que dispõem de um alto poder aquisitivo, e que possuem um certo conhecimento e educação.

Assim, os veículos impressos de massa proporcionam ao escritor um contato direto – e intenso - com o público leitor, e isso acontece ainda de forma diária e com um alcance enorme. Afinal, a leitura do jornal já faz parte do hábito da população, e sendo o preço acessível a uma grande maioria, assim as barreiras culturais e de conhecimento são quebradas, possibilitando que o seu texto chega nas mãos de diversas pessoas.

Clarice Lispector causou um impacto como jornalista. O público a adorava. E ela, a partir de seus textos, mandava todo o carinho e amor de volta para seus leitores. Uma garota escreveu para agradecer a Clarice por ajuda-la a amar, e Clarice respondeu agradecendo:

“Obrigado também pela adolescente que já fui e que desejava ser útil às pessoas, ao Brasil, à humanidade, e nem se encabulava de usar para si mesma palavras tão imponentes”.(LISPECTOR, 1984, p. 75)

A literatura de Clarice sempre esteve presente em seus textos jornalísticos. O caráter imprevisto das reportagens, a presença da autora em todos os seus textos, a exposição de suas impressões em seus escritos, a abordagem de assuntos de seu interesse, a proximidade com o entrevistado, a falta de neutralidade, fizeram de Clarice uma jornalista diferente.

Suas entrevistas ultrapassavam o sistema de perguntas e respostas, como ela mesma contou a uma jornalista:

“Eu me expus nessas entrevistas e consegui assim captar a confiança de meus entrevistados a ponto de eles próprios se exporem. As entrevistas são interessantes porque revelam o inesperado das personalidades entrevistadas. Há muita conversa e não as clássicas perguntas e respostas.” (LISPECTOR, 1984, p. 75)

Em relação ao processo de criação, a percepção de ficcionista se mescla ao olhar da repórter, sua linguagem não é usual e em seus escritos sempre existe uma “atmosfera estrangeira”, como se algo de exótico estivesse sendo exposto ali. Clarice Lispector foi uma *outsider* no contexto jornalístico e literário brasileiro.

Além de Clarice Lispector existem diversos exemplos de jornalistas que atuavam como escritores ou vice e versa. José Carlos Oliveira, Antônio Callado, Nelson Rodrigues, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga. Aqueles que dominavam a arte da escrita contribuíam para o mundo literário, e também para a imprensa nacional.

Logo em sua estreia literária, em 1943, com o livro *Perto do coração selvagem*, Clarice vê que esse investimento definitivamente não é nada lucrativo. “Eu não pagava nada, mas também não ganhava nada. Se houvesse lucro, era deles”. (LISPECTOR, 1984) Ela estava falando da editora do jornal *A Noite* no qual ela trabalhava na época. Essa dicotomia entre escrever por arte, e escrever por necessidade de ganhar dinheiro sempre foi uma questão para Clarice, tanto é que em sua primeira crônica para o *Jornal do Brasil* ela diz:

“E além de ser neófito no assunto, também o sou em matéria de escrever para ganhar dinheiro. Já trabalhei na imprensa como profissional, sem assinar. Assinando, porém, fico automaticamente mais pessoal. E sinto-me um pouco como se estivesse vendendo a minha alma. [...] Vendo, pois, para vocês com o maior prazer uma certa parte de minha alma – a parte da conversa de sábado”. (LISPECTOR, 1984)

Sempre questionada sobre sua real vocação, ou como escritora, ou como jornalista, Clarice deixou para posteridade a melhor resposta para essa pergunta: “Um nome para o que sou, importa muito pouco. Importa o que eu gostaria de ser.”

2.5. Investigação, Clarice Lispector e a Internet

Esta pesquisa acadêmica propõe a análise de um fenômeno literário que acontece na internet e, principalmente, nas redes sociais, que encontra seu enfoque

na escritora brasileira Clarice Lispector e em suas produções literárias presentes em jornais, revistas, colunas femininas, entrevistas, e também em seus romances. As contribuições de Clarice Lispector para a imprensa nacional e para o universo literário foram fragmentadas e compartilhadas de maneira tão substancial e voraz como nenhum outro autor nacional, o que justifica a necessária investigação e a relevância acadêmica desta proposta de trabalho. A plataforma midiática é um trampolim para a glamourização de Clarice Lispector e, também, para a popularização de seus escritos que no passado foram atribuídos, até pela própria escritora, a um público intelectual e elitizado como fica evidente no conto “A Mineira Calada” de Clarice Lispector.

Aninha é uma mineira calada que trabalha aqui em casa. E, quando fala, vem aquela voz abafada. Raramente fala. Eu, que nunca tive empregada chamada Aparecida, cada vez que vou chamar Aninha, só me ocorre chamar Aparecida. É que ela é uma aparição muda. Um dia de manhã estava arrumando um canto da sala, e eu bordando no outro canto. De repente – não, não de repente, nada é de repente nela, tudo parece uma continuação do silêncio. Continuando pois o silêncio, veio até a mim a sua voz: “A senhora escreve livros?” Respondi um pouco surpreendida que sim. Ela me perguntou, sem parar de arrumar e sem alterar a voz, se eu podia emprestar-lhe um. Fiquei atrapalhada. Fui franca: disse-lhe que ela não ia gostar de meus livros porque eles eram um pouco complicados. Foi então que, continuando a arrumar, e com voz ainda mais abafada, respondeu: “Gosto de coisas complicadas. Não gosto de água com açúcar.” (LISPECTOR, 1984)

Sob a influência destas iniciais constatações, esta pesquisa foi dividida em três capítulos: O capítulo 1 evidencia a razão da escolha de Clarice Lispector como objeto de investigação, e analisa as prerrogativas inerentes a plataforma virtual e cibernética no qual ocorre o movimento singular de mitificação e apropriação das produções literárias de Clarice Lispector. Nesse momento do estudo procura-se expor brevemente algumas interpretações para os sinais identificados através do contexto cultural contemporâneo, no qual a paixão pelo palpável estabeleceu um valor de uso nos excertos das obras de Clarice Lispector compartilhados nas redes sociais, e como veículo de psicologia do espectador que vitupera a práxis artística contida no ato confessional da escritora - muitas vezes encontrado no germen de uma realidade traumática - a completude das obras apresentam um deleite secundário de prestígio. Observa-se que no desgosto perante o insípido, o leitor-internauta empalideceu a verdade no discurso híbrido que tinha sua raiz no poder de fabulação da autobiografia respaldada pela consistência da experiência. O uso dos testemunhos pela sociedade midiática contemporânea aponta para além da

ficção, e na economia dos desejos e dos discursos operados pelas mídias se fabrica o presente com a realidade cotidiana.

A pulverização dessas micro-narrativas sem lastro e sem transcendência que foram apropriadas pelo *status quo* da cultura midiática são verificadas como suplementos de uma falta, que é o próprio real. O confessionário eclesiástico e o confessionário psicanalítico foram substituídos pela ênfase exibicionista da voz e corpo “ao vivo” dos meios de comunicação, e o caráter testemunhal das redes sociais é a prova irrefutável da consignação da matéria clariciana ao mundo cibernético fetichizado e que culminou na mitificação da escritora como musa popular brasileira pelos motivos equivocados.

Longe do propósito de espetacularização do sujeito, a verdade empírica de Clarice Lispector desejava preservar o conteúdo metafísico da arte a partir da transmutação de seu mundo onírico sem a perfídia contemporânea deliberada de mercadorização do real. Na inoperância da própria atividade espiritual na atualidade, apreende-se o emblematismo da voz antecipadora de Clarice que conformou sua máquina narrativa através do processo de autognose - enunciador do discurso anímico -, e da pertinência do uso da voz cotidiana que teria completa ressonância do *zeitgeist* vindouro.

No capítulo 2 inicia-se a etapa de mapeamento da presença de Clarice Lispector na Internet. Foram identificados sete websites e blogs que apresentavam como temática a vida e obra de Clarice Lispector, exclusivamente. Dentre eles, dois foram selecionados por contarem com uma estrutura informacional mais completa, por transmitirem diferentes pontos de vista para a abordagem deste tema, sendo um de caráter institucional e outro que demonstra a visão de um leitor que admira a obra de Clarice Lispector. Também foi levado em consideração o tempo que os mesmos já estão veiculados na internet.

O primeiro deles é o blog pertencente ao website do Instituto Moreira Salles (IMS) que, atualmente, conta com o maior acervo literário e pessoal de Clarice Lispector. Esta é a fonte institucional relacionada a escritora brasileira, e que preserva um conteúdo sobre as obras literárias, artigos e ensaios, dissertações e

teses, publicações, originais, documentos, aulas, e todas as novidades relacionadas a autora.

O Blog Clarice Lispector foi escolhido por já contar com mais de um milhão de visitas, e por ser um ambiente virtual que apresenta um conteúdo relacionado a escritora por mais de dez anos, evidenciando seu compromisso e estabilidade com a proposta de levar um pouco do universo lispectoriano para o grande público. Devido a sua arquitetura estruturada com diversas opções de material e informações que abrangem a vida e a obra de Clarice Lispector, e por ser uma plataforma que conta com intenso fluxo de navegação e que já foi utilizada como referência jornalística e fonte segura de um conteúdo desenvolvido por um fã apreciador das obras da autora, o Blog Clarice Lispector atua como um importante *corpus* da pesquisa.

No capítulo 3 é realizada uma coleta netnográfica de todas as referências a Clarice Lispector na rede social Facebook. Com 97 páginas criadas exclusivamente para a escritora brasileira, e que somam 2,230,343.3 seguidores, foram escolhidas para análise aquelas que apresentam mais de 50 mil curtidas. A partir desse filtro destacam-se 9 páginas que farão parte do mapeamento na rede social, e que representam o mosaico heterogêneo que traduz-se como repositório de informações para o mito de Clarice Lispector nas redes, e a eternização de suas feições como um produto da cultura de massa.

A proposta desse capítulo é vital para a validação da hipótese acerca dos alicerces que sustentam os universos simbólicos, mito, língua, arte, ciência, e representam o aspecto ativo do conhecimento, mas que a partir das determinações classificatórias esses aspectos são condensados em formas sociais, reconhecidas como arbitrárias e socialmente determinadas. Esse cenário é o garantidor de uma ordem gnoseológica, isto é, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências.” (BOURDIEU, 2001)

Os escritos de Clarice Lispector fazem parte dessa luta do sistema simbólico. Como enunciou Alberto Dines, jornalista e amigo da escritora, a morte da autora em 1977 resultou em um fenômeno curioso. Após batalhar para conseguir

a publicação de seus romances, Clarice passou de escritora *to the happy few* para musa da cultura popular brasileira. Ela, que escrevia para a imprensa nacional unicamente com o propósito de ter um salário e obter um retorno financeiro que não era alcançado pelas vendas de seus livros, viu-se sob os holofotes do grande público.

Stuart Hall manifestou em sua obra a relevância da cultura nas relações sociais. “Estudar a cultura popular é entrar em contato com o que é importante para as vidas das pessoas comuns – sua cultura. [...] há um forte ímpeto de mostrar como as pessoas são conformadas ou manipuladas por forças culturais.” (HALL, 1992). Esta constatação feita pelo sociólogo é oportuna à luz da mudança paradigmática na aceitação da literatura de Clarice Lispector pela massa popular.

Neste cenário, deve-se suprimir o olhar dom-quixotista acerca da adesão massiva na atualidade aos pensamentos da escritora, já que a ressonância das marcas literárias típicas de Clarice Lispector sempre esteve associada a uma cultura dominante que exercia uma distinção hierárquica gerando um distanciamento de classes, e fomentava a rivalidade no microcosmos da luta simbólica.

Autora de pequeno público, de textos – romances, contos, crônicas, que se distinguiam pelo seu ar requintado, e às vezes por uma sublimidade que só podia ser vencida ou atravessada pelo caminho da atenção desdobrada, Clarice Lispector enfrentou, a vida inteira, o desafio das emigrações editoriais, percorrendo desde as pequenas editoras às mais prestigiadas e aparelhadas para ampliar a sua presença no mercado. No seu caso específico de escritora *to the happy few*, a morte foi seu grande e definitivo editor. Desaparecida, ela foi, finalmente, descoberta e redescoberta, numa iluminação que transpôs as fronteiras aborígenes. Em Paris ou Nova York, costume encontrar traduções de Clarice Lispector, e me sobem à lembrança aqueles tempos em que ninguém queria publicá-la ou o fazia num gesto de largada generosidade.” (SALLES, 2004)

A possibilidade de fenômenos como o que envolve a literatura de Clarice Lispector no que diz respeito a sua passagem de um conteúdo encastelado e direcionado a uma classe dominante, e que na atualidade se transformou em construções discursivas que representam a cultura popular e que estão associadas à classe dominada. O universo lispectoriano que foi descoberto e redescoberto após a morte da escritora, aparece no cenário que é emergido por Barthes em sua obra. “Cada objeto do mundo pode passar de uma existência fechada, muda, a um estado

oral, aberto à apropriação da sociedade, pois nenhuma lei, natural ou não, pode impedir-nos de falar das coisas.” (BARTHES, 2001).

Mas é importante suscitar com clareza a realidade que Clarice Lispector está inserida nos dias de hoje, afim de se esgotar todas as nuances que formam o mosaico arquétipo e que constituem a mescla paradigmática de matérias contraditórias no corpo identitário da escritora. Roland Barthes antecipa: “O conceito corresponde a uma função precisa: define-se como uma tendência.” (BARTHES, 2001).

Com todas as particularidades, o mundo cibernético - com seu caráter impulsionador - foi o meio responsável por lançar Clarice Lispector ao grande público. As redes sociais são os instrumentos utilizados como ambiente para os usuários expressarem essa nova associação, tendo em vista que a comunicação se tornou “uma questão de mediações mais do que de meios, questão de cultura, e, portanto, não só de conhecimento, senão de re-conhecimento” (MARTÍN-BARBERO, 1987).

A interconectividade é a baliza entre o anonimato e a fama, os lembrados e os esquecidos, os presentes e os ausentes, e ainda, é a forma aceita e estruturada para potencializar o conceito relacionado à escritora que estabelece o caráter de tendência que foi a ela atribuído. Esse novo panorama evidencia a presença ativa de Clarice Lispector nas interações sociais que se estabelecem majoritariamente através desses veículos de comunicação que penetram em todas as instâncias da vida social. Além do meio, e do ambiente que ocorre essa comparência ubíqua da escritora, a compreensão da forma como ela se estipula é imprescindível para imbricar a literatura contemporânea à supremacia que existe no telos da tecnologia.

“É que, aqui, o conceito se manifesta em toda a sua apropriação; vem até mim para me obrigar a reconhecer o corpo de intenções que o motivou colocando-o aí como sinal de uma história individual, como uma confiança e uma cumplicidade; é um verdadeiro apelo [...]” (BARTHES, 2001)

A transformação acelerada da comunicação midiática por conta do desenvolvimento de dispositivos tecnológicos, da evolução da demanda, e da reconfiguração de seu uso (COGO, 2010), faz com que os usuários das redes sociais afirmem sua relação com Clarice Lispector de uma maneira curiosa, mas bastante difundida na linguagem e no tipo de interação dessa ferramenta.

Inicialmente, trechos e fragmentos são retirados das obras originais da escritora e compartilhados nos perfis dos internautas. Mas, uma vez fora do contexto em que foram criados, esses excertos adquirem novos significados que se traduzem com base nas experiências identitárias e práticas sociais individuais e coletivas dos receptores, já que pode-se afirmar que “nenhuma prática de recepção em que estejam implicadas materialidades midiáticas pode estar isenta de interações comunicacionais providas de historicidade e contextualizadas socioculturalmente.” (BARTHES, 2001)

Suprimindo a vastidão da complexidade estética e literária de Clarice Lispector, e fazendo borbulhar a frivolidade de temáticas pautadas em fins de relacionamento, crises existenciais, projeções para o futuro, e questionamentos de identidades, outras palavras de ordem são repetidas infinitamente no *feed de notícias* do mundo virtual. A fala mítica compreende clichês que se encontram esvaziados de imposição cognitiva, e por serem simultaneamente imperfectíveis e indiscutíveis, “[...] esse breve roubo, esse momento furtivo de falsificação, que constitui o aspecto transpassado da fala mítica.” (BOURDIEU, 2001), cristaliza a luta cultural e social do poder simbólico de dominação.

3. Clarice na Internet

3.1. Clarice Lispector – Instituto Moreira Salles (IMS)

3.2. Arquitetura do Website

O maior repositório da obra de Clarice se encontra no site institucional do Instituto Moreira Salles (IMS), instituição cultural sem fins lucrativos, criada em 1992 e sustentada pelo grupo Unibanco e pela família Moreira Salles. Tal empreendimento abriga uma equipe com mais de vinte profissionais do campo literário e comunicacional, representando a iniciativa de difusão, de maneira mais ampla, de um dos acervos mais notáveis da instituição, que inclui os originais manuscritos das obras *A Hora da Estrela* e *Um Sopro de Vida*.

Em 1994, o Departamento de Literatura do IMS começa a ser formado a partir da chegada do arquivo do jornalista, escritor, e amigo de Clarice Lispector, Otto Lara Resende¹⁴. A documentação inaugural dá início ao tratamento técnico arquivístico que reitera o trabalho de acervo dos maiores nomes das letras brasileiras: Carlos Drummond de Andrade, Erico Veríssimo, Carlos Mendes Campos, Lygia Fagundes Telles, Mario Quintana, Rachel de Queiroz. A biblioteca do IMS apresenta mais de 30 mil itens de acervo, e 130 mil itens em arquivos.¹⁵

No compromisso de preservar esses documentos históricos e de divulgá-los com o propósito de promover a pesquisa sobre tais personalidades da literatura brasileira, o IMS “promove exposições, edita livros com material do acervo, inédito ou não, contribui com estudos para edições mais bem cuidadas de seus autores, além de editar sites como o de Clarice Lispector (...)”. Além de iniciativas como cursos e palestras, o IMS estabeleceu duas datas fixas que foram incluídas no calendário cultural do país para homenagear dois autores nos dias dos seus

¹⁴ Jornalista, escritor, diplomata e imortal da Academia Brasileira de Letras. Fazia parte do grupo “os quatro mineiros de um íntimo apocalipse” com os intelectuais Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino.

¹⁵ Informação retirada do site do Instituto Moreira Salles (IMS). Link: <https://ims.com.br/sobre-o-ims/>. Data de acesso: 05/03/2018

respectivos aniversários: Clarice Lispector no evento *Hora de Clarice*, no dia 10 de dezembro, e Carlos Drummond de Andrade, no *Dia D*, 31 de outubro.

A missão do IMS é gerar conhecimento a partir de acervos, o que determina um intenso trabalho prévio de higienização, digitalização de imagens e sons, e um apurado sistema de catalogação que irá contribuir para exposições, publicações e a investigação de pesquisadores. A necessidade de aperfeiçoar e renovar o conteúdo disponibilizado na internet diz respeito ao objetivo principal do instituto: “propagar de forma ágil e gratuita seus acervos e sua programação cultural.”¹⁶

Devido à importância de Clarice Lispector, e por conta da extensão de seu acervo junto ao IMS (parte dos arquivos da escritora encontram-se na Fundação Casa de Rui Barbosa), o Departamento de Literatura lançou em dezembro de 2012 um endereço virtual exclusivo para a autora. As fotos, documentos, manuscritos, cartas, e pesquisas contribuiriam diretamente para a singularidade que não pode ser encontrada em nenhuma outra plataforma que deseje tratar da vida e obra de Clarice Lispector.

No conceito sobre o campo de dominação simbólica estruturado por Pierre Bourdieu (1996) é possível vislumbrar o caminho trilhado na produção do site didático e institucional que é objeto desta pesquisa. Nas palavras do autor:

[...] talvez seja preciso deixar de pensar na lógica teológica do “primeiro começo”, que leva inevitavelmente à fê no “criador”: o princípio da eficácia dos atos de consagração reside no próprio campo e nada seria mais vão que buscar a origem do poder “criador, essa espécie de *mana* ou de *carisma* inefável, incansavelmente celebrado pela tradição, em outra parte que não nesse espaço de jogo que progressivamente se instituiu, isto é, no sistema das relações objetivas que o constituem, nas lutas das quais ele é o lugar e na forma específica de crença que aí se engendra.” (p.199)

Bourdieu (1996) mostra a partir do conceito de campo artístico, que engloba o literário, a eficácia da consagração do artista e suas ações que se fundamentam coletivamente. O sociólogo francês postula que o campo literário apresenta uma lógica própria responsável por reconhecer e autorizar determinado trabalho artístico, isto é, as obras ficcionais de Clarice Lispector, a partir, essencialmente, do

¹⁶ As seguintes informações presentes neste capítulo foram retiradas do site do Instituto Moreira Salles (IMS). Link: <https://ims.com.br/sobre-o-ims/>. Data de acesso: 05/03/2018

universo dos celebrantes e dos crentes que atribuem sentido e valor utilizando por referência as categorias de percepção e apreciação estabelecidas por diretrizes específicas do campo artístico.

É importante ressaltar que a organização e estrutura utilizada para o compartilhamento desses dados referentes a escritora brasileira foram escolhidos de certa maneira a atrair um público heterogêneo que navega na internet e que pode ter interesse em diversos aspectos no que diz respeito as obras e contribuições de Clarice Lispector. O site de Clarice Lispector procurou, através do endosso dos seus críticos, construir uma imagem de Clarice como uma escritora singular. Não é à toa que foram selecionadas fotos com o olhar misterioso de autora.

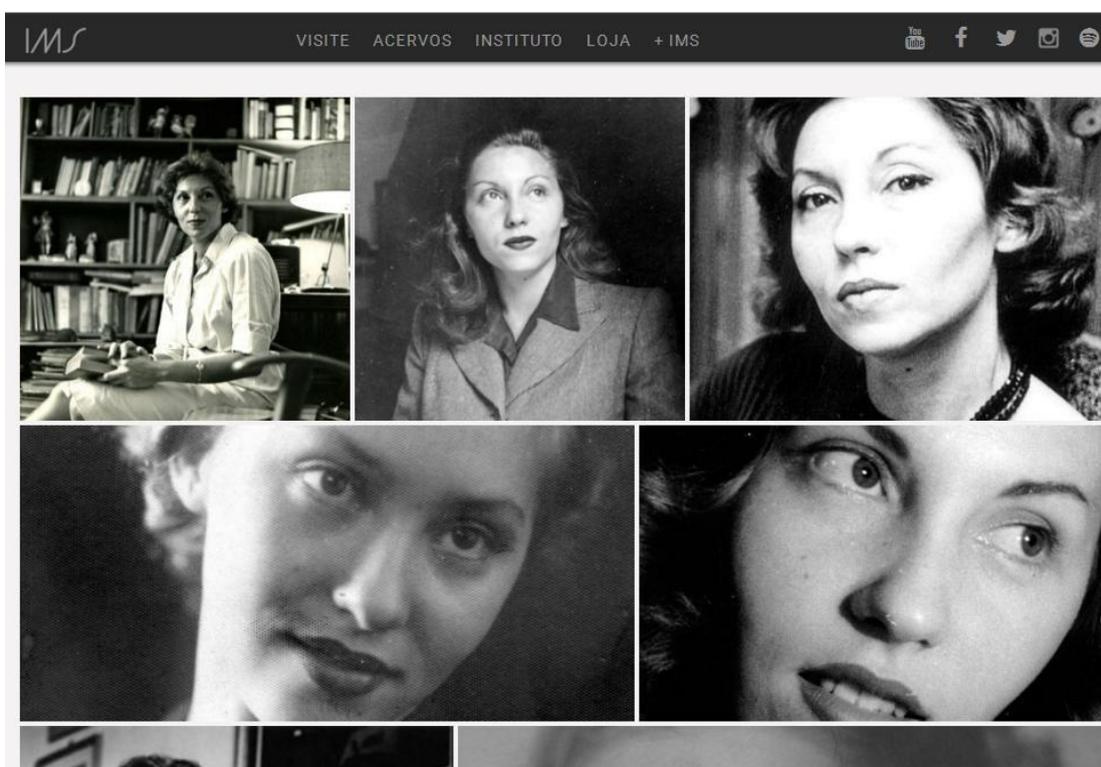


Figura 1: Capa de apresentação do site sobre Clarice Lispector desenvolvido pelo Instituto Moreira Salles (IMS).

Fonte: <https://claricelispectorims.com.br/> Data de acesso: 05/03/2018.

As fotos que evidenciam o olhar emblemático de Clarice Lispector foram utilizadas como hologramas em um poder ativo e mágico de criar um efeito e afeto que agem sobre os internautas na percepção da essência da escritora através de seus traços enigmáticos. Como o pesquisador americano Benjamin Moser usou na introdução de sua biografia sobre a autora, trata-se de uma esfinge a ser decifrada. É possível encontrar uma identificação sobre a análise do rosto de Clarice Lispector

com as impressões de Roland Barthes (2009) sobre as feições da atriz Greta Garbo, ícone do cinema mundial.

“O rosto de Garbo representa o momento frágil em que o cinema está prestes a extrair uma beleza existencial de uma beleza essencial, em que o arquétipo está se dirigindo ao fascínio pelos rostos perecíveis, em que a clareza das essências carnavais cederá o seu lugar a uma lírica da mulher.” (BARTHES, 2009, p. 72)

Assim como Garbo, o rosto de Clarice é transformado em ícone. Moser (2011) indica em sua obra que foram muitas as tentativas de descrever uma mulher indescritível como Clarice Lispector. O pesquisador chama a autora de Esfinge do Rio de Janeiro, e compartilha as impressões do poeta Ferreira Gullar, que relembrou o primeiro encontro com a escritora: “Seus olhos amendoados e verdes, as maçãs do rosto salientes, ela parecia uma loba – uma loba fascinante. [...] Imaginei que, se voltasse a vê-la, iria me apaixonar por ela.”

Considerando que o espaço das redes sociais é o local de atuação das apropriações narrativas de Clarice Lispector por seus fãs, uma de suas frases populares que é compartilhada milhares de vezes nos *feeds* de notícia de seus seguidores revela a essência da presente reflexão: “Sou tão misteriosa que não me entendo.” Greta Garbo acompanha essa aura de mistério. O responsável pelo departamento de cinema do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMa), Charles Silver, afirmou sobre a atriz: “Ela tentou ser uma figura misteriosa”.

O mito Clarice Lispector fica rodeado por uma neblina de contradições que vigora uma mística particular que pode ser atribuída a imagem de Greta Garbo em todas as significações possíveis que foram extraídas de suas feições. Nas palavras de Benjamin Moser (2011):

“Clarice Lispector” já chegou a ser considerada um pseudônimo, e seu nome original só foi conhecido depois de sua morte. Onde exatamente ela nasceu e quantos anos tinha também eram pontos pouco claros. Sua nacionalidade era questionada, e a identidade de sua língua nativa era obscura. Uma autoridade atestará que era de direita, e outra, que era comunista. Uma insistirá que era uma católica devota, embora na verdade fosse judia. O que torna peculiar essa teia de contradições é que Clarice Lispector não é uma figura nebulosa, conhecida a partir de fragmentos de antigos papiros. Ela morreu há pouco mais de trinta anos. Muitas pessoas que a conheceram bem ainda estão vivas. Foi alguém de destaque praticamente desde a adolescência, sua vida foi documentada à exaustão na imprensa, e deixou uma extensa correspondência. Ainda assim, poucos grandes artistas modernos são, em essência, tão pouco familiares quanto ela.” (p. 15)

A imagem de Clarice Lispector se perpetua como uma presença que foi construída no oculto, mas que com uma “alma virada pelo avesso” na confissão de suas verdades interiores, encontra-se o paradoxo de uma mulher só, e nesta solidão repleta de experiência humana o “ser eleito” está encastelado em suas obrigações de mito. Nos escritos de Clarice Lispector identifica-se o espelho da própria alma, e em um tom profético ela diz, “eu sou vós mesmos. ”

3.3. Disposições temáticas do Website

A arquitetura da página virtual de Clarice Lispector corresponde aos seguintes itens: *Vida; Livro a Livro; Sobre as Obras; No IMS; Hora de Clarice; O Rio por Escrito; Blog; Contato; Créditos*. A contextualização histórica e pessoal de quem é a escritora brasileira Clarice Lispector, em qual momento ela estava inserida para o desenvolvimento de suas obras, e quais as principais motivações para seu reconhecimento como um grande nome no mundo literário, são as principais perguntas dos internautas que navegam pelo site criado pelo IMS. Assim, o primeiro tópico (ou aba) intitulado *Vida* foi produzido por Nádia Batella Gotlib, professora de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP) responsável pela biografia *Clarice – Uma vida que se conta* (São Paulo: Ática, 1955) e *Clarice Lispector: fotobiografia* (Edusp).

3.4. Cronologia de Clarice Lispector

Nádia Batella Gotlib é a principal fonte acadêmica de todo o conteúdo sobre Clarice Lispector elaborado para o site. Na formulação da cronologia da autora brasileira dedica-se um espaço dinâmico e interativo que remete a trajetória da mesma. A linha de tempo utilizada remete ao ano de 1920 seguindo até 2012, e é preenchida com curtos textos informativos que são ilustrados com imagens de documentos ou fotos.

IMS InstitutoMoreiraSalles VISITE ACERVOS INSTITUTO LOJA + IMS

1920

Nasce, a 10 de dezembro, em Tchetchnik, uma aldeia da Ucrânia, então pertencente à Rússia, Haia Lispector, terceira filha do comerciante Pinkouss e de Mania Lispector. O casal já tinha duas outras meninas: Leia, de 9 anos, e Tania, de 5. O nascimento ocorre durante viagem de emigração da família em direção à América – os pais, judeus, que moraram em Savran, onde nasceu a primeira filha, e em Teplik, onde tiveram a segunda, decidem emigrar três anos após a Revolução Bolchevique de 1917, desanimados com sucessivas guerras internas e constante perseguição antissemita, gerando fome e miséria. Na viagem enfrentam assaltos e epidemias. A mãe requer cuidados especiais porque sofre de paralisia progressiva. Durante o trajeto, a caçula dos Lispectors ouve os sons de diversos idiomas: iídiche e russo, línguas faladas pelos pais, além daquelas dos países por onde passam e tomam residência temporária.

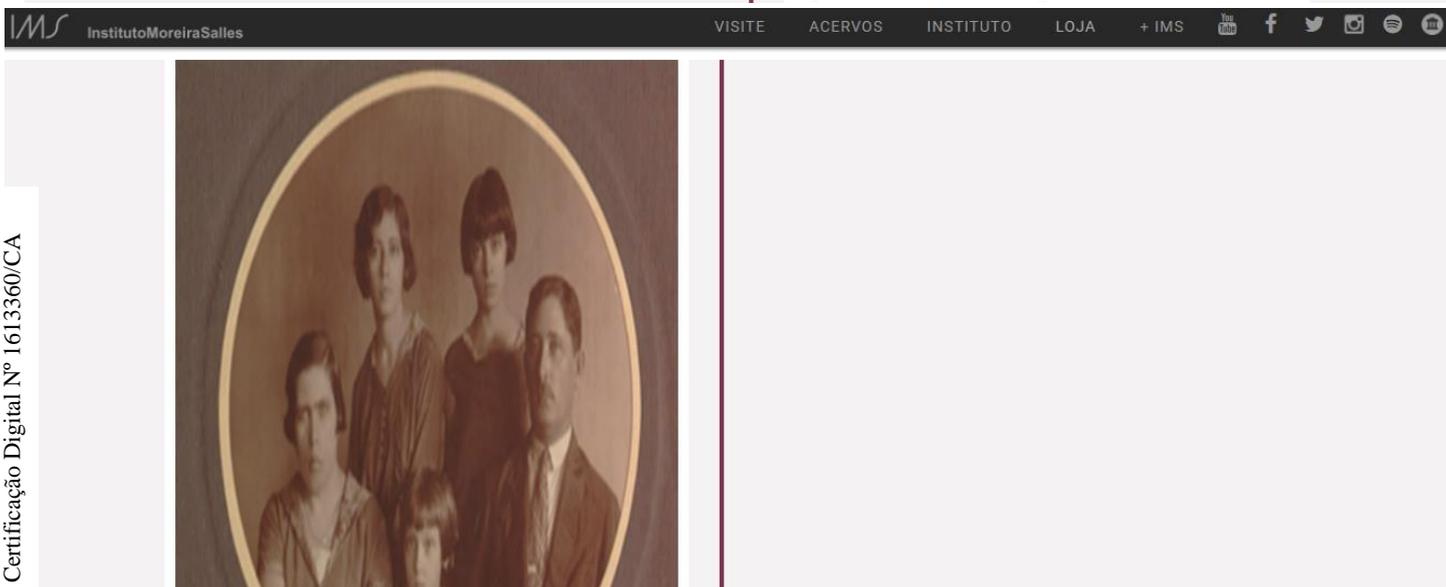


Figura 2: Cronologia da vida de Clarice Lispector desenvolvida pela professora Nádia Batella Gotlib.

Os 92 anos retratados nesta cronologia são contemplados com destaques da vida profissional e pessoal de Clarice Lispector.

“1965- Clarice vai a Austin, nos Estados Unidos, aceitando convite para proferir uma conferência, sobre o tema: “Literatura de vanguarda no Brasil”, no XI Congresso Bienal do Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana, realizado na Universidade do Texas. Lá conhece Gregory Rabassa, que anos depois traduziria *A maçã no escuro*. Compra, em setembro, após a oficialização da separação conjugal e divisão dos bens do casal, o apartamento 701 de um prédio, que ainda estava sendo construído, localizado à Rua Gustavo Sampaio, 88, no Leme. Escreve, em alguns meses, o romance *A paixão segundo G.H.*; ao longo do processo, apresenta trechos à poeta Marly de Oliveira, sua amiga. Com o livro, que entregaria a Fernando Sabino e Rubem Braga para publicação na Editora do Autor, de propriedade de ambos, pôs fim a um período de “aridez” que durava desde o término de *A maçã no escuro*, sete anos antes.

Este trecho é um exemplo que compõe o plano de juntar fatos interessantes da vida de Clarice que contribuem diretamente para os momentos de produção de suas obras literárias. A cronologia é descrita como a iniciação para o universo lispectoriano, o primeiro passo para se compreender o mistério da linguagem da escritora. E diferente de uma biografia que tem como propósito captar todas as minúcias da trajetória de seu objeto de estudo, a linha do tempo é projetada de tal maneira a engajar, todos os internautas interessados, em um caminho que conduz ao clímax da narrativa que conta a vida Clarice Lispector: seus contos, crônicas, novelas, romances, e literatura infantil.

3.5. Obras completas de Clarice Lispector

O segundo tópico chamado de *Livro a Livro* apresenta de maneira ilustrativa todas as capas originais de todos os seus romances.



Figura 3: Capa de apresentação do tópico *Livro a Livro* do site de Clarice Lispector do IMS. Fonte: <https://claricelispectorims.com.br/livro-a-livro/> Data de acesso: 05/03/2018.

Cada uma dessas capas leva a uma outra página com resenhas literárias sobre os livros em questão, e são acrescentadas informações adicionais como, por exemplo, todas as traduções que existem da obra, e ainda outras capas de outras edições. O romance de estreia de Clarice Lispector foi publicado em 1943, e a resenha sobre *Perto do Coração Selvagem* produzida por Martha Alkmin¹⁷ busca unir as impressões e recepções da obra em seu determinado contexto histórico, interconectando a crítica literária com uma breve sinopse da trama. De maneira

¹⁷ Professora Associada do Departamento de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

objetiva, a resenhista dedica um espaço para suas considerações finais que estabelecem a importância dessa obra para a trajetória literária de Clarice, e para a apreciação de seu público leitor.

Em *Perto do Coração Selvagem* assistimos ao nascimento de uma nova perspectiva no quadro da prosa brasileira, ao realinhamento de sua tradição, porque Clarice em seu trabalho com a língua, investe na narração, e não na matéria narrada. Em outras palavras, pouco importa os acontecimentos, pois são as impressões e digressões que sustentam a narrativa e a subordinam ao personagem. Trata-se, portanto, de uma obra que, por apresentar-se em sua radical diferença em relação às demais de sua geração, exigiu um novo horizonte de leitura, a partir do qual a centralidade da ficção foi concedida da ficção foi concedida à escrita e seus devires.

Dando destaque para a abordagem utilizada por Martha Alkmin em um romance que foi muito importante na carreira de Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H.* é descrito pela resenhista como uma “operação meticulosa da escrita, que extrai o máximo de rendimento de um enredo banal, Clarice realiza o que para muitos será o seu maior empreendimento literário. Nessas explanações dos romances clariceanos é possível observar um olhar mais sofisticado e rebuscado por se tratar de obras destinadas a um público muito específico, como afirma Martha Alkmin.

Talvez a partir desse momento seja possível entender porque Clarice se faria contente com certo tipo de leitor. Trata-se de um livro em que tudo concorre para uma experiência de choque, para uma vivência limite centrada no encontro de GH com o inseto. É preciso, então, que esse possível leitor “de alma já formada”, de mão dada com a protagonista, assuma com ela todos os riscos dessa catábase, desse movimento de descida ao inferno que poucos, muito poucos, são capazes de suportar.

A necessidade de um público leitor “de alma já formada” para o alcance da completude no sistema narrativo de Clarice Lispector inscreve a sua obra artística na definição de Pierre Bourdieu acerca da constituição do próprio artista que se dá através dos pressupostos e postulados do próprio campo artístico de produção e, principalmente, os elementos constitutivos mais marcantes se encontram no “conjunto daqueles que contribuem para o ‘descobrir’ e consagrar enquanto artista ‘conhecido’ e reconhecido [...]” (BOURDIEU, 1996, p. 193)

O questionamento sobre quem tem o poder de consagrar tem um encontro definitivo com aspectos determinantes que podem ser observados nos trabalhos desenvolvidos pelo IMS junto ao acervo de Clarice Lispector e seus outros artistas.

Na evidenciação de interpretações e saberes ocultos que orbitam na atmosfera clariceana, pode-se relacionar com a afirmação do sociólogo francês: “[...] o ‘descobridor nunca descobre nada que já não esteja descoberto”. (BOURDIEU, 1996, p. 193). A posição de difusor das obras artísticas que muitas instituições assumem coloca em questão o papel de “descobridor” ou “criador do criador”. E também apontam para a institucionalização do campo da arte, que pressupõe diversos profissionais que legitimam suas práticas. Conforme Bourdieu:

O aparecimento dessa nova definição da arte e da profissão de artista não pode ser compreendido independentemente das transformações do campo de produção artística: a constituição de um conjunto sem precedentes de instituições de registro, de conservação e análise das obras (reproduções, catálogos, revista de arte, museus que acolhem as obras mais recentes etc.), o crescimento do pessoal dedicado, em tempo integral ou parcial, à celebração da obra de arte, a intensificação da circulação das obras e dos artistas, com as grandes exposições internacionais e a multiplicação das galerias com sucursais múltiplas em diversos países etc. [...] (p. 197)

Essa legitimidade também é construída no site do IMS pela rede de críticos e professores de literatura, que demonstram o valor literário e social da obra da escritora. Na página destinada a obra *A hora da estrela*, Clarisse Fukelman¹⁸ é a resenhista responsável, e por ter escrito o prefácio do romance na edição de 1990, observa-se a intimidade da mesma com as palavras que definem assertivamente o universo trazido por Lispector através de sua protagonista Macabéa. “O livro discute a linguagem em nível filosófico, ao pôr em cheque a palavra como meio de conhecimento; sociológico, ao representar conflitos de classe, com destaque para a função do escritor e a inserção do nordestino na sociedade brasileira; e estético, ao tratar do gesto criador.”

Uma obra não se credencia sozinha. Precisa de público que reconheça seu valor e também de especialistas que atuem como curadores desta obra, transformando o produto em arte. Assim, o desvelamento da manifestação artística como capital simbólico encontra-se de maneira intrínseca atrelada aos crentes, que são os receptores que passam a compreender o tal produto como arte, a partir da autoridade de quem a indicou. E contemporaneamente, os influenciadores digitais

¹⁸Professora do programa de Graduação e Pós-Graduação do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

assumem um papel preponderante na eficácia simbólica e no processo de curadoria. Conforme Bourdieu (1996):

Sem dúvida, jamais a irredutibilidade do trabalho de produção simbólica ao ato de fabricação material operado pelo artista apareceu de maneira tão evidente quanto hoje. O trabalho artístico em sua nova definição torna os artistas mais do que nunca tributários de todo o acompanhamento de comentários e de comentadores que contribuem diretamente para a produção da obra por sua reflexão sobre a arte, e sobre um trabalho artístico que comporta sempre um trabalho do artista sobre si mesmo. (p. 196)

A fabricação coletiva do interesse por Clarice a partir das informações divulgadas no site inclui comentadores pertencentes a instituições de ensino tradicionais que ajudam na circulação e na legitimação da escritora no campo literário. Por isso o site dispõe de tantos títulos dos romances. Assim, é possível navegar através de abas que separam suas obras por gêneros literários. Nos contos pode-se encontrar *Laços de Família*; *A legião estrangeira*; *Felicidade Clandestina*; *A Via Crucis do Corpo*; *Onde estivestes de Noite*; *A Bela e a Fera*. Nas crônicas estão presentes os livros, *Para não esquecer* e *A descoberta do mundo*. A aba de literatura infantil disponibiliza resenhas sobre *O mistério do coelho pensante*; *A mulher que matou os peixes*; *A vida íntima de Laura*; *Quase de Verdade* e *Como nasceram as estrelas*.

E os demais romances que também apresentam páginas informativas como, *O Lustre*; *A cidade sitiada*; *A maçã no escuro*; *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*; *Água Viva* e *Um sopro de vida*. As contribuições literárias de Clarice Lispector sugerem o interesse do Departamento de Literatura do IMS de dar continuidade a missão de educar através do conhecimento na posição de instituição que legitima o repositório de material relacionado à escritora.

Bourdieu (1996) destaca a relevância da produção de valor que é anterior que a fabricação do material artístico. Assim, o IMS se constrói no trabalho desenvolvido com o acervo de Clarice Lispector e seu intuito educativo, e em sua apresentação institucional, as validações inerentes ao campo das artes como um amuleto valorizando a consulta coletiva. Nas palavras de Bourdieu:

A produção artística, especialmente na forma “pura” de que se reveste no seio de um campo de produção levado a um alto grau de autonomia, representa um dos limites das formas possíveis da atividade produtiva: a parte da transformação

material, física ou química, aquela realizada, por exemplo, por um operário metalúrgico ou um artesão, aí se encontra reduzida ao mínimo em comparação com a parte da transformação propriamente simbólica, aquela operada pela imposição de uma assinatura de pintor ou de uma *griffe* de costureiro (ou, de outro modo, pela atribuição de um perito). Ao contrário dos objetos fabricados com *import* simbólico fraco ou nulo [...], a obra de arte, como os bens ou os serviços religiosos, amuletos ou sacramentos diversos, recebe valor apenas de uma crença coletiva como desconhecimento coletivo, coletivamente produzido e reproduzido. (p. 198)

3.6.

Produções acadêmicas sobre Clarice Lispector

O próximo tópico sustentado pela página principal do endereço virtual exclusivo de Clarice Lispector é de natureza acadêmica. *Artigos e ensaios; Livros; Teses e Dissertações*; são subtemas do tópico intitulado *Sobre as Obras*.

Essa área destinada aos pesquisadores que investigam a autora evidencia a extensão e relevância para Academia dos merecidos estudos e interpretações das obras de Clarice Lispector. A fortuna crítica dá-se pela colaboração dos estudiosos da temática clariceana com textos que foram agrupados por tipologia e por ordem alfabética de autoria. Conta com mais de 300 títulos de artigos e ensaios; 150 livros; 400 teses e dissertações, a página de Clarice Lispector apresenta uma demanda significativa de internautas que utilizam esta plataforma como fonte de informação formal no que diz respeito a escritora.

O fluxo de trabalhos acadêmicos é uma amostra que representa a apreciação e relevância de todas as temáticas abordadas por Clarice Lispector em suas produções literárias e, ainda, confirma o olhar determinístico no que diz respeito ao público que busca compreender o inteiro teor das deixas simbólicas enunciadas pela escritora.

O IMS, na adoção da escritora Clarice Lispector como maior representante de suas investidas para a promoção de um acervo artístico, utiliza o que Pierre Bourdieu (1996) define como “poder mágico de transubstanciação de que é dotado”, isto é, direcionando o espectador para além do artista e suas produções, deixando-o recair sobre a percepção do divino naquilo que é apenas fabricação material do produto artístico.

As instituições difusoras de arte aderem a “ideologia carismática da ‘criação’” que faz parte dessa crença tácita, inquestionável e obrigatória para aqueles que desejam ocupar uma posição de destaque no jogo do poder simbólico que se dá no campo artístico. Jogo esse que está presente:

[...] no mercado de bens simbólicos, pela exposição, a publicação ou encenação, assegura ao produto da fabricação artística uma *consagração* tanto mais importante quanto é ele próprio mais consagrado. Ele contribui para fazer o valor do autor que defende apenas pelo fato de o levar à existência conhecida e reconhecida, de assegurar-lhe a publicação (sob sua capa, em sua galeria ou em seu teatro etc.), e de o fazer entrar, assim, no ciclo da consagração que o introduz em companhias cada vez mais escolhidas e em lugares cada vez mais raros e requisitados (por exemplo, no caso do pintor, com as exposições de grupo, as exposições pessoais, as coleções prestigiosas, os museus). (p. 193)



Figura 4: Capa de apresentação do subtópico Teses e Dissertações do site sobre Clarice Lispector do Instituto Moreira Salles (IMS).

Fonte: <https://claricelispectorims.com.br/artigos-sobre-clarice/teses-e-dissertacoes/> Data de Acesso: 05/03/2018

Dando continuidade ao que seria uma área também destinada aos pesquisadores que buscam conteúdo para suas investigações acadêmicas, o tópico *No IMS* que conta com os subtemas *Publicações*; *Originais/Documentos*; *Aulas*, irão expor os arquivos mais importantes que constam no acervo de Clarice Lispector respeitando suas respectivas categorias. No caso das publicações organizadas pelo próprio IMS, ou que foram realizadas com apoio da instituição, destacam-se *Cadernos de Literatura Brasileira – Clarice Lispector*; *Figuras da Escrita*; *Clarice, Ela*; e *Na cavidade do rochedo: a pós-filosofia de Clarice Lispector* (E-books). Todas as publicações estão disponíveis em versões PDF para serem baixadas

gratuitamente o que, mais uma vez, reafirma outra missão do IMS que é reproduzir o conteúdo do acervo de maneira eficiente e sem custos para o maior número de pessoas possíveis.

O recurso mais evidente utilizado pelo IMS como sustentação e validação de sua linha editorial, no que diz respeito às escolhas feitas para a produção do conteúdo fixo e móvel do endereço virtual de Clarice Lispector, foi o acesso a um quadro substancial de professores, especialistas, críticos literários, editores – respaldados por importantes instituições no Brasil e no mundo. Pierre Bourdieu (1996) afirmou em seu estudo que esse procedimento tem, mais uma vez, relação com a celebração das obras que irão impulsionar a circulação dos artistas e de suas produções. A busca de autoridades dos campos artísticos para endossar determinada aposta como investida legitimadora que se estabelece entre os intérpretes e a obra de arte.

[...] tudo concorre para favorecer a instauração de uma relação sem precedente entre os intérpretes e a obra de arte: o discurso sobre a obra não é um simples adjuvante, destinado a favorecer-lhe a apreensão e a apreciação, mas um momento da produção da obra, de seu sentido e de seu valor. (BOURDIEU, 1996, p. 197)

Os *Cadernos de Literatura Brasileira – Clarice Lispector* é uma obra desenvolvida inteiramente pelo IMS, trata-se de um volume duplo que traz a cronologia da vida e da obra da autora, elaborada pela professora Nádía Batella Gotlib¹⁹ junto da equipe do Departamento de Literatura do IMS, e conta com ensaios assinados por nomes como Carlos Mendes Sousa²⁰, Silviano Santiago²¹, Vilma Arêas²², Berta Waldman²³, Yudith Rosenbaum²⁴, Olga de Sá²⁵ e Benedito

¹⁹Especialistas na obra de Clarice Lispector, sobre a qual já publicou livros, Nádía BatellaGotlib é professora de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo e pesquisadora Sênior do CNPq.

²⁰Professor de literatura brasileira na Universidade de Minho. Dedicou-se por longo tempo a Clarice Lispector com sua obra *Clarice Lispector: figuras da escrita* (2000) a qual conquistou o Grande Prêmio de Ensaio da APE.

²¹Ensaísta, poeta, professor contista e romancista brasileiro.

²²Professora titular de Literatura Brasileira na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e recebeu o prêmio APC categoria Literatura com o ensaio *Clarice Lispector na ponta dos dedos* (2005).

²³Professora titular aposentada da Universidade de São Paulo (USP) e professora aposentada da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

²⁴Professora doutora da Universidade de São Paulo (USP) na área de literatura brasileira.

²⁵Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e escreveu o livro *A escritura de Clarice Lispector* (1979).

Nunes²⁶. Além das importantes contribuições feitas por estudiosos do mundo literário, a obra conta com os manuscritos do romance *A hora da estrela*, e, também, com depoimentos exclusivos de Lêdo Ivo, Ferreira Gullar e do jornalista Alberto Dines em um capítulo intitulado “Confluências”.

Os *Cadernos de Literatura Brasileira – Clarice Lispector* reservam três seções especiais que são: “Clarice por ela mesma” com fragmentos de crônicas e trechos de entrevistas dadas a imprensa nacional; “Geografia Pessoal” com ensaios desenvolvidos por Edu Simões sobre as experiências da escritora brasileira a partir de sua permanência durante a infância em Recife, no estado de Pernambuco, e toda sua juventude e vida adulta na cidade do Rio de Janeiro; e a seção “Clarice jornalista: o ofício paralelo” produzida pela editora Francesca Angiolillo.

Há também uma seção que traz a obra do crítico literário Dr. Carlos Mendes Sousa, intitulada *Figuras na Escrita*. Considerada pela instituição “o mais completo estudo até hoje realizado sobre a obra de Clarice Lispector”, e por isso, “o Instituto Moreira Salles orgulha-se de poder trazer a público um marco definitivo nos estudos sobre Clarice Lispector, estrela de brilho cada vez mais intenso”. O livro que é resultado da tese de doutorado de Carlos Mendes Sousa defendida no ano 2000 pela Universidade de Minho, assume a estatura da investigação mais abrangente pois trata dos romances, contos, crônicas, cartas e entrevistas de Clarice Lispector, levando em consideração aspectos referentes a filosofia, psicanálise, e a própria teoria literária.

Pierre Bourdieu (1996) reitera que “A arte não pode revelar a verdade sobre a arte sem a dissimular.” (BOURDIEU, 1996, p. 195). A lógica do campo artístico discutida em seu estudo é desenvolvida através de uma eficácia mágica, isto é, um reconhecimento que está atrelado à tradição artística orientada pela ambigüidade do discurso das artes que conta exclusivamente com atribuição de sentido e valor proveniente dos respectivos intérpretes. O autor afirma:

²⁶Filósofo, professor, crítico de arte e escritor brasileiro. Escreveu *O mundo de Clarice Lispector* (1966), *Leitura de Clarice Lispector* (1973) e *O drama da linguagem – Uma leitura de Clarice Lispector* (1989).

Em matéria de magia, não se trata de saber quais são as propriedades específicas do mágico, ou as dos instrumentos, das operações e das representações mágicas, mas de determinar os fundamentos da crença coletiva ou, melhor, do desconhecimento coletivo, coletivamente produzido e mantido, que está no princípio do poder de que o mágico apropria-se [...] (BOURDIEU, 1996, p. 195)

Assim, é também coletivamente que o site do IMS sobre Clarice vai construindo a mágica da grande escritora brasileira. Nas publicações em livro virtual (E-books) organizadas pelo IMS, as obras de Roberto Corrêa dos Santos com *Clarice, Ela* e *Na cavidade do rochedo: a pós-filosofia de Clarice Lispector*, observa-se dois livros completamente disponíveis e gratuitos para o internauta que deseja aprofundar ainda mais seus conhecimentos sobre as contribuições da escritora para o universo literário brasileiro.

Ainda no tópico *No IMS* se avulta as demais matérias abordadas a partir do subtema *Originais/Documentos* as *Notas de A hora da estrela*. A raridade e singularidade desse material produzido exclusivamente para o endereço virtual dedicado a escritora brasileira Clarice Lispector é de extrema valia tanto para pesquisadores especialistas na temática, quanto para todos os fãs e apreciadores das obras de Clarice que desejam participar de maneira ativa no universo de criação da escritora. Em um texto com autoria de Fábio Frohwein encontra-se uma necessária explicação para o que foi intitulado como *Notas de A hora da estrela*.

O método de anotação imediata utilizado por Clarice Lispector para a composição de seus livros é descrito como um processo que ocorre em duas etapas. A primeira delas é exposta pela própria autora no que a mesma afirma: “Quando eu estou escrevendo alguma coisa, eu anoto a qualquer hora do dia ou da noite, coisas que me vêm. O que se chama inspiração, né? Agora, quando eu estou no ato de concatenar as inspirações, aí eu sou obrigada a trabalhar diariamente.”

Os manuscritos de *A hora da estrela*, obra de Clarice Lispector, foram depositados no IMS em 2004, e essas anotações feitas em qualquer papel que estivesse à mão da autora refletem as etapas da criação clariceana chamadas pela própria como “inspirações”, e que mais tarde seguiriam para a segunda etapa de criação que seria o ato de concatenar essas “inspirações” representadas por um trabalho ininterrupto que tem como resultado textos mais desenvolvidos.

O que apresentamos neste catálogo são as ‘inspirações’ colhidas por Clarice para *A hora da estrela*, que, na organização do acervo da escritora, ganharam o termo técnico de notas. As páginas do catálogo, produzidas especialmente para este site, mostram reproduções dessas notas, contendo informações como observações sobre diferenças de caligrafia na nota e identificação das anotações de Olga Borelli.

Com trinta e cinco imagens que compõem as notas de Clarice Lispector sobre *A hora da estrela*, o contato com os momentos mais íntimos de inspiração da escritora torna-se uma jornada demasiadamente aprazível para o internauta que se depara com miniaturas do que seriam os fragmentos originais em sua tela do computador. Ao passar o cursor por cada imagem, a mesma se amplia um pouco mais, o que possibilita uma leitura inicial e a tão desejada contemplação da própria caligrafia de Clarice Lispector. Para os mais curiosos e para aqueles que buscam informações assertivas sobre a influência daquele fragmento da obra, clicando na imagem já expandida, surgem as notas de inspiração em seu tamanho original devidamente legendadas com a referência de sua presença em determinada porção da obra.

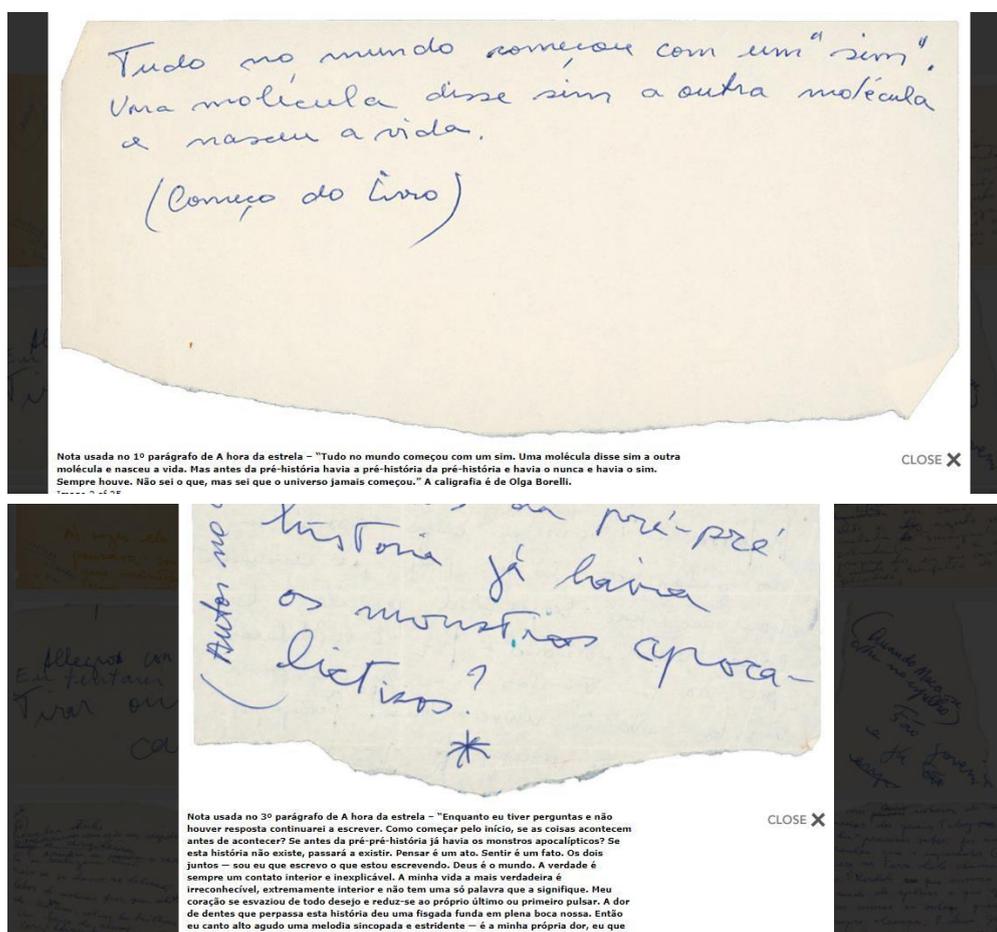


Figura 5: Trecho manuscrito das notas feitas por Clarice sobre sua obra *A Hora da Estrela*.

Fonte: <https://claricelispectorims.com.br/notas-de-hora-da-estrela/> Data de Acesso: 05/03/2018.

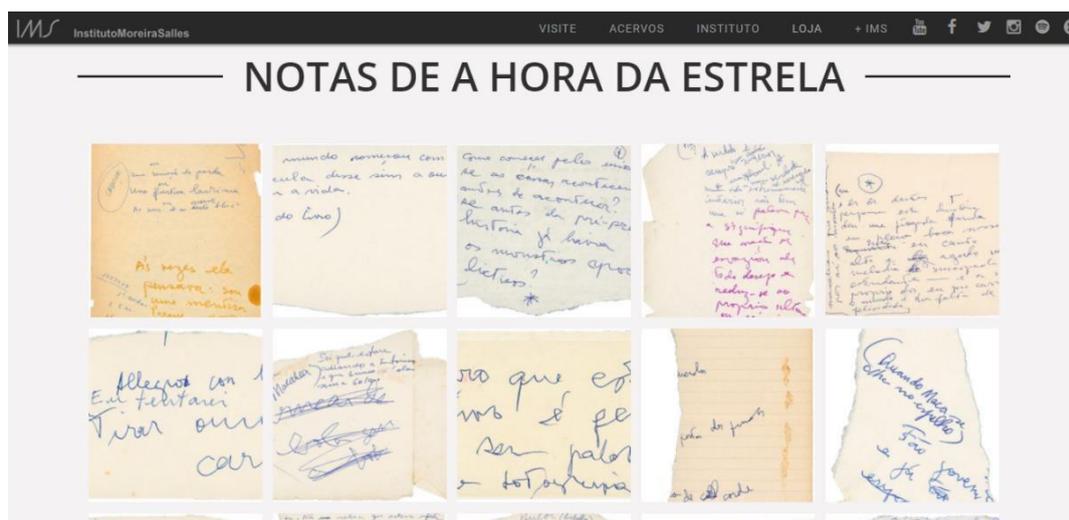


Figura 6: Trecho manuscrito das notas feitas por Clarice Lispector para sua obra *A Hora da Estrela* com explicação provida pelo Departamento de Literatura do Instituto Moreira Salles (IMS).
Fonte: <https://claricelispectorims.com.br/notas-de-hora-da-estrela/> Data de Acesso: 05/03/2018.

Além das inspirações de Clarice que destacam-se em *Notas de A hora da estrela*, com o subtema intitulado *Caderno de Bordo* que encontra-se ainda no tópico *No IMS*, a caderneta, com medidas exatas de 17cm x 10,5 cm e suas cinquenta e oito páginas, utilizada pela escritora durante os meses de julho e agosto de 1944, que foi doada em janeiro de 2012 por Paulo Gurgel Valente, filho e herdeiro de Clarice Lispector. Após o processo de higienização e catalogação, a caderneta foi digitalizada integralmente em alta resolução e disponibilizada no endereço virtual dedicado exclusivamente a Clarice Lispector. Essa contribuição inédita que, mais uma vez, apresenta-se como um deleite a todos os pesquisadores e fãs da escritora que podem navegar pelo site e deparar-se com a própria caligrafia de Clarice registrando em sua caderneta pessoal momentos importantes – e que podem ser diretamente relacionados à idéias transmitidas em seus romances, contos e crônicas – que vão se passar durante uma viagem que tem início em Nápoles, com escalas em Fisherman’s Lake, e Lisboa.

A oportunidade singular de observar o universo interior da autora, e no impulso de uma consciência desperta que revela o desenvolvimento cognitivo quando motivado por uma experiência cotidiana que, com instrumentos factuais, pode desencadear o processo de criação ficcional, torna a vida diária de Clarice Lispector torna-se um elemento digno de inspiração para aqueles que buscam desvendar os caminhos trilhados para sua consagração como escritora e, também, para os que apreciam o vislumbrar do que normalmente está oculto, aumentando a

reputabilidade da coleção da instituição e o prestígio de quem a chancela (o IMS) por sua raridade.

A iniciativa do IMS em compartilhar um conteúdo especialmente desenvolvido para o endereço virtual exclusivo de Clarice Lispector com internautas que navegam por diversos tipos de públicos, podendo ser eles especializados ou não, se destaca pelo fato que a produção artística de Clarice assume seu caráter de cânone nacional, a partir de um impulso que se encontra no papel que Pierre Bourdieu (1996) classifica como “comentador”. Através da avaliação direta ou indireta proveniente da experiência do internauta ao estar em contato com um material interativo criado para entretê-lo a partir de um vínculo de identificação. Sendo esta análise responsável pela transmutação da produção artística original da arte que em sua leitura da produção artística acaba por assumir as principais atribuições dos perfis virtuais dos internautas em suas demandas simbólicas e determinação de sentido nos conteúdos que circulam na internet. O autor afirma:

Apreende-se aí, diretamente revelada, a injeção de sentido e de valor operada pelo comentador, ele próprio inscrito em campo e pelo comentário, e pelo comentário do comentário – e para a qual contribuirá por sua vez o desvendamento, ingênuo e ardiloso a um só tempo, da falsidade do comentário, A ideologia da obra de arte inesgotável, ou da “leitura” como recriação, mascara, pelo quase desvendamento que se observa com frequência nas coisas da fé, que a obra é feita não duas vezes, mas cem vezes, mil vezes, por todos aqueles que se interessam por ela, que têm interesse material ou simbólico em a ler, classificar, decifrar, comentar, reproduzir, criticar, combater, conhecer, possuir. (BOURDIEU, 1996, p. 198)

Em nota ao seu *Caderno de Bordo*, Clarice em meio a informações soltas sobre suas viagens, registra um ocorrido que pode ser relacionado com dramas vividos por suas personagens femininas que são acometidas por investidas de homens que acabam por não respeitar os limites de seus desejos apenas de amizade. Ofendidas por atitudes invasivas e desrespeitosas, desenvolve-se um gatilho que emergencialmente dispara em seus trabalhos de reflexão questionamentos mais profundos como as motivações de sua existência individual, as consequências da solidão, e a enérgica necessidade de prover a tutela de seu próprio ser como esforço diligente para a salvaguarda de sua essência.

Lisboa, dia 8 de agosto de 1944

Que coisa desagradável, desagradável, desagradável. Ribeiro Couto jantou comigo na casa dele, já pela segunda ou terceira vez. Não vi nada demais nisso, ele me tratava como camarada, e eu até ficava com medo que ele estivesse saindo comigo de má vontade, só por dever de ser delicado. Fez duas poesias sobre mim, e disse que fez muitas outras por causa de mim. Que há muito tempo isso não sucedia. Que ele ia sentir minha falta. Que eu era estranha e curiosa. Mil vezes, a propósito de tudo, me dizia como ele era discreto, como o principal era a reputação. Que o fato de eu ter ido à casa dele, aos olhos dos outros, era como se eu tivesse dormido com ele. Por isso era melhor não dizer a ninguém. E hoje me fez fazer um papel chatíssimo, obrigando-me a fingir que era uma americana, para um amigo dele, “defendendo minha reputação”. Que nojo, que cansaço. Já há dias notava que ele se [47] aproximava um pouco de mim. Hoje andou de braço comigo – tão desagradável meu papel. E depois, enquanto na feira esperávamos a roda, segurou-me em mão, procurou encostar não na fazenda mas no pulso. Retirei-a discretamente. Disse que sou complicada e austera, que é horrível que ele se sinta atraído por pessoas diferentes dele. Que poderia ficar comigo três dias sem parar até eu morrer de cansaço. Eu já previra indistinta [] isso, mas ele insistiu tanto para dançarmos. No carro, segurou minha mão, beijou-a muitas vezes, encostou-a ao rosto. Eu fiquei fria de aborrecimento. Eu disse: que explosão. Ele disse: só interna e mais coisas. Que ele não tinha dormido por minha causa (ele tinha antes contado apenas a insônia). Depois de outras tentativas, que eu repelia vexada, ele disse que sentia muita ternura por minha vida, uma vida difícil. Depois viu mesmo o meu silêncio, e disse: mais tarde você vai ver, vou me vingar. Eu disse: como?! Ele disse: sem gestos. Antes eu vira que ele afastara [Moscoso?]. Disse-lhe que este não aparecera, ele retrucou: ele viu seus cabelos, sua boca, mas pensou que você era leviana, quando viu que não, afastou-se. Deus meu, me muerdo las manos de solitud. Mas não há nenhum desespero, há que é: desagradável. Amanhã há um jantar com convidados na casa dele. Assim não me incomodo. Mas quinta, sexta, sábado e domingo? Esquivar-me sem ofendê-lo. Disse-me que ainda no Rio, ele procurava me ver, em vez de passar por não sei que rua procurava a Silveira Martins.¹⁸ Que a base de vários poemas são agora olhos cinzentos. Me desagrada, horrível esse derrame lírico. Que eu o inspiro. Que dei vida às coisas. Que descubro pequenas coisas que ele sentia mas não sabia definir (mandíbulas das portuguesas). Chato, chato. Minha querida, sei que você está sozinha, mas você é você. Quando chegar em Nápoles, arranja um modo de trabalhar e ter horário e nesses intervalos trabalhar para você mesma, com o impulso que o trabalho fora dá. E que os homens façam o que quiserem. Inclusive m., que eu amo. Ribeiro Couto disse que todos sabiam que eu e Lúcio¹⁹ éramos namorados. Quero gostar de várias pessoas para não esperar nada de nenhuma, particularmente. Não quero que minha vida seja uma tortura de desilusões. Noto que de novo tenho que fazer a minha vida, que me defender dos outros. No fundo eles hão de rir de mim. Ou não? Possível não. O fato é que tenho que considerá-los em bloco para que nenhum deles particularmente me fira. É, a solidão anda. Boa-noite, querida. Durma bem!

O excerto compartilhado acima foi retirado da sessão *Caderno de Bordo*, e é um exemplo da riqueza biográfica que pode ser encontrada no acervo de Clarice Lispector. O último item do subtema *Originais/Documentos* do tópico *No IMS* é intitulado *Cartas no Correio IMS*. Mais uma vez trata-se de um conjunto de documentos que são relevantes para diversos tipos de pesquisa acadêmica, e

também para aqueles que buscam desenvolver bases sólidas no que diz respeito aos conhecimentos relacionados a escritora Clarice Lispector. Na aba destinada a esse tópico vê-se um breve perfil da autora, e um link que leva a outra página dentro de um domínio próprio chamado *Correio IMS*.

Nesse novo ambiente existem diversos perfis de personalidades que fazem parte do acervo do IMS, e um deles é de Clarice Lispector. Novamente encontram-se algumas linhas destinadas a um breve texto informativo sobre a escritora, e duas colunas que estão discriminadas respectivamente como “Cartas enviadas” e “Cartas recebidas”. Abaixo de cada coluna que foram dispostas lado a lado, pode-se conferir um título para cada carta com remetente e destinatário.

No perfil de Clarice Lispector, foram compartilhadas com os internautas sete cartas enviadas, e duas cartas recebidas. Na coluna de cartas enviadas, os destinatários são nomes conhecidos da autora, familiares, e amigos próximos. Uma das cartas destoa desse cenário pois trata-se de uma correspondência enviada para o Presidente da República da época, Sr. Getúlio Vargas.

The screenshot shows the website 'Correio IMS' (Instituto Moreira Salles) displaying a letter. The header includes navigation links: VISITE, ACERVOS, INSTITUTO, LOJA, + IMS, and social media icons. The main content area features a letter titled 'O direito de ser brasileira' from Clarice Lispector to Getúlio Vargas, dated June 3, 1942, in Rio de Janeiro. The letter text discusses her desire for Brazilian citizenship and her marriage to Maury Gurgel Valente. A sidebar on the left suggests other letters to read, such as 'Um bilhete de Nelson Freire' and 'Valsa hippie'. A right sidebar provides metadata: Local (Rio de Janeiro), Data (1942), Tema (Cidadania), Tipo de correspondência (Carta), Forma de escrita (Datiloscrito), and a gallery of images. Social media sharing icons and a count of 24 are visible at the bottom right.

Figura 7: Conteúdo de carta redigida por Clarice Lispector ao Presidente da República, Sr. Getúlio Vargas.

Fonte: <https://www.correioims.com.br/perfil/clarice-lispector/> Data de Acesso: 05/03/2018

A necessária ilustração de como foi organizada a página *Cartas no Correio IMS* tem relação direta com o comprometimento e a perícia do Departamento de Literatura do IMS em tornar o acesso ao acervo de Clarice claramente destinado a qualquer público, e não apenas a um grupo especializado. Assim, com foto e nomes especificando o remetente e o destinatário, pode-se ler a carta transcrita em sua versão completa e, ainda, um breve resumo do contexto no qual ela foi escrita.

No caso da carta dirigida ao Presidente da República, contempla-se um documento muito valioso por seu cunho pessoal, e célebre na vida de Clarice Lispector, tendo em vista que o mesmo diz respeito ao seu pedido de cidadania brasileira. Até nesse momento, a escritora fundamenta a sua petição a partir de uma narrativa que já evidenciava o que no futuro seria descrito como as marcas literárias tipicamente clariceanas.

Senhor presidente. Tomo a liberdade de solicitar a vossa excelência a dispensa do prazo de um ano, que se deve seguir ao processo que atualmente transita pelo Ministério da Justiça, com todos os requisitos satisfeitos. Poderei trabalhar, formar-me, fazer os indispensáveis projetos para o futuro, com segurança e estabilidade. A assinatura de vossa excelência tornará de direito uma situação de fato. **Creia-me, senhor presidente, ela alargará minha vida. E um dia saberei provar que não a usei inutilmente.**

A contribuição de Clarice Lispector para a cultura brasileira e para todo universo literário em seu amplo alcance nacional e internacional é reconhecida e afirmada por especialistas e por seus numerosos fãs. Esse documento disponibilizado no endereço virtual dedicado exclusivamente a escritora demonstra as diversas formas de interpretar Clarice e sua literatura a partir de informações adjacentes as produções narrativas. O patrimônio material e imaterial deixado pela autora ganha um novo valor ao ser evidenciada a sua dedicação, que foi levada até a última instância, isto é, ao presidente da República, para receber a validação de uma vida e obra 100% brasileira, ou em suas palavras: “ [...] tudo que fiz tinha como núcleo minha real união com o país e que não possuo, nem elegeria, outra pátria senão o Brasil. ”

O destaque da escritora brasileira Clarice Lispector na Internet faz parte de um fenômeno literário que transborda as fronteiras desse campo artístico e incide diretamente na atmosfera social. A valoração da autora como artista, e de suas produções artísticas como obras de arte, podem ser remetidas a diversos esforços

que se reproduzem através de agentes de ação com motivações que estão inscritas dentro e fora do campo especializado; dentro e fora do universo virtual.

O movimento que circunscreve a esfera cibernética foi identificado por indivíduos e instituições como o IMS que desenvolveu trabalhos que seguem a orientação do campo artístico em meio as suas necessárias validações, e seguiu estratégias para impactar internautas através da lógica social.

As disposições “subjetivas” que estão no princípio do valor têm, enquanto produtos de um processo histórico de instituição, a objetividade do que está fundado em uma ordem coletiva transcendentes às consciências e às vontades individuais: a particularidade da lógica social é ser capaz de *instituir* sob a forma de campos e de *habitus* uma libido propriamente social que varia como os universos sociais em que se engendra e que ela mantém (libido *dominandi* no campo do poder; libido *sciendi* no campo científico e etc.) (BOURDIEU, 1996, p.199)

A tarefa do IMS junto ao acervo de Clarice Lispector não se deteve, apenas, aos trabalhos que poderiam ser feitos com seus documentos, mas todo o saber que emana dessas peças informativas que foram depositadas, de maneira privilegiada, nas mãos do Departamento de Literatura, foram elevadas ao seu potencial máximo através de significativas atividades que, no seu desenvolvimento, transbordam o valor histórico dos papéis, e causam impacto, de fato, na realidade contemporânea.

O último tema do tópico *No IMS* é destinado as *Aulas* que foram disponibilizadas em vídeos completos, e que foram ministradas e gravadas especialmente para o site de Clarice Lispector do IMS. Essa iniciativa representa uma atividade composta pelo trabalho de professores e pesquisadores que se destacam no campo literário e que, a convite do Departamento de Literatura e através de uma plataforma multimídia, proporcionam uma mais íntima interação com a temática clariceana. O conhecimento exposto diz respeito às particularidades da vida e obra de Lispector que podem ser enunciadas pelos documentos de seu acervo, mas necessariamente são fundamentadas por profissionais que revelam as nuances de suas produções literárias que ultrapassam aspectos factuais.

O sociólogo americano Howard Becker (2010) realiza um estudo aprofundado em sua obra *Falando da Sociedade* que analisa as representações sociais como produtos organizacionais dando ênfase as transformações que ocorrem na esfera dos produtores e usuários das respectivas representações. Nesse

diapásão, o material ficcional produzido por Clarice Lispector adquiriu um valor simbólico a partir da maneira com que o Departamento de Literatura do IMS disponibilizou suas contribuições para os usuários virtuais, o que corresponde a uma representação bastante particular levando em consideração as atividades de produção e uso dos mesmos.

Segundo Becker (2010), quando profissionais altamente qualificados são acionados para a feitura de artefatos – no caso de Clarice Lispector, suas obras – procura-se alcançar seus pares, outros profissionais do campo literário. Deste modo, os especialistas e autoridades, convidados pelo IMS para revelar suas análises e interpretações sobre a vida e a obra da escritora brasileira, criam um conteúdo que vai ser lido e reconhecido por pessoas que possuem as mesmas qualificações e predicados. E, assim, conferem legitimidade ao acervo.

Ao mesmo tempo em que Becker (2010) afirma a importância que carregam os produtores das representações sociais por serem os portadores de conhecimento e poder, deve-se compreender as demandas dos usuários leigos. Afinal, eles decidem se os argumentos que compõem o material que é produto das representações sociais serão aceitos ou declinados, se os mesmos alcançaram um resultado satisfatório a partir de um método de eficiência e confiabilidade utilizado por produtores e usuários na perícia ao modo de representar a realidade. Nas palavras do autor:

Em alguns mundos a representação logo deixa o mundo “interno” dos produtores, especialistas e conhecedores e penetra mundos leigos, nos quais aquilo que os usuários fazem dos objetos pode ser consideravelmente diferente do que os produtores pretendiam. Estes tentam controlar o que os usuários fazem de suas representações, introduzindo restrições que limitam os usos e interpretações possíveis por parte dos observadores. Mas os autores frequentemente passam pela estranha experiência de ouvir os leitores explicarem que sua obra significa algo que eles se esforçaram enormemente para impedir que significasse. (p.19)

É importante ressaltar que os argumentos de Howard Becker (2010) podem ser usados como explicação tangível do fenômeno literário que Clarice Lispector é protagonista – e que acaba por transformar sua trajetória como mulher, mãe, escritora, jornalista: a representação para os usuários através de iniciativas como a do IMS, relatando “apenas aquilo que os usuários precisam para realizar o que quer que queiram fazer” (BECKER, 2009, p.20)

O modo estabelecido pelo IMS para validar a posição de Clarice Lispector como acervo de destaque em comparação aos demais é através da auditoria realizada por pesquisadores, especialistas e acadêmicos. Desse modo, trabalha-se com elementos usuais para construir dispositivos, dentro de suas materialidades e capacidades, em que os produtores operem sobre a realidade para alcançar a compreensão do que eles desejam comunicar.

Os vídeo-aulas são uma maneira de desvendar, juntamente ao público, e com o conhecimento de pesquisadores, professores, e acadêmicos, o que a escrita de Lispector deseja revelar ao mundo. Howard Becker (2010) afirma em seu estudo que as representações sociais trazidas à luz por produtores devem levar em consideração que os usuários não lidam com a própria realidade, mas com a interpretação e tradução da realidade simbolizada através de convenções. O material desenvolvido pelo IMS no endereço exclusivo de Clarice Lispector, ao se utilizar de elementos típicos presentes no mundo das artes, se torna acessível, em sua comunicação, para os usuários. O que também acaba por limitar o trabalho do produtor pela impossibilidade de ultrapassar determinadas fronteiras que conflitam com as maneiras usuais de fazer as coisas.

Os produtores esperam que elementos típicos tenham efeitos típicos, de modo que os consumidores de representações feitas com esses efeitos respondam de maneiras típicas. E os usuários esperam a mesma coisa em sentido inverso (...). As representações feitas quando esta condição está presente – quando tudo funciona exatamente como é compreendido por todas as partes envolvidas – são “perfeitas”. Tudo funciona exatamente como todos esperam. Mas essa condição jamais existe completamente. Os materiais não se comportam como dizem os anúncios. O público não compreende o que o produtor pensou que compreenderia. A linguagem disponível não pode, afinal, expressar a ideia do produtor. Que acontece quando essas representações inevitavelmente inadequadas são apresentadas a um público que não sabe o que deveria saber? (p.20)

3.7. Evento Hora de Clarice

A apresentação desta página já se dá de maneira imperiosa com um retrato icônico da escrita em seu momento de criação com sua máquina de escrever ao colo.

Com uma breve e objetiva apresentação, *Hora de Clarice* trata de uma homenagem prestada a escritora no dia de seu nascimento, 10 de dezembro de 1920.

Esse projeto do IMS teve início no ano de 2011, e a comemoração do aniversário de Clarice Lispector através deste evento começou a fazer parte do calendário cultural do Brasil e passou a ser celebrada em outros países. O propósito dessa festividade é, de fato, expandir e memorar o legado da escritora, assim, urge-se a participação de universidades, escolas, editoras, bibliotecas, livrarias, e outras instituições, no propósito de enaltecer o nome de Clarice Lispector.

É possível acessar através da página *Hora de Clarice* a programação de 2016, 2015 e 2014. Muitos eventos possuem material que foi registrado em vídeo, e que também foram disponibilizados nesta área ou através do acesso direto ao canal do IMS no site YouTube. Existem, atualmente, dezoito vídeos que exibem a diversidade que compõe essa celebração que, a cada ano, tem se solidificado como um evento oficial e muito popular. As possibilidades oferecidas pelas plataformas multimídia enriquecem o acervo informal que tem sido construído mesmo após a morte da escritora. E o uso das ferramentas disponibilizadas pela internet arquiteta uma estrutura que, não apenas torna o conteúdo relacionado à Clarice Lispector mais acessível, mas relaciona suas produções literárias de maneira ilustrativa, didática, e o mais importante para o mundo virtual: interativa.

3.8. Clarice Lispector e o Rio de Janeiro

No tópico *O Rio por Escrito* presente no site exclusivo de Clarice desenvolvido pelo IMS, encontra-se um mapa da cidade do Rio de Janeiro (dados cartográficos do site Google), cenário de muitos textos clariceanos, com marcações em locais que são citados expressamente nas obras da escritora.



Figura 8: Mapa da cidade do Rio de Janeiro com referências as obras de Clarice Lispector.
Fontes: <https://claricelispectorims.com.br/o-rio-por-escrito/> Data de Acesso: 05/03/2018

Clicando com o cursor em cada alfinete rosado que marca uma rua específica, ou um bairro do Rio de Janeiro, abre-se uma caixa de texto em anexo que mostra uma foto do lugar citado e a respectiva passagem da obra de Clarice que revela particularidades típicas do olhar sensível da escritora sobre aquele determinado lugar. Não apenas esse tópico atende as curiosidades que estão atreladas as produções literárias de Clarice e suas localidades que ambientam o leitor e trazem uma imediata identificação com a voz narrativa, mas também é um conteúdo que pode ser acrescido a um possível mapeamento dos textos clariceanos e sua patente presença em terras cariocas.



Figura 9: Mapa da cidade do Rio de Janeiro com evidenciação do trecho que remete a obra de Clarice Lispector.
Fonte: <https://claricelispectorims.com.br/o-rio-por-escrito/> Data de Acesso: 05/03/2018.

Estão disponíveis para os internautas vinte e oito marcações de lugares, na cidade do Rio de Janeiro, que são citados em diferentes obras de Clarice Lispector. E eles são: Floresta da Tijuca, Gávea, Jardim Botânico, ABBR, Posto 6 (Ipanema), Av. Atlântica (Copacabana), Copacabana Palace (Copacabana), Cemitério S. João Batista (Botafogo), Rua São Clemente (Botafogo), Largo do Boticário (Cosme Velho), Mangue (Santo Cristo), Jardim Zoológico (São Cristóvão), Olaria, Rocha Maia, Urca, Pão de Açúcar (Urca), Morro da Viúva (Flamengo), Rua Marquês de Abrantes (Flamengo), Catete, Glória, Museu de Arte Moderna (Flamengo), Igreja de Santa Luzia (Centro), Praça Tiradentes (Centro), Ao Bandolim de Ouro (Centro), Confeitaria Colombo (Centro), Rua da Alfândega (Centro), Rua Acre (Centro), Praça Mauá (Centro).

A necessidade da evidenciação desses dados confirma que além de um trabalho minucioso junto ao acervo exclusivo de Clarice Lispector, o Departamento de Literatura do IMS utilizou o site feito especialmente para abrigar a vida e obra da escritora de maneira inovadora e criativa. A importância da cidade do Rio de Janeiro nas obras de Clarice já rendeu estudos aprofundados que tornaram-se livros, o que valida a existência de um espaço especial para esta temática, e demonstra a amplitude geográfica no registro histórico da sociedade carioca na década de 40, 50 e 60.

Ultrapassando a análise das marcas literárias das produções de Clarice, o tópico *O Rio por Escrito* reitera as vertentes culturais e sociais dos textos da autora, o que é um grande motivador para a identificação do público leitor e internauta para com o conteúdo produzido pela mesma. A assimilação dos caminhos percorridos pelas personagens do universo lispectoriano no Rio de Janeiro leva ao reencontro da personagem com o seu *eu* enunciado através dos símbolos da cidade.

Os contextos para a menção de ruas e bairros nas obras de Clarice Lispector são os mais diversos. Na maioria dos casos busca-se uma relação do estado de espírito das personagens com aspectos naturais que cercam esses ambientes. Em sua obra *Água Viva* existe uma referência ao Jardim Botânico que exemplifica a prática narrativa de Clarice ao buscar o existencialismo do ser através de suas relações com a natureza.

Olho as amendoeiras da rua onde moro. Antes de dormir tomo conta do mundo e vejo se o céu da noite está estrelado e azul-marinho porque em certas noites em vez de negro o céu parece azul-marinho intenso, cor que já pinte em vitral. Gosto de intensidades. Tomo conta do menino que tem nove anos de idade e que está vestido de trapos e magérrimo. Terá tuberculose, se é que já não a tem. No Jardim Botânico, então, fico exaurida. Tenho que tomar conta com o olhar de milhares de plantas e árvores e sobretudo da vitória-régia. Ela está lá. E eu a olho.

Na obra *A Bela e a Fera* o mesmo recurso é utilizado de maneira a descrever um cenário, no caso destaca-se o Morro da Viúva, e também para evidenciar a relação da natureza com a busca por respostas que dizem respeito a existência do ser. A vista para o mar e seus movimentos em um dia de chuva remetem a um pensamento sobre a finitude da vida, e aludem a liberdade que se reconhece no meio ambiente, especificamente nas águas e suas correntezas, e que remetem a personagem e a procura pela razão de sua angústia.

Atravessou o passeio e encostou-se à murada, para olhar o mar. A chuva continuava. Ela tomara o ônibus na Tijuca e saltara na Glória. Já andara para além do Morro da Viúva. O mar revolvava-se forte e, quanto as ondas quebravam junto às pedras, a espuma salgada salpicava-a toda. Ficou um momento pensando se aquele trecho seria fundo, porque tornava-se impossível adivinhar: as águas escuras, sombrias, tanto poderiam estar a centímetros da areia quanto esconder o infinito. Resolveu tentar de novo aquela brincadeira, agora que estava livre. Bastava olhar demoradamente para dentro d'água e pensar que aquele mundo não tinha fim. Era como se estivesse se afogando e nunca encontrasse o fundo do mar com os pés. Uma angústia pesada. Mas por que a procurava então?

Além de ser um aperitivo para as temáticas abordadas nos romances de Clarice, *O Rio por Escrito* é um tópico que aguça a curiosidade dos internautas acerca do inteiro teor das obras de Clarice Lispector, pois em seus fragmentos disponibilizados por regiões do Rio de Janeiro, não apenas vislumbra-se o que a escritora tem a falar ou citar de determina rua ou bairro da cidade, mas entrega-se alguns motes que são importantes para compreender a trajetória profissional e pessoal da autora.

Um exemplo do argumento supracitado está contido também na obra *A Bela e a Fera*. Com a presença de personagens femininos que acentuam questionamentos sobre o papel da mulher perante a sociedade, e, ainda, sobre a mentalidade e a consciência de gênero e classe típica de uma dona de casa dos anos 40 e 50, vê-se como pano de fundo o ilustre Copacabana Palace que situa-se na Av. Atlântica, no bairro de Copacabana.

Estava exposta àquele homem. Estava completamente exposta. Se tivesse marcado com “seu” José na saída da Avenida Atlântica, o hotel onde ficava o cabelereiro não permitiria que “essa gente” se aproximasse. Mas na Avenida Copacabana tudo era possível: pessoas de toda a espécie. Pelo menos de espécie diferente da dela. “Da dela?” “Que espécie de ela era para ser ‘da dela’?”

O Rio por Escrito é um tópico que expressa sua importante funcionalidade para pesquisadores que buscam dados precisos e imediatos sobre as produções de Clarice Lispector relacionando os mesmos a aspectos geográficos, mas deve-se considerar que os fãs da escritora são o principal público alvo dessa iniciativa que revela características que podem passar despercebidas para muitos deles, como, por exemplo, a intensa afetividade que a escritora nutria para com a cidade do Rio de Janeiro.

O site de Clarice Lispector ainda apresenta o tópico *Contato* para aqueles que desejam enviar um e-mail diretamente para os administradores da página, e lá estão também todas as informações para contato com o IMS São Paulo, Rio de Janeiro, e Poço de Caldas. E o último tópico, bastante necessário, destina-se aos *Créditos*. São enunciados todos os participantes deste vasto, preciso e relevante projeto que presta um serviço a sociedade brasileira e internacional, e que de maneira indiscutível promove a salvaguarda da memória e produções literárias da escritora Clarice Lispector.

O seguinte mapeamento penetrou por todas as instâncias que correspondem ao conteúdo relacionado a escritora brasileira Clarice Lispector disponibilizado no endereço eletrônico exclusivo da autora que foi criado pelo Instituto Moreira Salles (IMS). O propósito de mapeamento da arquitetura do site foi registrar todos os dados referentes a Clarice Lispector que foram dispostos pelo IMS, e também a maneira como foram compartilhados esses dados através dessa plataforma, que foi eleita como fonte institucional, didática, e formal de pesquisa sobre o universo clariceano.

O método de pesquisa que corresponde ao mapeamento do campo de estudo seguido por uma ampla descrição²⁷, isto é, uma descrição de dados exaustivos e detalhados com a interpretação da rede de sentidos relacionados a um dado

²⁷ Descrição densa ou, *thick description*, faz parte da proposta metodológica fundada por Gilbert Ryle (1968) e descrita em sua obra “The Thinking of Thoughts – WhatIs ‘Le Penseur’ Doing?”

fenômeno, pressupõe a seleção de informantes. Assim, é necessária a realização de entrevistas abertas com pessoas especializadas que possam partilhar de seus conhecimentos que ultrapassam a esfera da observação empírica. Dessa forma, para validação dos dados coletados através do seguinte mapeamento, traz-se as reflexões do assistente cultural do Instituto Moreira Salles (IMS), Victor Doblas Heringer, e, também, do crítico literário e especialista em Clarice Lispector, Prof. Dr. Carlos Mendes Sousa.

Com entrevistas realizadas no mês de março e abril de 2018, ambas os entrevistados compartilharam detalhes sobre o site de Clarice Lispector do IMS no que corresponde as suas ocupações. Victor Doblas Heringer, como produtor e redator responsável no Departamento de Literatura do IMS, e o Prof. Dr. Carlos Mendes Sousa, como colaborador e fonte acadêmica de produções para o site. Levando em consideração a proximidade diária de Victor com a linha editorial do site, e o distanciamento de outro continente de Carlos Mendes Sousa, que é professor na Universidade de Minho, em Portugal, pode-se contar com contribuições valiosas para a compreensão do fenômeno Clarice Lispector mediado pela Internet em tempos contemporâneos.

3.9. Entrevista com especialistas

O responsável pelo gerenciamento do site do IMS Victor Doblas Heringer, 29 anos, poeta, prosador e ensaísta, foi por mim entrevistado neste ano. Victor, que faleceu recentemente, era responsável pela produção, escrita de textos, e publicação de conteúdo no Departamento de Literatura do Instituto Moreira Salles (IMS). Por isso, considera-se fundamental a análise de sua fala, para a compreensão do que se considera importante trazer e monitorar sobre a obra e vida de Clarice Lispector. Victor é autor de *O amor dos homens avulsos* (Companhia das Letras, 2016; finalista dos prêmios Rio de Literatura, São Paulo de Literatura e Oceanos), *O escritor Victor Heringer* (7 letras, 2015), *Lígia* (e-galáxia, 2014), *Glória* (7 Letras, 2012; Prêmio Jabuti 2013) e *Automatógrafo* (7 Letras, 2011).

O primeiro contato feito com Victor aconteceu no dia 21 de fevereiro de 2018, por e-mail. Devido sua agenda bastante ocupada, o mesmo sugeriu que entrevista seguisse por correio eletrônico. Assim, as perguntas foram enviadas no

dia 23 de fevereiro de 2018, e respondidas no dia 05 de março de 2018. No total, doze e-mails foram trocados para o esclarecimento de algumas questões levantadas sobre os detalhes no processo de criação e produção do site de Clarice Lispector. Tratavam-se de informações e dados que não estavam disponíveis no próprio site.

A seguinte investigação debruçava-se sobre o vislumbre dos bastidores, a compreensão detalhada dos significados compartilhados no endereço virtual exclusivo de Clarice Lispector que foi idealizado, executado, alimentado, e disponibilizado, por um grupo determinado de profissionais ligados ao campo literário, fotográfico, jornalístico, de pesquisa, de vídeo e áudio, de acervo.

Mas é importante salientar que o propósito de desvendar a dinâmica que envolve o esforço de diversas pessoas oriundas de campos de saber heterogêneos que dispunham, neste caso, de Victor Doblas Heringer como seu respectivo porta-voz, foi interrompido por sua morte prematura, no dia seguinte a nossa última correspondência que se deu no dia 06 de março de 2018.

Mesmo sendo participante de uma interação muito breve, sua ausência foi sentida. Mas o acolhimento de sua valiosa contribuição permanece nesta pesquisa como um respeitável registro de sua participação em um projeto que se destaca pela ousada manifestação de uma personalidade de elevada estatura como Clarice Lispector, considerando a presença da mesma em um ambiente não convencional – sendo os livros seu habitat natural, portanto transpondo os obstáculos do universo tecnológico informacional da comunicação contemporânea.

Victor mencionou, primeiramente, o diferencial do site de Clarice Lispector desenvolvido pelo IMS como sendo o acesso irrestrito ao acervo da escritora, o que abre o caminho para contato direto com manuscritos, cartas e fotografias. Apenas a aproximação com os seguintes documentos não seria desfrutada em sua completude sem a possibilidade de realizar consultoria a um elenco de especialistas, professores universitários, e pesquisadores de renome, que são indicados pelo mesmo através de um *link* que leva ao tópico *Créditos* da página de Clarice.

O assistente cultural²⁸ explicou sobre como se deu a obtenção do acervo de Clarice Lispector pelo IMS.

O primeiro lote do arquivo de Clarice foi colocado sob a guarda do IMS em 2010, pelas mãos de seu herdeiro, Paulo Gurgel Valente. Cada lote tem um tempo distinto de comodato (ou seja, o período estipulado em contrato para nossa guarda) e condições de renovação. O Paulo está sempre presente nos eventos (como a Hora de Clarice, que é anual) e, como é muito atento ao que acontece no mundo clariceano, costuma nos enviar notícias de traduções, novos lançamentos, e etc.

Victor destacou que o filho da escritora, Paulo Gurgel Valente, é um dos assíduos colaboradores externos que envia dicas e pedidos para a redação do site, e que muitos dos temas abordados nascem a partir do próprio acervo de Clarice. Como coordenador da equipe de redação do site da escritora, Victor Heringer compartilhou o modo no qual foi estabelecido a linha editorial para o desenvolvimento do conteúdo permanente que fica disponível no site, e para o conteúdo ocasional, produzido de tempos em tempos para o blog de Clarice.

Os conteúdos fixos se propõem a dar conta da vida e da obra de Clarice da maneira mais abrangente e sólida possível, incluindo aulas e conteúdos exclusivos, como o "caderno de bordo", que temos no acervo. Já o blog se divide, basicamente, em duas linhas editoriais: notícias do mundo clariceano e publicação de ensaios escritos por acadêmicos e pesquisadores especialistas em sua obra.

Na entrevista, o assistente cultural descreveu o processo que determinou como seria a arquitetura do site de Clarice Lispector, e qual seria o propósito da equipe na organização de um endereço virtual exclusivo para a autora.

A página entrou ao ar no ano de 2012, para concentrar diversas informações sobre a autora (vida, obra, bibliografia e notícias) e divulgar os documentos dela que estão sob a guarda do IMS. O idealizador do projeto, Eucanaã Ferraz, arquitetou as seções do site em conjunto com a equipe do instituto, incluindo pesquisadores, coordenadores, arquivistas e bibliotecários -- além de buscar em outros departamentos (como a Fotografia) subsídios para a realização do site.

A essência dessa entrevista direcionava-se a descoberta da dinâmica de acesso ao site de Clarice Lispector, o que ajudaria a determinar que tipo de buscas os internautas têm realizado ao entrar na página já que a mesma apresenta um caráter institucional. Além disso, desejava-se observar, a partir da resposta de

²⁸Victor indicou em entrevista 'assistente cultural' como sua função, mas no tópico *Créditos* do site de Clarice Lispector que ele próprio disponibilizou, suas atribuições são nomeadas, principalmente, como produtor.

Victor, características em comum para ilustrar o perfil dos internautas que visitam este site.

A página tem picos de acesso quando há publicações no blog, que são repercutidas nas redes do IMS, mas a visitação costuma ser constante, pois é uma página de referência sobre Clarice Lispector. Não poderia descrever o perfil dos visitantes, mas nosso público-alvo são leitores não especializados que desejam saber mais sobre autora, mas também acadêmicos e especialistas.

Em uma nova correspondência, quando questionado sobre valores específicos e quantificações comparativas em relação a um tempo determinado, o assistente cultural compartilhou uma amostra referente ao mês de fevereiro de 2018, a título de ilustração de que números ele estaria se referindo

Clarice Lispector		
Visitantes:	3.806	11,6%
Pageviews:	7.179	6,6%

Figura 10: Dados sobre a visitação do site exclusivo de Clarice Lispector desenvolvido pelo IMS referentes ao mês de fevereiro de 2018.

Fonte: Figura cedida por Victor Doblas Heringer, assistente cultural do IMS, em 05/03/2018.

A primeira coluna numérica é assertiva ao indicar que no mês de fevereiro de 2018, o endereço virtual exclusivo de Clarice Lispector desenvolvido pelo IMS obteve 3.806 internautas visitando a sua página, e também 7.179 *Pageviews*²⁹. Ao lado dessa coluna observamos porcentagens que revelam uma comparação de valores com o mês de janeiro de 2018. Victor Heringer afirmou que sua equipe intensifica a produção de ensaios para o *Blog* de Clarice à medida que se aproxima o evento *A Hora de Clarice* (10 de dezembro), que corresponde com mais acessos ao site.

Apesar de se observar uma relação entre o evento e o site, Victor frisa que trata-se de departamentos diferentes que estão à frente de cada um, respectivamente. O que também irá determinar tipos diferentes de interação com os leitores/internautas.

²⁹*Pageviews* é um parâmetro utilizado pelos servidores web para medir a visibilidade de um site ou grupo de arquivos ou parte de um portal na internet. Quanto mais *Pageviews* (acessos) uma página tem, maior a visibilidade da mesma na internet.

Os eventos e o site são coisas separadas, embora tratem da mesma obra e autora, até porque envolvem departamentos diferentes (o site é tocado em conjunto como Dep. de Internet, os eventos, com a Administração). Em geral, a Hora de Clarice (10 de dezembro), atrai um público muito grande. Quanto ao site, há pouca interação com leitores, já que se perdeu, com o tempo, o hábito de comentar nos posts de blogs.

Um gráfico compartilhado por Victor Heringer evidencia os acessos ao site de Clarice Lispector durante os últimos três anos, o que destaca de maneira sólida o movimento de acesso ao conteúdo produzido para este endereço virtual. Ou seja, apesar da credibilidade e abrangência do site, ele conta com uma visibilidade muito menor do que as páginas nas redes sociais de pessoas comuns, não especialistas, como veremos no capítulo a seguir.

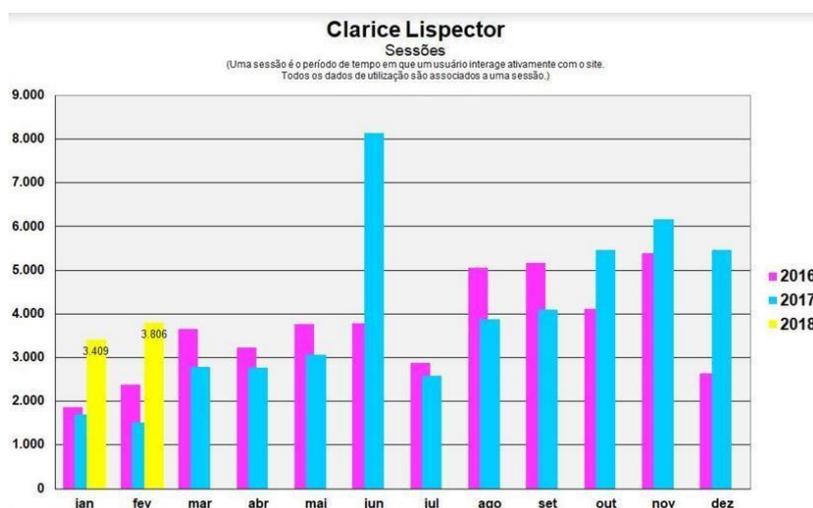


Figura 11: Gráfico que evidencia as visualizações do site exclusivo de Clarice Lispector desenvolvido pelo IMS durante os anos de 2016, 2017 e 2018.

Fonte: Figura cedida por Victor Doblás Heringer, assistente cultural do IMS, em 05/03/2018.

4. Clarice nas Redes Sociais

4.1. Clarice Lispector – Páginas no Facebook

4.1.2. Seleção do conteúdo

A presença da escritora brasileira Clarice Lispector nas redes sociais já foi objeto de análise em investigações acadêmicas como a desenvolvida pelo Prof. Dr. Fábio Malini, coordenador do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC), do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo. Em artigo intitulado “A economia dos Likes e do RTS dos usuários-fãs de literatura brasileira nas redes sociais: Leminski, Clarice, Machado e Caio F. Abreu”, Malini (2014) busca compreender a relação dos internautas com a literatura brasileira a partir do exame comparativo na aceitação e identificação do público cibernético com determinados autores que são “populares na internet”. Desde a época em que escreveu o artigo, em 2014, Malini observa que Clarice é a escritora mais popular na internet. Para isso, levou em consideração os seguintes parâmetros: número de seguidores em páginas criadas na rede social *Facebook* com o seu nome, quantidade de curtidas que cada postagem feita nessas páginas recebe, contabilização das *hashtags* para cada autor compartilhadas no microblog *Twitter*. Vale destacar que Clarice Lispector obteve melhores índices que Leminski, Machado de Assis, e Caio Fernando de Abreu.

Os dados encontrados no estudo do pesquisador Fábio Malini confirmam que a escritora brasileira Clarice Lispector protagoniza um fenômeno literário que tem como cenário de atuação as redes sociais, e, por conta disso, coloca-se em evidência a necessidade de analisar de maneira quantitativa e qualitativa a proporção desse evento, tendo em vista as implicações sociais e culturais que atingem esse singular fluxo literário. Com base nisso, a pesquisa que se propõe é compreender a representatividade de Clarice Lispector nas redes sociais. Para tal, a primeira etapa foi determinar um filtro para a seleção do conteúdo que pudesse ser representativo do universo lispectoriano no *Facebook* já que existem noventa e uma

páginas com o nome da escritora. Elegeu-se, assim, nove páginas com mais de cinquenta mil curtidas.

O entendimento dos conteúdos publicados nas páginas leva em consideração e se inspira na valiosa sugestão de Clifford Geertz (2008) em “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”, pois chegará ao significado das postagens pela interpretação do próprio pesquisador, como um crítico literário cuja missão é analisar, decodificar e buscar sentido, observando com sensibilidade a teia de significados que correspondem ao fenômeno composto de matéria social que define um conceito que se aplica a determina comunidade. Para isso, a descrição exaustiva de cada palavra e resposta se faz necessária.

Assim, acompanhou-se, durante um mês, as postagens de cada uma das páginas do *Facebook* selecionadas a partir do filtro estabelecido, a fim de se alcançar a compreensão de sua dinâmica. Além disso, a pesquisa contatou os nove administradores das páginas escolhidas para responderem algumas perguntas que trariam esclarecimento sobre as motivações para a criação dessas comunidades virtuais em uma rede social, destes apenas quatro responderam à pesquisa. Além das razões para criação das páginas, indagou-se sobre outros aspectos do conteúdo desenvolvido e buscou-se a obtenção de alguns números que norteariam a real expressividade de Clarice na rede.

Na obra *A cultura da participação* do professor e pesquisador americano Clay Shirky (2010), identifica-se um capítulo que trata apenas do tema Cultura. A relevância dessa temática para o presente estudo refere-se a busca pela compreensão do comportamento de indivíduos que fazem parte de uma comunidade, e como os mesmo se relacionam com o conhecimento que é disseminado entre eles à luz da internet, destacando a influência desse cenário nas normas culturais. Clay Shirky (2010) constrói seu argumento a partir da teoria de Dominique Foray que pode ser encontrada no livro *The Economics of Knowledge* em que o mesmo estabelece quatro condições para a combinação de conhecimento que se encontra na esfera da economia do compartilhamento. Tais condições especiais são: o tamanho da comunidade; o custo do compartilhar o conhecimento; a clareza sobre o que é compartilhado e as normas culturais de quem o recebe.

O tamanho da comunidade é observado como um aspecto que se dá de maneira “intuitiva”, ou seja, não há uma fórmula matemática segundo o autor. Para ele, o crescimento de pessoas de uma mesma comunidade se dá pela capacidade de compreensão de “um determinado fato, um método, uma história, mais provável é que tais pessoas sejam capazes de trabalhar juntas para fazer uso desses pedacinhos de conhecimento específico” (2010, p. 127). Esta primeira condição (tamanho da comunidade) pode ser aplicada no presente estudo a partir da observação empírica da comunidade de leitores de Clarice Lispector que usando, principalmente, as redes sociais e, mais amplamente, a internet, têm tido maior acesso a compreensão da carreira e legado da escritora; das motivações para a produção de seus romances; e das fundamentais características literárias da autora através de fragmentos de seus textos.

Os diversos trechos das obras de Clarice Lispector compartilhados nas redes sociais podem receber completa equivalência ao que Foray identifica como “pedacinhos de conhecimento específico”. A partir de um número crescente de seguidores das páginas de Clarice Lispector no *Facebook*³⁰ entende-se que essa maior quantidade de pessoas que compreende as frases retiradas das obras de Clarice pode, de maneira conjunta, fazer uso, com mais propriedade, das mesmas. A segunda condição de Dominique Foray faz referência ao custo de compartilhar conhecimento. Em uma reflexão sobre os tempos contemporâneos à luz da combinação de conhecimento, Clay Shirky (2010) revela:

[...] mas o baixo custo de saber as coisas sobre o mundo inteiro afetou não apenas o que as pessoas sabiam, mas também seu comportamento. A primeira grande onda de globalização moderna foi conduzida em parte pela redução de custos no repasse de informação possibilitada pelo telégrafo. Hoje, a internet está reduzindo o custo de transmitir não só palavras, como também imagens, vídeo, voz, dados brutos e tudo mais que possa ser digitalizado, uma mudança nos custos equivalentes a do telégrafo e da tipografia. (2010, p. 127)

A afirmação de Shirky sobre os impactos da internet como uma ferramenta de baixo custo para o compartilhamento de conhecimento, se adequa ao caso de Clarice Lispector nas redes sociais, aqui estudado. Pois, as condições apontadas por Shirky, podem ser todas observadas no caso de Clarice Lispector na rede. Se antes,

³⁰ Na última semana do mês de junho de 2018 foram contabilizados um total de 2.634.614 (dois milhões seiscentos e trinta e quatro mil seiscentos e catorze) seguidores dispersos em 91 (noventa e uma) páginas.

a escritora era considerada hermética, e suas obras ficavam restritas ao campo intelectual, por serem apenas oferecidas em formato papel (livro) e vendidas em livrarias físicas, com uma cadeia de produção e distribuição com custo elevado; agora é a mais popular na rede. Nesse novo contexto, as obras completas foram transformadas em fragmentos que são compartilhados e viralizam em páginas e perfis nas redes sociais. Sendo a internet esse espaço cibernético que todos podem fazer parte e, também, podem pertencer a comunidades que se atraem por identificação de maneira praticamente gratuita, trata-se de um ambiente favorável para a disseminação dos trechos das obras de Clarice Lispector, o que resultou em um crescimento sem precedentes em relação a qualquer outro autor da literatura brasileira.

As duas primeiras condições de Dominique Foray diziam respeito as formas de acesso ao conhecimento, e como o tamanho da comunidade e o custo para o compartilhamento influenciam diretamente em sua difusão. A terceira condição diz respeito ao conteúdo que se relaciona ao conhecimento a ser transmitido. Neste caso, a clareza do conhecimento compartilhado. Busca-se neste aspecto, uma circulação mais efetiva de determinado conhecimento através da maior transparência de sua mensagem. Na interpretação de Clay Shirky (2010) sobre este conceito:

A difusão de algo claro como uma receita pode acelerar o compartilhamento de saber entre os grupos que se debruçam sobre o mesmo problema, mas também pode tornar mais fácil que outros se beneficiem do conhecimento assim produzido, porque a expressão clara de uma ideia pode passar de pessoa para pessoa e de grupo para grupo com mais facilidade do que a mesma ideia expressada de modo que só os integrantes de um grupo específico vão entender. (2010, p. 128)

Levando em consideração o crescimento da comunidade, o baixo custo para acesso ao conhecimento, e a clareza da mensagem que colabora na sua difusão, a teoria de Foray se completa com a cultura como última condição. A responsabilidade cultural é a essência que dá vida ao grupo de integrantes que correspondem a uma comunidade. Esses integrantes demonstram o seu comprometimento a partir da compreensão das necessidades dos demais membros. Assim, cultura se estabelece como “um conjunto de opiniões compartilhadas em uma comunidade a respeito de como ela deve ser em relação a seu trabalho e como se portar nas relações mútuas entre seus membros.” (2010, p. 129) As normas

culturais que se estabelecem a partir do exame sobre a maneira como os membros de um grupo apreendem suas relações mútuas vai determinar se aquela comunidade será bem-sucedida ou não.

Aplicando este último conceito de Dominique Foray ao caso de Clarice Lispector nas redes sociais, chega-se a conclusão que o sucesso da escritora no interior de grupos grandes, heterogêneos e fisicamente dispersos, está atrelado a plena compreensão do grupo com as coisas que são importantes para seus respectivos membros, no caso, a imagem do rosto de Clarice e frase de efeito por ela escritas ou textos curtos, de fácil entendimento. A análise qualitativa de mensagens geradas por moderadores de páginas no *Facebook*, que foram previamente selecionadas, permite indicar os motivos de identificação do público leitor com os trechos das obras de Clarice. A dinâmica desenvolvida entre os integrantes dessas páginas evidencia que ambos tem compreendido as necessidades e buscas de cada membro, e que desse entendimento se alcança um trabalho de qualidade realizado em conjunto. Etapa fundamental no conceito de cultura participativa instituída pelo estudioso dos meios de comunicação Henry Jenkins (1992).

O material desenvolvido pelo Instituto Moreira Salles (IMS) sobre Clarice Lispector exposto no capítulo três, apresenta uma linha editorial orientada por profissionais das Letras e autoridades no saber literário. Em contrapartida, as produções amadoras, “orgânicas” e intuitivas criadas pelos fãs de Clarice - que desenvolvem um conteúdo para número ilimitado de pessoas, que pode ser distribuído à vontade nesse espaço virtual sem ser mediado por “autoridades” literárias – são abertas à participação e dinâmicas, colocando o fluxo literário e colaborativo nas mãos dos receptores. Por isso, faz-se necessária a descrição dos números de Clarice nesta colaboração dos seguidores no *Facebook*. O termo designa que os consumidores de mídia possam desempenhar um papel na interação que estabelecem para a formação de novos conteúdos. E assim, os gerenciadores de páginas sobre Clarice Lispector e seus respectivos seguidores tendem a ser “consumidores que também produzem, leitores que também escrevem e espectadores que também participam” (JENKINS, 1992, p. 208).

O material desenvolvido pelo Instituto Moreira Salles (IMS) sobre Clarice Lispector exposto no capítulo três, apresenta uma linha editorial orientada por profissionais das Letras e autoridades no saber literário. Em contrapartida, as produções amadoras, “orgânicas”³¹, intuitivas criadas pelos fãs de Clarice - que desenvolvem um conteúdo para número ilimitado de pessoas, que pode ser distribuído à vontade nesse espaço virtual sem ser mediado por “autoridades” literárias – são abertas à participação e dinâmicas, colocando o fluxo literário e colaborativo nas mãos dos receptores. Por isso, faz-se necessária a descrição dos números de Clarice nesta colaboração dos seguidores no *Facebook*.

No conteúdo desenvolvido pelo IMS encontram-se materiais exclusivos sobre Clarice Lispector que transbordam os limites de produções literárias. Além de uma robusta linha de tempo sobre a vida e obra da autora, o site investe em seções singulares, como: um mapa geográfico sobre as criações de Clarice relacionadas a cidade do Rio de Janeiro; as notas originais do livro *A Hora de Estrela*, ou ainda, a digitalização de seu caderno de bordo; um espaço revelando a trajetória do evento *Hora de Clarice* ao redor do mundo desde de sua criação. Todos os materiais são criados por especialistas na obra de Clarice Lispector, isto é, o conteúdo assume credibilidade a partir das credenciais de seus desenvolvedores no universo literário.

Mesmo com esse *know-how* do site do IMS, os números que avaliam o alcance das produções clariceanas está a favor dos gerenciadores de páginas no *Facebook*. Os fãs de Clarice e seus respectivos conteúdos são substancialmente mais acessados que qualquer material desenvolvido pelo IMS, e o protagonismo desses internautas nas redes sociais justifica a análise desse movimento literário clariceano que se dá através dessa plataforma. É importante ressaltar que o presente estudo busca analisar, essencialmente, o embasamento métrico que sustenta as páginas selecionadas já que esses dados não foram disponibilizados para interpretação no capítulo anterior sobre o site exclusivo de Clarice Lispector desenvolvido pelo IMS. Tendo-se debruçado, anteriormente, na análise do

³¹ A produção orgânica se refere a quantas pessoas você pode atingir de graça nas redes sociais com suas publicações nas Páginas criadas.

conteúdo, as seguintes entrevistas têm como propósito revelar índices quantitativos do fenômeno.

4.2. Descrição do Conteúdo

- **Clarice Lispector @aguavivaclaricelispector: “compreender Clarice é como respirar”**

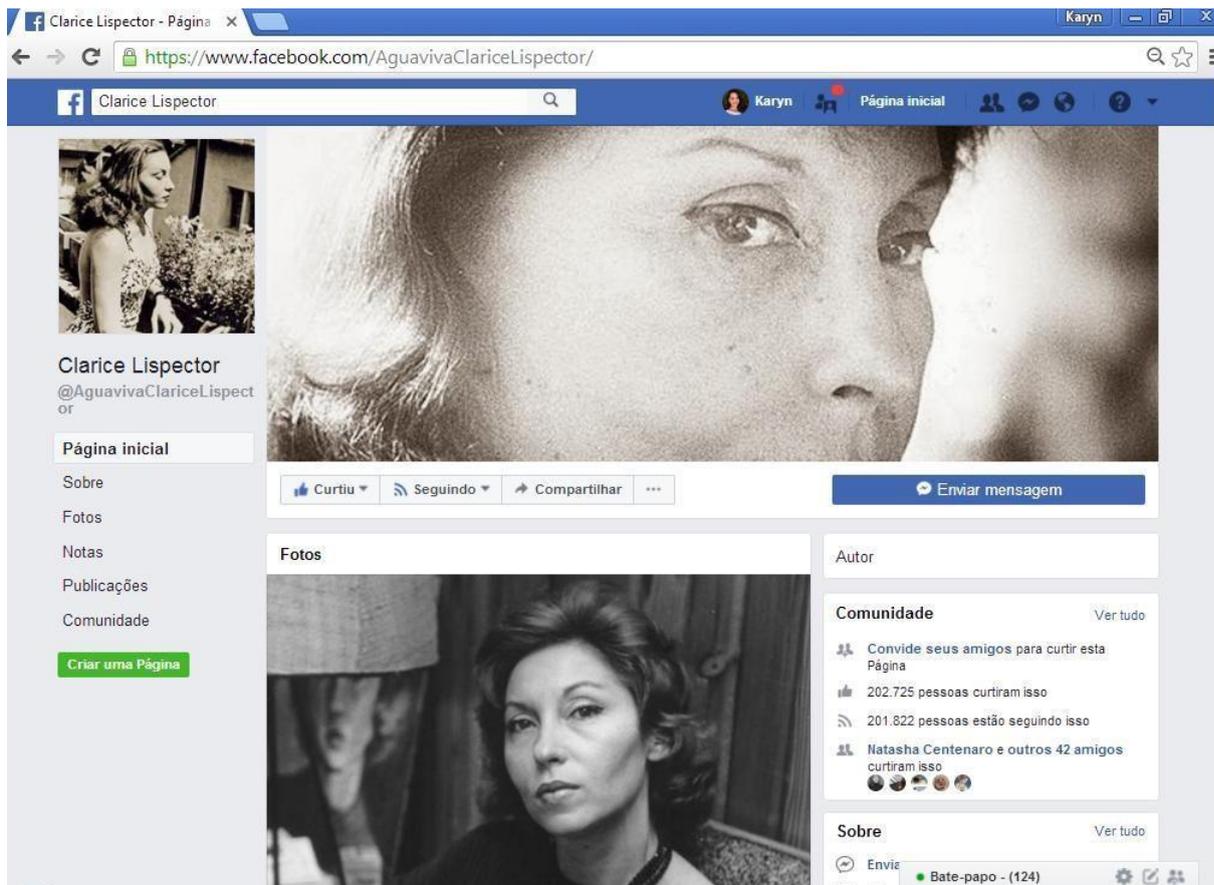


Figura 12: Capa da Página do Facebook Clarice Lispector @aguavivaclaricelispector.
Fonte: <https://www.facebook.com/AguavivaClariceLispector/> Data de Acesso: 09/06/2018.

Com mais de 200 mil seguidores, @aguavivaClariceLispector foi criada por Carolina Peláez, 40 anos, que mora na Cidade do México.³² A administradora da página no *Facebook* é revisora, editora lexicográfica da *World Reference* e publicou três livros infantis sobre a cultura mexicana pré-hispânica. Sendo uma pessoa ativa no mundo literário, Carolina afirma que criou, em 2008, esse espaço para

³² Conforme entrevista por mim realizada em 07 de junho de 2018, por e-mail. A entrevista foi em inglês e por mim traduzida para o português.

possibilitar uma homenagem à escritora, por se definir como leitora voraz de suas obras.

Desde o princípio, Carolina deixou claro que sua dedicação à Clarice se dá sem nenhuma obrigação, apenas como um lazer que segue orientado por seu estado de espírito. O material que ela compartilha com seus milhares de seguidores não é produzido pela mesma. A administradora de @aguavivaClariceLispector apenas compartilha informações ou conteúdos sobre Clarice Lispector que ela encontrou navegando na internet, ou em outras páginas do *Facebook* dedicadas a escritora. Sempre publicando frases, citações, artes, ou eventos, que combinam com seu humor do momento. Existem, também, pedidos feitos de maneira privada através de sua página, no qual ela se disponibiliza a compartilhar para ajudar na divulgação.

Quando questionada sobre o tipo de relação que tem desenvolvido com Clarice Lispector, e suas motivações para a escolha dessa autora brasileira, Carolina Peláez mostra-se totalmente integrada aos textos clariceanos, é uma pulsão de vida. Afirma:

Compreender Clarice Lispector é quase como respirar. Suas cartas inundam, sem dúvida, todos os cantos da alma que precisam falar, e que refletem seus sentimentos. Cada palavra escrita por Lispector me lembra a ausência, a falta, o desejo, o constante solilóquio que cada um de nós precisa estabelecer com nosso ser. Mais que um monólogo, as cartas de Clarice são um caleidoscópio de sentimentos, uma explosão de uma linguagem fascinante. Quem não os viu refletidos em "Água Viva"? Sem dúvida, este é o livro mais existencialista desta autora ... Quem não se sentiu como Ângela em algum momento de sua vida? Quem não esteve na beira do penhasco do coração? Quem não quis ser, apenas por um momento, Macabéa? Quem não pensou, naquelas longas noites, que o que ela escreveu parecia ter sido lido da profundidade de suas mentes?³³

A identificação e conhecimento de Peláez com os escritos de Clarice ultrapassam o contato fragmentário com as obras da autora que podem ser observados em diversas páginas no *Facebook* que, de maneira constante, atraem muitos compartilhamentos de seus respectivos seguidores. De forma evidente, Carolina deixa de lado motivos como, popularidade, e acaba por ser dedicar de

³³ Todas as citações a seguir foram adquiridas através de entrevista feita por correspondência eletrônica com Carolina Peláez no dia 09 de junho de 2018

maneira completa a estatura integralmente literária sem mencionar a atração que a escritora brasileira tem com um extenso público que a lê pelas redes sociais.

Só é preciso tentar esquecer o passado para invocar presenças fantasmagóricas que se recusam a ficar no frescor de uma memória. É o que Clarice faz. Invocar o oculto, o significado de cada palavra com seu significante correspondente que não é o mesmo, embora possa parecer. Interrogar Clarice Lispector em cada leitura dá diferentes significados de acordo com o humor que estamos lendo, ou pelo menos é o que acontece comigo toda vez que a leio.

Com essa abordagem tão pessoal partindo de Peláez, os números de seguidores de sua página tornaram-se um dado surpreendente. Em 2012, a mesma pôde observar um aumento no grupo de fãs, ou em suas palavras “fanáticos” por Clarice Lispector. Carolina se sente feliz por tantas pessoas estarem interessadas no tema, e que gostam de interagir comentando e compartilhando suas publicações, mas ressalta, mais uma vez, que esse nunca foi o seu propósito e que ela desconhecia qualquer popularidade de Clarice Lispector antes desse aumento de seguidores em sua página no *Facebook*.

Mesmo com uma evidente identificação entre Carolina Peláez e os escritos de Clarice Lispector, e, ainda, de seus duzentos mil seguidores com o material que ela seleciona e publica sobre a autora, a administradora da página emitiu uma opinião bastante particular sobre a classificação de Lispector como um fenômeno nas redes sociais, ou ainda, como musa popular brasileira.

Eu acho que Clarice é uma escritora que fala diretamente à alma de seus seguidores, mas considera-la um fenômeno literário nas mídias sociais, seria excessivo, pois os leitores são em sua maioria mulheres. E eu acho que ela só pode ser considerada um fenômeno se atingir todos os gêneros.

A administradora de @aguavivaClariceLispector, mesmo se sentindo atraída pela interação que existe em sua página entre os fãs da escritora brasileira, afirmou que não saberia descrever um perfil de seus seguidores, e que seu gerenciamento está estritamente relacionado ao conteúdo compartilhado sem muita preocupação com a repercussão que os mesmos possam ter.

Na tentativa de absorver o direcionamento dado por Peláez sobre a atmosfera que seria encontrada em sua página no *Facebook*, destaca-se o conteúdo

compartilhado pela administradora como ilustração do fluxo de informação que pode ser contemplado por seus seguidores na primeira e segunda semana do mês de junho de 2018.

O número de curtidas em publicações e compartilhamentos são dados norteadores para comparar a relação do membro que se identifica com o material clariceano, com os seguidores da “ideia Clarice Lispector” – isto é, o grupo de seguidores passivos que apenas seguem a página para associar-se ao objeto de pesquisa, mas que não se integram a comunidade ou criam um relacionamento de identificação com o conteúdo desenvolvido.

Com mais de duzentos mil seguidores, a baixa interação dos integrantes da página com os conteúdos compartilhados coloca em questão a dicotomia entre a relação dos mesmos com a escritora e com seus escritos. Abaixo a seleção de postagens retiradas da página de Carolina Peláez.

☐ ClariceLispector



Figura 13: Capa da Página do *Facebook* **ClariceLispector**.

Fonte: <https://www.facebook.com/ClariceLispector/> Data de Acesso: 09/06/2018.

Com três administradores, a página **ClariceLispector** conta com mais de cinquenta mil seguidores. Carlos Gouveia do Nascimento, 25 anos, morador da cidade de Recife, no Pernambuco, foi o criador desse espaço na rede social

Facebook em 2016. Carlos Nascimento afirmou que sua motivação para desenvolvimento dessa página sobre Clarice Lispector está ligada ao seu *hobby* favorito: administrar páginas nas redes sociais.

Em 2014 o gerenciador criou uma página chamada **Frases Discretas** que possui mais de duzentos mil seguidores. Interessado no debate entre os usuários e na possibilidade de participar do movimento de interação entre os integrantes da página, Carlos Nascimento desejou investir em um espaço destinado a alguém que o mesmo determina como conhecido, no caso, a autora brasileira Clarice Lispector. O mesmo a define como “grande escritora”.

Quando questionado sobre como teve contato com o universo lispectoriano, e qual parte da literatura de Clarice Lispector que mais gera identificação entre os leitores, Carlos Nascimento afirma:

Comecei a gostar da escritora quando comecei a postar frases da mesma e via que a maioria das pessoas gostam de frases que expressam sentimentos de dor, de tristeza, e de amor. E comecei a acompanhar Clarice Lispector por pesquisas. Busquei um resumo da trajetória dela.³⁴

O gerenciador da página explica que a configuração desse fenômeno, isto é, a sua observação no que diz respeito ao crescimento no número de internautas que se identificam com Clarice Lispector aconteceu de forma gradativa. Carlos Nascimento aponta que a página possuía apenas dois mil seguidores na época de seu lançamento, mas que, para atingir o seu propósito, era necessário um alcance maior para aquela comunidade. Assim, foi necessário um investimento para que marcas populares presentes no *Facebook* direcionasse a página e as postagens, ou compartilhasse o conteúdo.

Carlos Nascimento afirmou que quando a página estava ativa, os gerenciadores começaram a receber entre dois e três mil seguidores por dia. Nessa época, os dados fornecidos pela própria rede social indicavam aos administradores dessa comunidade que o alcance de suas postagens chegava na casa dos dois milhões. Mesmo com esses números expressivos, Nascimento e os demais gerenciadores tiveram um afastamento das redes sociais por algum tempo, o que foi

³⁴ Todas as citações a seguir foram adquiridas através de entrevista feita por correspondência eletrônica com Carlos Nascimento no dia 11 de junho de 2018

fatal na atuação dos membros daquele espaço. Nas palavras do criador da página

ClariceLispector:

Hoje em dia posto pouco, pois perdi muito alcance. O Facebook está cortando o alcance das páginas orgânicas, e passei um bom tempo com a página parada, sem realizar publicações. Fiquei um tempo sem mexer nas redes sociais, e por esse motivo perdi muitos seguidores ativos.

A definição de seguidor ativo representa uma realidade que surpreende aqueles que realizam uma observação superficial nas postagens das páginas selecionadas dentro dos parâmetros estabelecidos pelo presente estudo. Com um número substancial de seguidores que se estabelecem entre os milhares, a interação dos mesmo com o conteúdo desenvolvido é expressivamente inferior. A dinâmica de participação nas páginas do Facebook se estabelece a partir das opções seguir ou curtir. Com a opção seguir, o novo integrante irá receber em seu *feed* de notícias as atualizações de postagens feitas, enquanto na opção curtir fica exposto em seu perfil determinada página com um tema do seu interesse. Na página criada por Carlos Nascimento existem mais seguidores do que integrantes da rede social que curtiram a página (52.519 seguidores/52.316 curtidas). Isto quer dizer que quase a totalidade de membros dessa comunidade recebem o conteúdo que foi produzido, mas raramente interagem com ele.

Carlos Nascimento defende a página criada por “Clarice Lispector sempre [ser] um fenômeno de geração em geração”, o que em suas palavras traduziria a identificação de milhares de internautas com a escritora. Analisando o conteúdo desenvolvido pela página, são compartilhadas diversas mensagens que podem ser classificadas como de auto-ajuda, principalmente, conselhos de como lidar com emoções relacionadas aos casos de fim de relacionamento. Nenhuma delas sendo de autoria de Clarice Lispector. O que indica que o importante é o consumo de Clarice como um produto e não, necessariamente, a divulgação de sua obra.

Procurando em publicações recentes (junho de 2018), encontra-se nesta página algumas citações da escritora brasileira, mas a maioria sem referência as suas obras, o que coloca em debate se as frases compartilhadas são realmente de autoria de Clarice Lispector. Mas é possível falar de autoria em um ambiente compartilhado como a internet? Como se dá o processo de autoria no mundo digital? Beilguelman explica:

A obra intelectual e artística na Internet não mais se apresenta exclusivamente como a produção íntegra e perene de autores que se pode reconhecer, mas também como obra coletiva, múltipla e, frequentemente, anônima, fragmentada, incompleta, mutante e, muitas vezes, fugaz. Aqui prevalece uma perspectiva combinatória que, no limite, pode levar a uma certa letargia esquizofrênica e à institucionalização da barbárie intelectual”, mas que também “pode estar apontando para uma renovação cultural em que a criação artística, intelectual e científica se insere em um outro jogo de articulações”, o que “exigiria uma reflexão sobre o resguardo do patrimônio intelectual numa formação cultural que pode prescindir da noção de autoria (1997, p. 190)

Contudo, a apropriação da obra acaba sendo mais visível do que a autoria de fato. Tanto que, nos posts analisados, quando há referências, as citações costumam ser as menos curtidas pelo internauta. Destaca-se, como exemplo, as duas primeiras postagens realizadas no mês de junho de 2018. No dia 8 de junho às 7:53 uma publicação foi feita com a seguinte frase acompanhada da foto abaixo. “Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada.” – Clarice Lispector em “Água viva”.



Figura 14: Imagem ilustrativa utilizada no post da Página do *Facebook* **ClariceLispector** publicado no dia 08/06/2018.

Fonte: <https://www.facebook.com/pg/ClariceLispector-1625152767735526/posts/> Data de Acesso: 09/06/2018

Essa postagem teve vinte e três curtidas e quatro compartilhamentos. Em relação aos mais de 52.519 (cinquenta e dois mil quinhentos e dezenove) seguidores isto representa que 0.04% dos integrantes desta página interagiram com o conteúdo referente a Clarice Lispector através de curtidas, e 0.007% dos membros desta

comunidade compartilharam o trecho da escritora em seus perfis na rede social *Facebook*. O que isso quer dizer? Clarice é mais aceita como uma ideia, do que efetivamente consumida em seu conteúdo. Possivelmente, a maior parte não conhece os escritos clariceanos, mas deseja estar associado à sua imagem.

Outro exemplo é o fragmento do post de 10 de junho de 2018, retirado de *A Descoberta do Mundo*, no qual Clarice filosofa sobre o sentido da vida e da morte.



Figura 15: Postagem da Página do Facebook **ClariceLispector** publicada no dia 10/06/2018. Fonte: <https://www.facebook.com/pg/ClariceLispector-1625152767735526/posts/> Data de Acesso: 15/06/2018.

O alcance do post (747 pessoas) não foi compatível com o compartilhamento e curtidas: apenas seis curtidas, o que representa 0.01% do total de integrantes da página **ClariceLispector**. Os números permanecem expressamente inferiores em comparação a quantidade de seguidores da página

O mês de junho de 2018 conta com o total de cinco postagens sobre a escritora brasileira Clarice Lispector, e mais doze sobre temas de fim de relacionamento escritos pelo próprio administrador da página, ou ainda citando autores desconhecidos.

Em um levantamento qualitativo destaca-se a problemática sobre a autoria de Clarice Lispector referente as frases compartilhadas em seu nome, e as motivações para os internautas se identificarem com trechos específicos. Em termos quantitativos deixa-se em evidencia três parâmetros que funcionam para avaliar a

repercussão do conteúdo clariceano que estão disponíveis para todos: o número total de seguidores, as curtidas e os compartilhamentos das postagens.

Dados como comportamento dos seguidores, quantidade de curtidas e número do alcance da página só pode ser fornecido pelo próprio gerenciador. Reconhecendo a relevância do presente estudo, Carlos Nascimento generosamente viabilizou para esta pesquisa o acesso irrestrito a todas as informações métricas fornecidas pelo próprio *Facebook*. Faz-se importante ressaltar a dinâmica da página **ClariceLispector** e seus valores correspondentes dentro dos parâmetros estabelecidos. E para a completa compreensão desse fluxo de conteúdo apresenta-se abaixo a continuação das respectivas postagens que dizem respeito a escritora durante todo o mês de junho de 2018.

Publicado por Geovana Pádua · 11 de junho às 20:22 ·

É PRECISO IR EMBORA.

Por ClariceLispector

Quem sente sua falta não sente menos ou mais porque você foi embora – apenas sente por mais tempo! O sentimento não muda. Algumas pessoas nunca vão esquecer do seu aniversário, você estando aqui ou na Austrália. Esse papo de “que saudades de você, vamos nos ver uma hora” é politização. Quem sente sua falta vai sempre sentir e agir. E não se preocupe, pois o filtro é natural. Vai ter sempre aquele seletivo e especial grupo que vai terminar a frase “Que saudade de você...” com “por isso tô te mandando esse áudio”; ou “porque tá tocando a nossa música” ou “então comprei uma passagem” ou ainda “desce agora que tô passando aí”. Então vá embora. Vá embora do trabalho que te atormenta. Daquela relação que você sabe não vai dar certo. Vá embora “da galera” que está presente quando convém. Vá embora. Por minutos, por anos ou pra vida. Se ausente, nem que seja pra encontrar com você mesmo.

1.299 pessoas alcançadas

Impulsionar publicação

Curtir · Comentar · Compartilhar

Caroline Rocha, Alexandra Alves e outras 30 pessoas · Mais relevantes

7 compartilhamentos

Publicado por Geovana Pádua · 14 de junho às 16:31 ·

“A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia.”

(Clarice Lispector)

597 pessoas alcançadas

Impulsionar publicação

Curtir · Comentar · Compartilhar

Jaqueline Siar, Ane Lee Santos e outras 8 pessoas

2 compartilhamentos

Publicado por Geovana Pádua · 11 de junho às 20:49 ·

Curta ClariceLispector

ClariceLispector
@ClariceLispector

“Tudo me atinge, vejo demais, ouço demais, tudo exige demais de mim.”

631 pessoas alcançadas

Impulsionar publicação

Curtir · Comentar · Compartilhar

Jessica Barros, Marco Antonio e outras 17 pessoas

1 compartilhamento

Figura 16: Postagens da Página do *Facebook* **ClariceLispector** publicadas, respectivamente, nos dias 11/06/2018 e 14/06/2018.

Fonte: <https://www.facebook.com/pg/ClariceLispector-1625152767735526/posts/> Data de Acesso: 15/06/2018

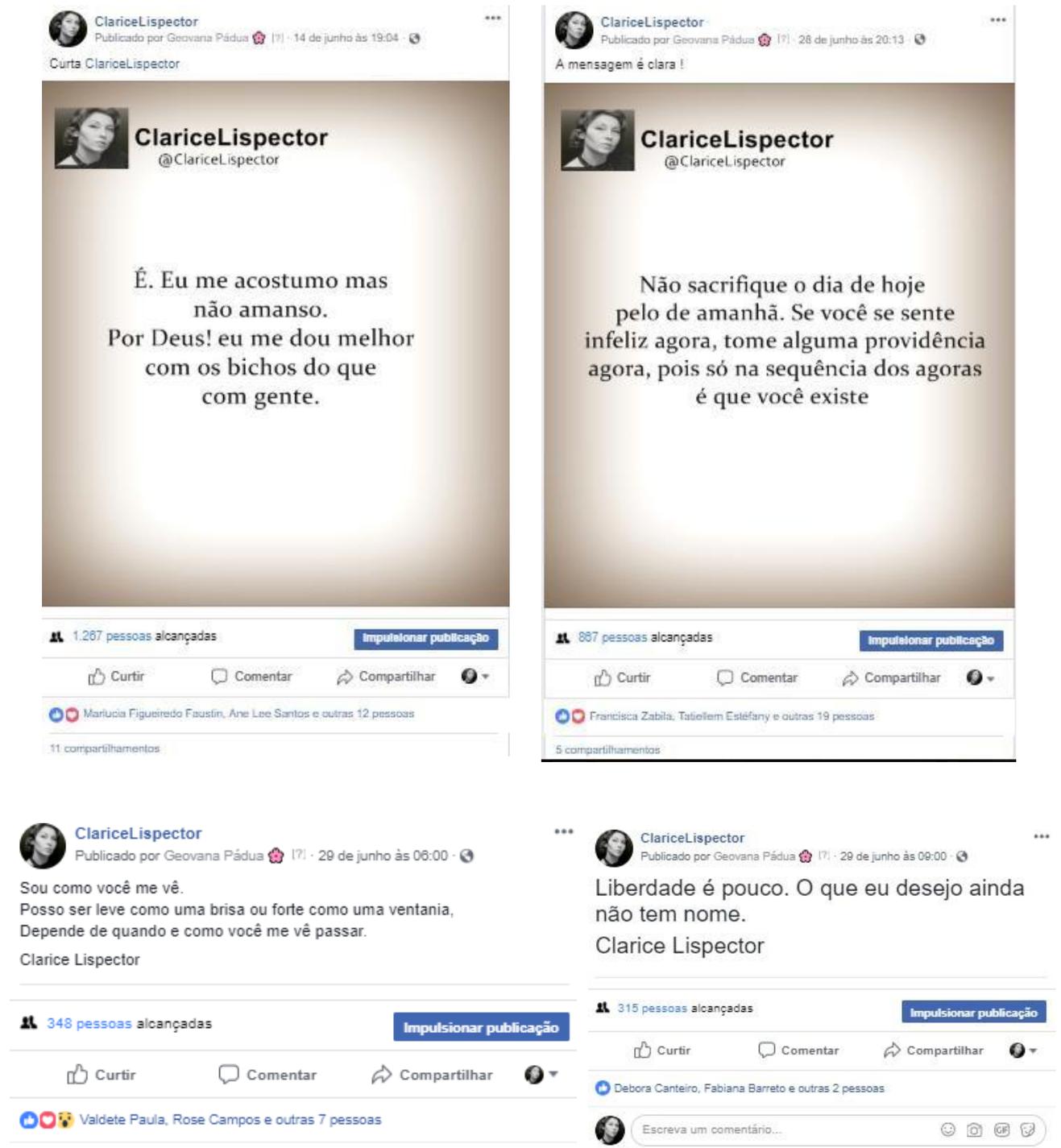


Figura 17: Postagens da Página do Facebook **ClariceLispector** publicadas, respectivamente, nos dias 14/06/2018; 28/06/2018; e 29/06/2018.

Fonte: <https://www.facebook.com/pg/ClariceLispector-1625152767735526/posts/> Data de Acesso: 30/06/2018

Com todos os dados numéricos cedidos pelo administrador da página **ClariceLispector** foi possível a realização de uma análise quantitativa ampla, e que transborda as limitações das informações públicas oferecidas pelo *Facebook*. Para uma eficiente interpretação dos números adquiridos e para o entendimento da projeção dos fragmentos retirados das obras de Clarice Lispector, foram desenvolvidos fluxogramas e tabelas que evidenciam o fenômeno clariceano nas redes sociais, mesmo que os fragmentos dos textos sejam atribuídos equivocadamente à autora.

Os dados mostram - em que em determinado momento que coincide com as comemorações de 40 anos de seu falecimento - Clarice Lispector provocou grande interesse dos internautas e dos criadores de conteúdo na internet, ocasionando o que aqui denominamos um “fenômeno Clarice”. O melhor desempenho da página aconteceu em dezembro de 2016. O alcance da página chegou a aproximadamente 1 milhão e 300 mil, contra 746 mil em janeiro de 2016, e 150 mil em fevereiro de 2016. Contudo, mesmo depois de diminuído o pico de acesso, os internautas continuam seguindo a página, embora passivamente, sem postar ou compartilhar. O total de seguidores da página, iniciada em 2014, até hoje, junho de 2018, é de 52.503.



Figura 18: Fluxograma por mim desenvolvido a partir de dados cedidos por Carlos Nascimento, gerenciador da página do *Facebook* **ClariceLispector**.

Fonte: Dados cedidos por Carlos Nascimento em 01/07/2018

ALCANCE				
(O número de pessoas em cujas telas foi colocada qualquer publicação de sua Página)				
Picos de Desempenho (publicações)	Desempenho Médio (publicações)	Picos de Compartilhamento	Picos de Curtidas	Alcance Total da Página
9 de Dezembro/2016 1.322.132 perfis	Jul/2016 – Jul/2017 24.039 perfis	8 de Dezembro/2016 5.974	8 de Dezembro/2016 26.450 curtidas	8 de Dezembro/2016 792.973 perfis
6 de Janeiro/2017 746.969 perfis	Jul/2017 – Jul/2018 2.490 perfis	5 de Janeiro/2017 5.129	5 de Janeiro/2017 29.230 curtidas	5 de Janeiro/2017 852.409 perfis
11 de Fevereiro/2017 153.039 perfis	Jan/2018 – Jul/2018 3.690 perfis	29 de Janeiro/2017 177	10 de Fevereiro/2017 1.374 curtidas	13 de Janeiro/2017 18.415 perfis

Figura 19: Tabela por mim desenvolvida a partir de dados cedidos por Carlos Nascimento, gerenciador da página do *Facebook* **ClariceLispector**.
Fonte: Dados cedidos por Carlos Nascimento em 01/07/2018

☐ Alcance

PUC-Rio - Certificação Digital Nº I613360/CA

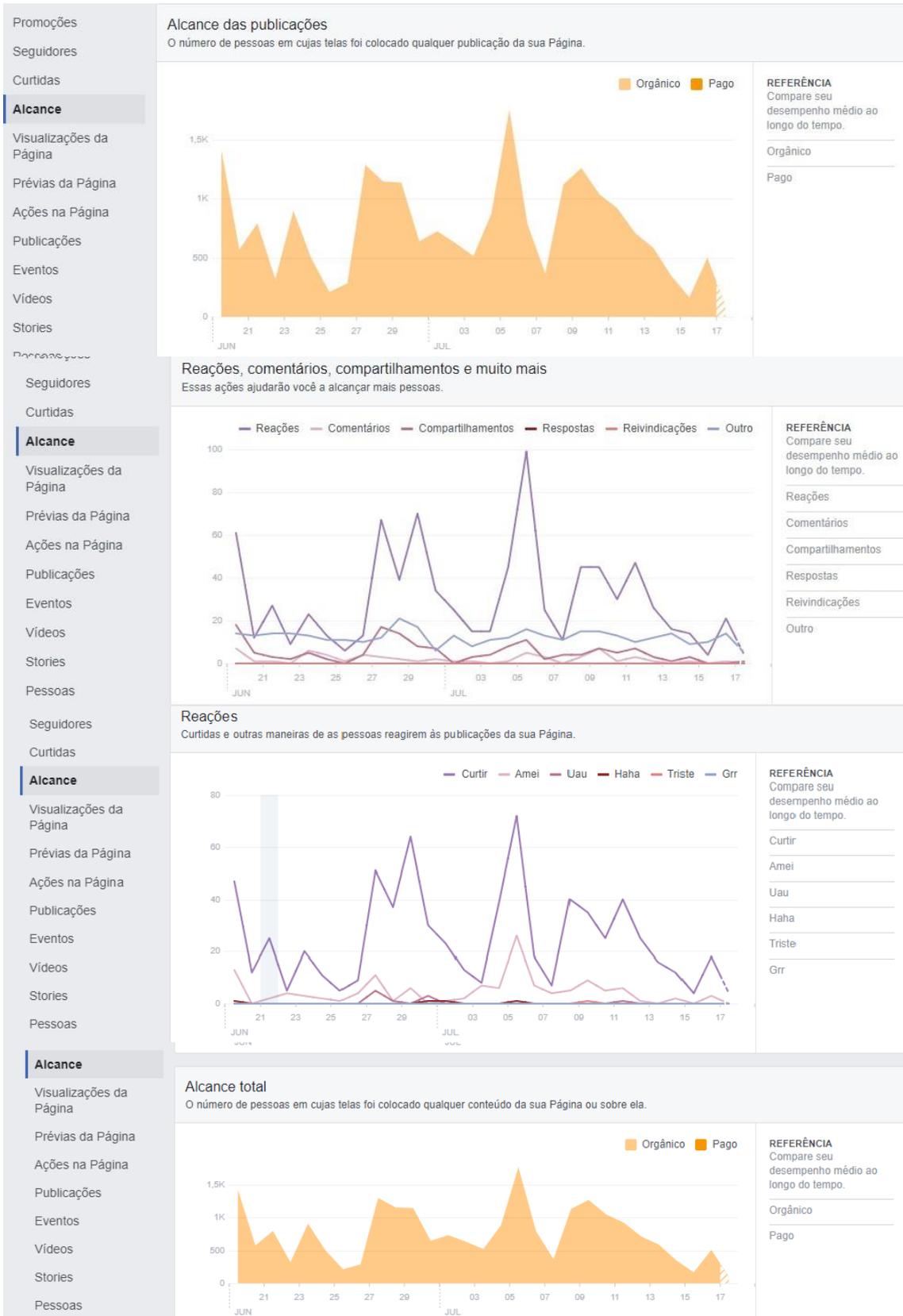


Figura 20: Dados sobre o alcance retirados da Página **ClariceLispector** gerenciada por Carlos Nascimento.

Fonte: www.facebook.com (disponibilizada de maneira privada) Data de acesso: 02/06/2018.

- **Visualização da Página**



Figura 21: Dados sobre a visualização da página **ClariceLispector** gerenciada por Carlos Nascimento.

Fonte: www.facebook.com (disponibilizada de maneira privada) Data de acesso: 02/06/2018

Comportamento dos Seguidores



Figura 22: Dados sobre o comportamento dos seguidores da página **ClariceLispector** gerenciada por Carlos Nascimento.

Fonte: www.facebook.com (disponibilizada de maneira privada) Data de acesso: 02/06/2018.

- **Clarice Lispector Frases:** “Por possuir bastante material de boa parte dos livros dela que li, material esse que eu não achava justo que ficasse restrito aos meus cadernos”



Figura 23: Capa da Página do *Facebook* **Clarice Lispector Frases**.

Fonte: <https://www.facebook.com/Clarice-Lispector-Frases-199810793528594/> Data de Acesso: 10/07/2018.

Com mais de 80 mil seguidores, Juliana Vasconcelos, 38 anos, do município de Barreiros, em Pernambuco, 110 km da capital Recife, investe entre uma a duas horas no dia que programa para fazer a atualização de sua página dedicada à escritora brasileira Clarice Lispector, o que acontece entre duas ou três vezes ao mês. Com a expectativa de compartilhar, nesses dias escolhidos, entre cinco e seis trechos das obras da autora, Juliana Vasconcelos não estabelece metas para o crescimento da página, apenas deseja que aqueles que se interessem pelo material desenvolvido sintam-se bem-vindos no espaço que a mesma criou.

Clarice Lispector Frases foi formada em 2013 a partir de uma observação feita pela administradora sobre outras páginas existentes na rede social. “[...] as que já existiam no *Facebook* não me satisfaziam por serem publicações repetitivas e pouco variadas do que eu já havia visto na própria internet. Por isso achei que seria interessante ver publicado um acervo mais variado de trechos de livros da escritora.” Juliana conheceu Clarice Lispector a partir de indicações, e seu contato com as obras da escritora teve início no ano de 2012. A partir daí a mesma se

considera fã da literatura clariceana, e afirma que a maioria das pessoas encontra algum tipo de identificação com as temáticas abordadas pela autora.

Sobre a missão de Juliana Vasconcelos com a sua página, a gerenciadora de **Clarice Lispector Frases** afirma: “O meu propósito ao criar a página foi o de disseminar a obra da escritora, fazer com que mais pessoas tenham acesso e se interessem a conhecer a obra dela. Além do propósito de ver um conteúdo mais vasto da Clarice na internet.” Para alcançar esses objetivos, Juliana estabeleceu uma dinâmica que é compatível com a sua rotina. A administradora reconhece:

Confesso que a frequência das postagens da página que eu administro não é tão regular quanto a das demais páginas no *Facebook* sobre a escritora. Atualmente faço postagens de uma a duas vezes por mês, entre cinco e seis frases por vez. Acho suficiente. Até agora recebi apenas uma queixa de um seguidor pedindo para que eu não deixasse a página "morrer", oferecendo-se para administrá-la comigo; não aceitei, preferi continuar com minhas postagens intervaladas. No geral, público tudo através do celular, às vezes uso o computador também, mas prefiro o celular por ser mais prático e o meu principal meio de acesso à internet.³⁵

A administradora demonstra os fundamentos de sua motivação para o desenvolvimento de um material que, neste espaço disponibilizado pelo *Facebook*, assuma a posição de repositório atento das obras de Clarice Lispector, tendo como propósito o fácil acesso dos fãs a um conteúdo autêntico. E mesmo com um arranjo particular no compartilhamento de conteúdo, no qual a mesma evidencia ser diferente das demais páginas dedicadas à Clarice Lispector, Juliana Vasconcelos adquiriu um público significativo de seguidores. A gerenciadora de **Clarice Lispector Frases** reitera que o crescimento da página se deu de maneira despreziosa:

Percebi o crescimento da página depois que uma seguidora chamou minha atenção para isso. Foi em 2014. A página tinha sido criada a apenas um ano. E sinceramente, não fico monitorando o crescimento. Claro que desejo que cada vez mais pessoas sigam, compartilhem, interajam com a página. Mas o meu intuito é o de gravar na internet trechos de livros da Clarice, como uma espécie de aperitivo, um convite que atice a curiosidade e o interesse das pessoas que ainda não conhecem a obra dessa escritora maravilhosa e levar também prazer a quem já conhece. A boa aceitação da página foi uma grande e feliz surpresa para mim. Não esperava mesmo. Isso mostra como Clarice Lispector é querida até hoje. Uma das escritoras mais populares. O próprio *Facebook* possui ferramentas que ajudam o administrador a acompanhar o desempenho da página, através delas é possível ter

³⁵ Todas as citações a seguir foram adquiridas através de entrevista feita por correspondência eletrônica com Juliana Vasconcelos no dia 10 de julho de 2018

uma ideia do crescimento da mesma, como quantas pessoas curtiram a página na semana, por exemplo. Mas como disse, não me preocupo muito em monitorar.

Com uma dedicação exclusiva a página **Clarice Lispector Frases**, Juliana Vasconcelos interage com os seguidores apenas através desse espaço. Não organiza eventos, reuniões ou qualquer tipo de encontro. A gerenciadora alega que se sente estimulada pelos comentários de seus seguidores, ou através de mensagens privadas, pois assim eles demonstram um carinho particular para com a escritora, e também com os fragmentos de suas obras. Ela aponta que trata-se de um público eclético com pessoas entre 20 a 60 anos, de maioria feminina. Sendo que os mais jovens são os mais ativos na interação.

Quando questionada sobre sua percepção no que diz respeito ao interesse de seus seguidores com Clarice Lispector, e se ela considera esse movimento ascendente de seguidores como um fenômeno literário nas redes sociais, Juliana confirma:

Acho que assim como eu, a grande maioria das pessoas se identifica com as frases publicadas na página. Clarice Lispector tinha o dom de traduzir (ou chegar bem perto disso) os anseios da alma humana; ela era intuitiva, profunda, íntima, o que Clarice sentia, escrevia. E com seus escritos, ela alcançou a simpatia das pessoas que sentiam o mesmo que ela. Graças a essa correspondência, Clarice foi conseguindo, com seu trabalho, influenciar de forma positiva a vida de muita gente; ela tinha o dom de saber falar de coisas que inquietam, questões da vida mais centradas no eu; parecia que ela adivinhava as coisas, tentando se descobrir, se entender. Acabou por iniciar as pessoas no caminho do autoconhecimento, talvez venha daí o interesse das pessoas pela escritora. Talvez esse fascínio que Clarice desperta venha dessa correspondência de sentimentos, emoções, ânsias. Clarice não apenas se tornou um fenômeno literário nas redes sociais, como esse fenômeno é consequência de seu já aclamado talento. Consagrada no mundo todo, Clarice é uma das escritoras mais requisitadas por editoras estrangeiras. O sucesso da autora nas redes sociais é uma extensão do reconhecimento de seu trabalho.

Analisando o que foi produzido na página **Clarice Lispector Frases** no mês de junho de 2018, segue abaixo as postagens feitas por Juliana Vasconcelos para os seus seguidores.

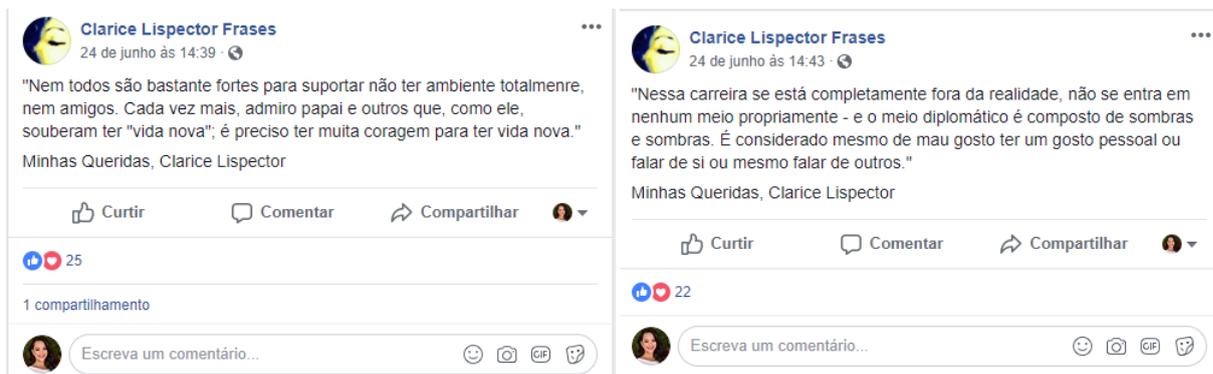


Figura 24: Postagens da Página do *Facebook* **Clarice Lispector Frases** publicadas no dia 24/06/2018.

Fonte: <https://www.facebook.com/Clarice-Lispector-Frases-199810793528594/> Data de Acesso: 10/07/2018.

☐ **Alcance**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº I613360/CA

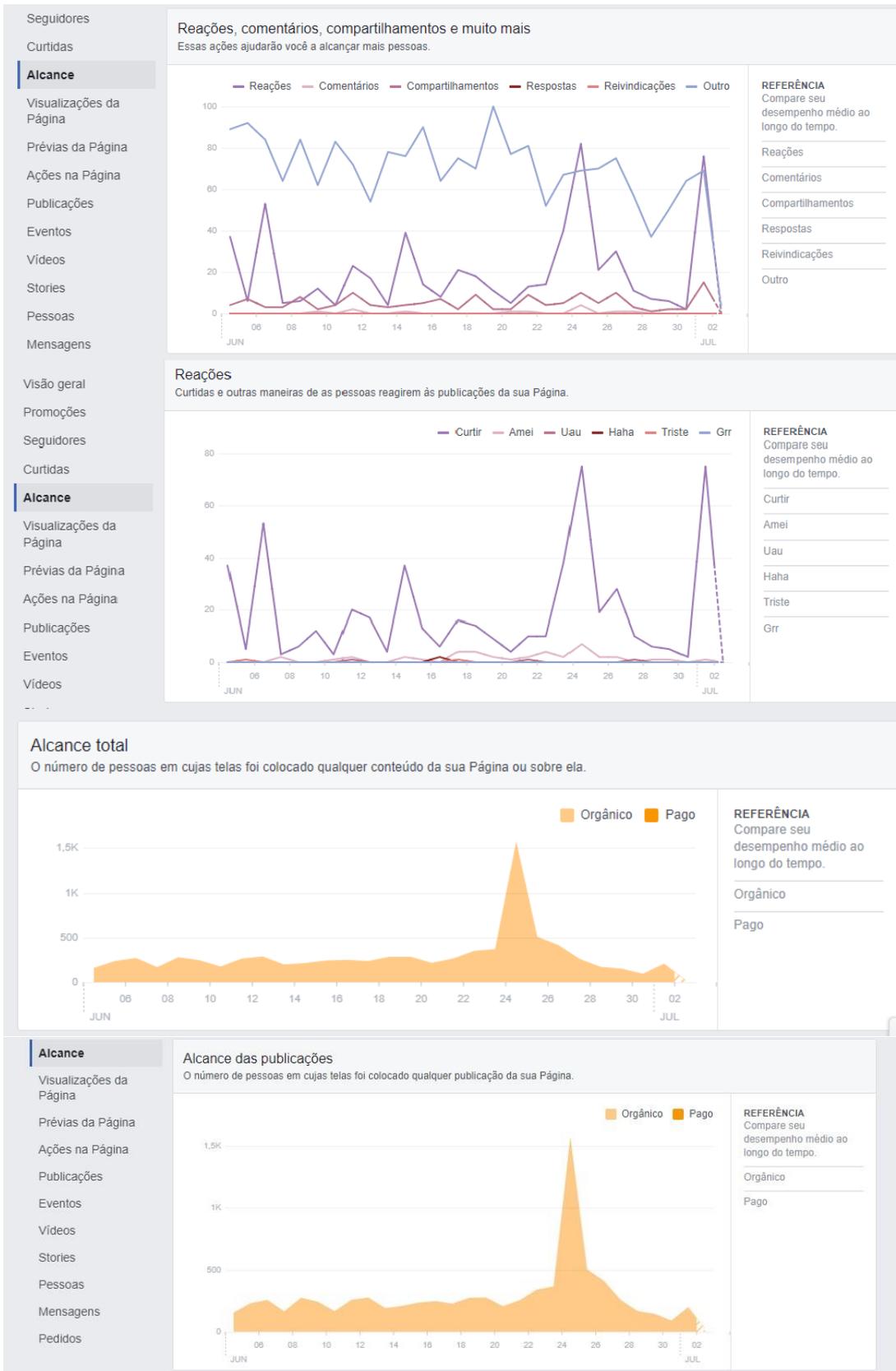


Figura 25: Dados sobre o alcance da página **Clarice Lispector Frases** gerenciada por Juliana Vasconcelos.
Fonte: www.facebook.com (disponibilizada de maneira privada) Data de acesso: 02/06/2018.

• Visualização da Página

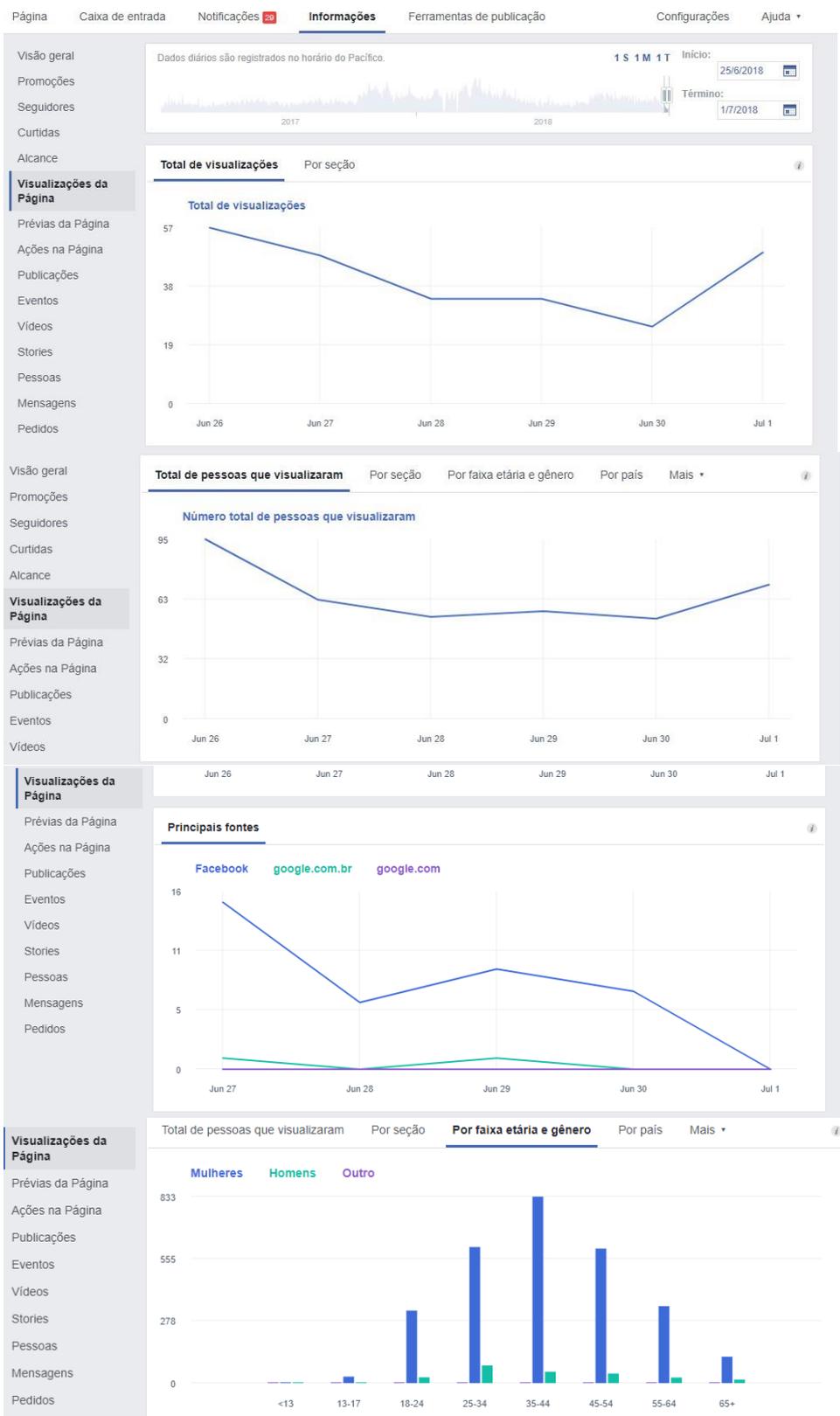


Figura 26: Dados sobre a visualização da página **Clarice Lispector Frases** gerenciada por Juliana Vasconcelos.

Fonte: www.facebook.com (disponibilizada de maneira privada) Data de acesso: 02/06/2018.

Comportamento dos Seguidores



Figura 27: Dados sobre o comportamento dos seguidores da página **Clarice Lispector Frases** gerenciada por Juliana Vasconcelos.

Fonte: www.facebook.com (disponibilizada de maneira privada) Data de acesso: 02/06/2018.

5. Considerações Finais

Após observar no dia-a-dia das redes sociais diversos perfis compartilhando frases - muitas vezes atribuídas a Clarice Lispector mesmo sem serem trechos de sua autoria – e, percebendo um uso cada vez mais rotineiro da imagem de escritora na internet, deu-se o tema desta pesquisa acadêmica. A identificação do público leitor com os fragmentos e trechos da escritora Clarice Lispector, e a projeção de sua imagem carregada de valor simbólico atribuído pelos internautas, revelou-se um fenômeno curioso e um enigma a ser decifrado.

Sendo considerada uma literatura rebuscada e inacessível para muitos, Clarice surpreende pelo destaque no universo midiático. Com um total de quase três milhões de seguidores distribuídos em quase 100 páginas no *Facebook*, frases retiradas de suas obras são distribuídas diariamente e, encontram-se com frequência associadas aos mais heterogêneos perfis na rede social. Contudo, também aparecem frases atribuídas à autora, que não são de sua autoria e que levanta essa respectiva questão no meio digital.

A distinção da abordagem de profissionais e amadores na missão de manter vivo o legado de Clarice Lispector através da internet foi o principal aspecto abordado por essa pesquisa. A cultura da participação elencada por Jenkins (2006) é considerada um fenômeno centrado na criação e compartilhamento de conteúdo que é desenvolvido pelo próprio receptor a partir da ideia que sua colaboração é relevante para os demais. Nas comunidades em rede, o consumo nos meios digitais (JENKINS, FORD E GREEN, 2013) diz respeito a produção e distribuição de material colaborativo para pólos de interesse. Nas palavras do autor:

Os consumidores são agentes criativos fundamentais na constituição do universo ficcional transmídia, pois são eles que, ao atenderem o convite para estabelecerem essas conexões, definem não apenas os usos das mídias, mas também aquilo que efetivamente circula entre elas. Muitos jovens já fazem parte desse processo de participação adotando novas formas de produzir conteúdo (JENKINS, 2006).

Na aplicação desse conceito, a presença de Clarice Lispector como referência icônica também foi discutida nesta dissertação. Fãs comuns e autoridades no campo literário produziram distintos conteúdos em sites e redes sociais que, juntos, construíram o “fenômeno Clarice” na web. Se as autoridades, especialistas

no tema, conferem legitimidade aos sites que os utilizam e os emprega como curadores; as páginas no *Facebook* dão o tom de Clarice como personalidade popular, um produto e uma imagem que são consumidas, mesmo que em muitas circunstâncias o público leitor não está familiarizado com sua obra.

Clarice Lispector figura entre as grandes autoras da Literatura Brasileira. Ao menos, no entender dos críticos literários. Sua atuação, inclusive, transcendeu os domínios do livro como suporte. Trabalhou nos jornais, sendo cronista do *Caderno B* no *Jornal do Brasil* por seis anos. E conquistou o público leitor feminino escrevendo colunas com o pseudônimo Teresa Quadros para o jornal *Comício*; assinou sob o nome Helen Palmer para o jornal *Correio da Manhã*; e foi *ghost writer* da famosa modelo Ilka Soares no jornal *Diário da Noite*.

A compreensão de sua trajetória como escritora de jornais, revistas, contos, crônicas, e romances faz parte da missão do Instituto Moreira Salles (IMS). Levando em consideração que o site exclusivo de Clarice Lispector desenvolvido pelo IMS – detentores do acervo da escritora – foi escolhido para ser analisado como repositório “oficial” de informações sobre a autora, a partir dele, revela-se uma estrutura que cumpre sua tarefa com uma produção educativa e formal, majoritariamente literária, que não traz em sua construção o objetivo de interação com o público, devido seu caráter estático. Um espaço consultivo que mesmo apresentando uma produção refinada que conta com renomados professores e pesquisadores do universo clariceano, não busca correspondência com o grande público e não acompanha a correnteza virtual em que os receptores são, também, produtores (BECKER, 2009).

A extensão do conteúdo desenvolvido sobre a vida e obra de Clarice Lispector para o site do Instituto Moreira Salles (IMS) impressiona devido o acesso a variedade de materiais sobre a escritora. Com seções destinadas, por exemplo, a disponibilização de artigos, dissertações e teses sobre Clarice Lispector. Também é possível encontrar trechos das obras da autora referenciados a locais da cidade do Rio de Janeiro através de mapa geográfico da cidade com seus pontos turísticos propriamente clariceanos. Ou ainda, ver o manuscrito original da obra *A Hora da Estrela*, e a digitalização do caderno de notas de bordo da autora. Com diversas outras particularidades, o conteúdo apresentado na internet pelo IMS está ancorado

na legitimidade do material produzido a partir do trabalho de autoridades no assunto, um capital simbólico (BOURDIEU, 1996).

O estudioso e especialista nas obras da escritora brasileira, Carlos Mendes Sousa, foi categórico em sua entrevista sobre a relevância, para pesquisadores, de uma plataforma como a desenvolvida pelo IMS. Ao mesmo tempo, o assistente cultural do Departamento de Literatura do IMS, Victor Doblas Heringer, compartilhou os dados de acesso ao site no mês de fevereiro de 2018 que revela 3.806 visitantes. Um valor bastante inferior se comparado aos seguidores de páginas sobre Clarice Lispector no *Facebook* que foram filtrados, para análise, a partir da marca de 50.000 seguidores.

Para acompanhar a dinâmica das redes sociais, acompanhou-se o comportamento dos usuários do *Facebook* em relação aos trechos e fragmentos das obras de Clarice Lispector. No caso das redes sociais, o principal material empírico coletado foram os números de curtidas, compartilhamentos e manifestações espontâneas (posts) que revelam o interesse do internauta. Assim, o acompanhamento diário das páginas selecionadas na busca de conteúdo novo, e principalmente, na obtenção de números que orientassem os parâmetros métricos que favoreceriam uma análise qualitativa e quantitativa por parte da produção amadora foi destacado. Tal acompanhamento não era possível ser feito no site do IMS, pelo fato do mesmo ser um acervo, e não colaborativo.

Compreende-se a expressividade dos números que revelaram o “fenômeno Clarice” nas redes sociais como um pico de desempenho em razão de um momento histórico específico tanto para a escritora brasileira, quanto para o desenvolvimento de conteúdo no *Facebook*. Na passagem de 2016 para 2017 iniciou-se comemorações dos 40 anos de morte de Clarice Lispector (9 de dezembro de 1977). Fato esse que movimentou o mundo literário brasileiro e internacional para prestar as devidas homenagens a autora. Observa-se, em primeiro lugar, que a maioria das páginas selecionadas sobre Clarice Lispector foram criadas mais ou menos no mesmo período, isto é, no ano de 2014 e 2015. E nessa época, as páginas registraram um valor reduzido e estável sob o número de seguidores, curtidas e compartilhamentos; e, também, o número de visualização da página e alcance. Em segundo lugar, examinando o histórico métrico das páginas do *Facebook*, verifica-

se que os picos de desempenho se deram no final do ano de 2016 e no início de 2017. A partir de meados de 2017 os números caíram e mantiveram-se estáveis a partir daí.

Esse fluxo revela algo que tinha sido comentado em entrevista por Victor Doblás Heringer do IMS sobre o acesso ao site. O produtor cultural afirmou que, durante o final de ano, a visualização do site exclusivo de Clarice Lispector sempre aumentava devido ao evento *Hora de Clarice* que acontecia na data do seu aniversário (10 de dezembro). Levando este dado em consideração, a página **ClariceLispector** gerenciada por Carlos Nascimento tem um pico de desempenho em dezembro de 2016 com um alcance total de 1.322.132 perfis que pode ser facilmente compreendido. Com apenas 6.567 seguidores no dia 28 de outubro de 2016, no dia 9 de janeiro de 2017 a página registrou 44.832 seguidores. Esse crescimento exponencial atinge seu clímax, e em seguida apresenta uma queda.

A motivação para esse declínio é enunciada pelo próprio gerenciador ao falar sobre a “baixa” das páginas orgânicas. Sobre esse assunto, o líder do time de marketing de produtos para anúncios do *Facebook*, Brian Boland explica:

Apenas há alguns anos, compartilhar momentos e experiências importantes, matérias que você leu e fotos e vídeos de quem você gosta era um processo um tanto trabalhoso. Hoje, graças a dispositivos como os smartphones, muitas pessoas podem compartilhar esse conteúdo com apenas alguns toques na tela. Agora há muito mais conteúdo sendo produzido do que tempo para consumi-lo. Em média, existem 1.500 histórias que poderiam aparecer no seu Feed de notícias a cada vez que você se conecta ao Facebook. Para pessoas com muitos amigos ou que curtem muitas Páginas, pode haver até 15.000 histórias em potencial em cada acesso à plataforma.

Como resultado, a competição no Feed de notícias — o posicionamento no Facebook onde as pessoas veem o conteúdo de sua família e amigos, assim como o de empresas — está crescendo e se torna mais difícil para cada história ganhar espaço de destaque nesse posicionamento. Além do aumento da quantidade de conteúdo, as pessoas estão curtindo cada vez mais Páginas.

Esses dois momentos históricos, tanto para Clarice Lispector, quanto para a produção de conteúdo no Facebook, podem sugerir uma interpretação pragmática da existência do “fenômeno Clarice” na web, levando em consideração seus altos e baixos. Mas a persistência de seu conteúdo existencial e introspectivo, e o valor simbólico reiterado em sua imagem icônica, continua a ser reafirmado por fãs e autoridades literárias.

6. Referências Bibliográficas

ALMINO, João. **De Machado a Clarice: a força da literatura**. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500 - 2000): a grande transição. São Paulo: SENAC, 2000.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil 1900 – 2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BECKER, Howard S. **Falando de sociedade. Ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: Obras escolhidas I. São Paulo. Brasiliense, 1969.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **O poder do simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2001.

CAMBARÁ, Isa. **Clarice Lispector: Não escrevo para agradar a ninguém**. Folha de S. Paulo, 10 set.1975.

CHIAPPINI, Lígia. **Pelas ruas da cidade uma mulher precisa andar: leitura de Clarice Lispector**. In: **Literatura e sociedade**. Revista do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 1, 1996.

COGO, Denise, BRIGNOL. Liliane. **Redes Sociais e os estudos de recepção na internet**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.

FERREIRA, Teresa Cristina Monteiro. **Eu sou uma pergunta: Uma biografia de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FINAMOUR, Jurema. **Clarice Lispector**. Jornal de Letras, set. 1960.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultural. **Interpretações das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP& amp; A, 1992.

HOHLFELD, Antônio. **Uma tarde com Clarice Lispector**. Correio do Povo, 3 jan. 1971.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos de Literatura Brasileira: Clarice Lispector**. Vols 17 e 18. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004.

IVO, Lêdo. **Melhores crônicas de Lêdo Ivo**. Org. Gilberto Mendonça Teles. São Paulo: Global, 2004.

JENKINS, Henry. **Confronting the challenges of participatory culture**. Cambridge: The MIT Press, 2009.

_____. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KADOTA, Neiva Pitta. **A tessitura dissimulada: o social em Clarice Lispector**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1997.

LERNER, Julio. **Clarice Lispector, essa desconhecida**. São Paulo: Via Lettera, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro – reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **A bela e a fera**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

_____. **A cidade sitiada**. Rio de Janeiro: A Noite, 1948.

_____. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

_____. **Água Viva** [1973]. Rio de Janeiro: Artenova, 1993.

_____. **Alguns contos**. Os Cadernos de Cultura. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação 1952.

_____. **Correio Feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. **Entrevistas**. Rio de Janeiro, Rocco, 2007.

_____. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1971.

_____. **Laços de família**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MANOVICH, Lev. **The Database**. In: *The Language of New Media*. Massachusetts: MIT Press, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los médios a las mediaciones**. Mexico: Gustavo Gilli, 1987.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

MELHO, José Marques de. **A Crônica. In: Jornalismo e literatura: a sedução da palavra.** São Paulo: Escrituras Ediroa, 2002.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

MOSER, Benjamin. **Clarice.** São Paulo: Cosaic Naify, 2011.

NOLASCO, Edgar Cezar. **Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura.** São Paulo: Annablume, 2001.

NUNES, Maria Aparecida. **Clarice Lispector jornalista: Páginas femininas & outras páginas.** São Paulo: Senac São Paulo, 2012.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo: Contexto, 2002.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **A fantástica verdade de Clarice.** Revista USP. São Paulo, mar./maio, 1990.

PONTIERI, Regina. **Clarice Lispector: uma poética do olhar.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres Jornalistas: A Grande Invasão.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

ROSENBAUM, Yudith. **Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector.** São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector.** 2. ed. São Paulo: Vozes, 1993.

_____. **A travessia do oposto.** São Paulo: Annablume, 1993.

SANTIAGO, Silviano. **A política em Clarice Lispector.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 29 nov, 1997. Caderno Idéias.

SARTRE, Jean-Paul. **Em Defesa dos Intelectuais.** São Paulo: Ática, 1994. Trad. Sergio Goes de Paula.

SCHWARZ, Roberto. **Perto do coração selvagem.** In: _____. *A sereia e o desconfiado.* São Paulo: Civilização Brasileira, 1965.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação. Criatividade e generosidade no mundo conectado.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SILVA, Susana Souto. **Diálogos possíveis: primeiros críticos de Clarice Lispector.** 1999. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Carlos Mendes de. A revelação do nome. **Cadernos de Literatura Brasileira—Clarice Lispector. São Paulo: Instituto Moreira Salles, ns, v. 17, n. 18, p. 140-191, 2004.**

VIEIRA, Telma Maria. **Clarice Lispector: uma leitura instigante.** São Paulo: AnnaBlume, 1998.

WALDMAN, Berta. **Clarice Lispector: a paixão segundo C.L.** 2. ed. São Paulo: Escuta, 1999.

ZILBERMAN, Regina (Org.) **Clarice Lispector: a narração do indizível.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, EDIPUC, Instituto Judaico Marc Chagal, 1998.